



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CFP-CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**ROMÁRIO FARIAS MOURA MONTEIRO**

**“O COMUNISTA SOU EU”:**

A poesia de Avelino Laurentino da Silva e as lutas dos trabalhadores rurais

(Paulista-PB 1975-1985)

**CAJAZEIRAS-PB**

**2023**

ROMÁRIO FARIAS MOURA MONTEIRO

**“O COMUNISTA SOU EU”**

A POESIA DE AVELINO LAURENTINO E AS LUTAS DOS TRABALHADORES  
RURALS (PAULISTA-PB 1975-1985)

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao curso de Licenciatura em  
História, pela Universidade Federal de  
Campina Grande Campus Cajazeiras,  
como requisito parcial à obtenção do  
grau de licenciatura em História

Orientador (a) Professora Dra. Rosilene  
Alves de Melo

**CAJAZEIRAS-PB**

**2023**

## Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

M775c	Monteiro, Romário Farias Moura. “O Comunista sou Eu”: A poesia de Avelino Laurentino e as lutas dos trabalhadores rurais (Paulista-PB 1975-1985) / Romário Farias Moura Monteiro. – Cajazeiras, 2023. 106f. : il. Bibliografia.  Orientadora: Profa. Dra. Rosilene Alves de Melo. Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2023.  1. Poesia popular- Paulista- Município- Paraíba. 2. Avelino Laurentino- poesia. 3. Trabalhadores rurais- Nordeste-Brasil-1970-1980. 4. Sindicato- trabalhadores rurais. 4. Cordel- formação cultural. I. Melo, Rosilene Alves de. II. Título.  UFCG/CFP/BS CDU – 82- 91(813.3)
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

ROMÁRIO FARIAS MOURA MONTEIRO

“O COMUNISTA SOU EU”

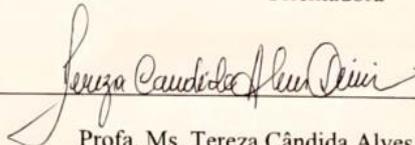
A POESIA DE AVELINO LAURENTINO E AS LUTAS DOS TRABALHADORES  
RURAS (PAULISTA-PB 1975-1995)

CAJAZEIRAS, PARAÍBA

Aprovado em 04/12/2023.

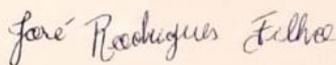
Documento assinado digitalmente  
**gov.br** ROSILENE ALVES DE MELO  
Data: 06/12/2023 14:41:40-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Rosilene Alves de Melo (UFCG)  
Orientadora



---

Profa. Ms. Tereza Cândida Alves Diniz (URCA)  
Membro externo



---

Prof. Ms. José Rodrigues Filho (IFPB)  
Membro externo

---

Osmar Luiz da Silva Filho  
Suplente

*Dedico esse trabalho a todas as pessoas  
que depositam na educação pública a  
confiança em dias melhores*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente sou grato a Deus pelo dom da vida e por poder partilhar os momentos e experiências e pelas pessoas que tive a oportunidade de conviver até hoje, das quais carrego um pouco de ensinamento de cada uma. Agradeço a minha família de modo geral por ter me apoiado nessa jornada da graduação, que apesar de muitas vezes ser cheia de adversidades, como na maior parte das experiências humanas, até hoje foi uma das etapas mais enriquecedoras que pude experimentar.

Agradeço aos meus colegas de universidade que se tornaram amigos para a vida. Em especial, Antonio Marcos de Lima, Jainnara Alves de Matos, Marcos Vinícius de Almeida Linhares, Abimael Moura, Odoniel Bernardo, obrigado por fazerem parte de todos os momentos de aprendizado e de amizade que compartilhamos juntos. E aos demais colegas da turma 2018.1, que posso dizer sem modéstia alguma, foi uma das turmas mais brilhantes que pude presenciar no curso de História do CFP-UFCG, tendo em vista o cenário de Pandemia que vivenciamos, cortes de recursos e ataques à educação e mesmo assim a maioria conseguiu concluir o curso de forma exemplar.

Agradeço também aos professores do CFP-UFCG, que proporcionam aos estudantes do curso de História uma formação com qualidade, vocês são e foram exemplo de resiliência e perseverança durante todo o período de adversidades que o país atravessou de 2019 a 2022 com um governo que fazia questão de atacar publicamente a educação. Por esse direito inalienável de todo cidadão, saímos às ruas para fazer “balbúrdia” e podem ter certeza que essa pessoa que escreve humildemente essas linhas sairá quantas vezes for preciso para que os filhos e filhas das classes trabalhadoras continuem a ter a uma educação de qualidade e gratuita.

Expresso minha gratidão pelas pessoas que me proporcionaram algumas das fontes que tornaram essa pesquisa possível de ser realizada, como a professora da rede estadual de educação da Paraíba, Maria Salete Laurentino da Silva, filha do poeta Avelino Laurentino. As fontes que me foram fornecidas pela professora Salete são de suma importância para a construção desse trabalho. Sou grato também ao Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Paulista-PB, no qual seus organizadores contribuíram de forma expressiva para o acesso aos arquivos e a localização dos documentos necessários à pesquisa.

Agradeço de forma especial à minha orientadora, a Professora Dra. Rosilene Alves de Melo por me acompanhar no desenvolvimento deste trabalho e por todo o conhecimento que me proporcionou por meio de conversas e de suas produções acadêmicas, que em grande medida além de me servirem como referência na construção dessa pesquisa, são fonte de inspiração pela forma como são escritos. Certa vez em uma orientação me recordo que a professora Rosilene relatou que a escrita de uma pessoa é como suas impressões digitais, algo que nos torna únicos, atualmente concordo plenamente com isso. Posso afirmar que a forma como a professora Rosilene escreve, (assim como sua pessoa) é cativante, quem começa a ler um de seus trabalhos sempre vai querer saber o que vem nas linhas seguintes.

Agradeço ainda de forma especial a minha esposa pela paciência que me teve durante esse percurso da universidade e por ser uma das razões que me fizeram continuar, mesmo nos momentos em que pensei em desistir. Sou grato também a meus pais Francenildo Moura Monteiro, homem do campo formado nas lições da vida que me ensinou apenas pelo seu exemplo a ser uma pessoa que deseja sempre o bem do próximo, a honestidade, a simplicidade, a dignidade. E a minha mãe Maria do Carmo de Farias Moura que me incentivou mais do que todos para que eu me dedicasse aos estudos. E a minha irmã Raissa Farias Moura que me apoiou em todos os momentos nesse percurso.

Por fim, agradeço de forma mais que especial a minha avó/mãe Francisca Alves Monteiro (in memoriam) que foi a pessoa que mais me apoiou nos estudos e me deu as melhores lições nessa vida. “Chiquinha” não estudou em escola, mas era autodidata em diversos ramos da ciência da vida. Palavras não podem expressar a gratidão que tenho pela senhora, te amarei eternamente.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo formular uma compreensão acerca de como o poeta e sindicalista Avelino Laurentino da Silva, por meio de suas poesias teria procurado criar nos trabalhadores rurais do município de Paulista-PB, uma consciência de classe juntando ideais do sindicalismo à poesia popular nordestina conhecida como cordel. Para tanto, buscou-se desenvolver a pesquisa a partir da análise de produções poéticas do autor Avelino e de documentos emitidos por ele enquanto esteve à frente da presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Paulista-PB. Esta análise ocorre sobretudo a partir de uma abordagem da História Cultural trabalhando conceitos como cordel, poesia, cultura popular e outros afins. Quando necessário recorrer-se-á à História Social, buscando entender como funcionava o sistema de trabalho no sertão paraibano nas décadas finais do século XX, sobretudo a situação dos agricultores que viviam como “moradores” ou “meeiros” nas grandes fazendas. Desse modo, a partir da observação e do cruzamento dos dados coletados, tendo como fontes: Atas e Ofícios da referida instituição, poemas e outras, foi possível perceber que as produções artísticas do poeta em questão com os documentos disponibilizados pelo STR de Paulista, permitiram observar como o poeta retratou a situação dos trabalhadores rurais em suas poesias e ainda como essas produções teriam alcançado outros espaços de repercussão além de sua área de atuação como sindicalista e poeta. Portanto, foi possível concluir que a arte, em suas diferentes formas pode e deve se constituir enquanto um instrumento de luta em prol das causas sociais.

**Palavras-Chave:** Avelino Laurentino. Poesia popular. Direitos. Trabalhadores rurais.

## **ABSTRACT**

This work aims to formulate an understanding of how the poet and trade unionist Avelino Laurentino da Silva, through his poetry he sought to create among rural workers in the municipality of Paulista-PB, a class consciousness bringing together ideals of trade unionism with popular northeastern poetry known as cordel. To this end, we sought to develop research based on the analysis of poetic productions of the author Avelino and documents issued by him while he was in charge of presidency of the Rural Workers Union (STR) of Paulista-PB. This review occurs mainly from a Cultural History approach working on concepts such as cordel, poetry, popular culture and other related topics. When necessary, the Social History, seeking to understand how the work system worked in the backlands Paraíba in the final decades of the 20th century, especially the situation of farmers who they lived as “residents” or “sharecroppers” on large farms. In this way, from the observation and crossing of collected data, having as sources: Minutes and Official Letters of the mentioned institution, poems and others, it was possible to perceive that artistic productions of the poet in question with the documents made available by the STR of Paulista, allowed us to observe how the poet portrayed the situation of rural workers in his poems and also how these productions would have reached other spaces of repercussion in addition to his area of activity as a trade unionist and poet. Therefore, it was possible to conclude that art, in its different forms, can and should constitute itself as an instrument fighting for social causes.

Keywords: Avelino Laurentino. Popular poetry. Rights. Rural workers.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. AS INFLUÊNCIAS DO CORDEL PARA A FORMAÇÃO CULTURAL DOS TRABALHADORES RURAIS DO NORDESTE.....</b>	<b>17</b>
1.1 POESIA POPULAR: UM OBJETO DE PESQUISA.....	17
1.2 CORDEL:UM VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO NO SERTÃO NORDESTINO.....	22
1.3 CORDEL (POESIA POPULAR): UM INSTRUMENTO DE REIVINDICAÇÃO SOCIAL.....	26
<b>2. A IMPORTÂNCIA DA POESIA POPULAR EM PAULISTA PARA A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO DE AVELINO LAURENTINO.....</b>	<b>32</b>
2.1 AS LUTAS DOS TRABALHADORES RURAIS NO NORDESTE BRASILEIRO ENTRE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980.....	32
2.2 AS DINÂMICAS SOCIAIS EM PAULISTA-PB ENTRE AS DÉCADAS DE 1970-80 (ECONOMIA E CULTURA).....	35
2.3 AS CONTRIBUIÇÕES DA POESIA POPULAR EM PAULISTA PARA A FORMAÇÃO SOCIAL DE AVELINO LAURENTINO.....	40
<b>3. DO SINDICATO AO CORDEL: as lutas dos trabalhadores rurais de Paulista e a poesia de Avelino Laurentino.....</b>	<b>49</b>
3.1 AS REIVINDICAÇÕES DOS TRABALHADORES RURAIS DE PAULISTA NA GESTÃO DE AVELINO LAURENTINO NO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS (1975-1985).....	49
3.2 UMA VISÃO DO SISTEMA DE TRABALHO DE “PARCERIA” A PARTIR DA POÉTICA DE AVELINO LAURENTINO.....	57
3.3 A REPRESENTATIVIDADE DAS PAUTAS DOS TRABALHADORES RURAIS E A POESIA DE AVELINO LAURENTINO.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS.....	84
ANEXOS.....	87
ANEXO A.....	87

ANEXO B .....	88
ANEXO C .....	89
ANEXO D.....	90
ANEXO E .....	91
ANEXO F .....	92
ANEXO G .....	93
ANEXO H.....	94
ANEXO I.....	95
ANEXO J.....	96
ANEXO K.....	97
ANEXO L.....	98
ANEXO M.....	99
ANEXO N.....	100
ANEXO O.....	101
ANEXO P.....	103
ANEXO Q.....	104
ANEXO R.....	105

## INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como uma de suas premissas a produção de uma compreensão acerca das trajetórias de sujeitos que deixaram suas marcas no tempo, mesmo sem ocupar cargos políticos ou posições sociais privilegiadas. Este é o caso de Avelino Laurentino da Silva e de suas contribuições para as causas dos trabalhadores rurais em Paulista-PB e demais localidades onde suas ideias possam ter reverberado.

Para além de buscar compreender a pessoa de Avelino Laurentino, este estudo buscará também traçar um breve panorama em torno de suas ações enquanto sindicalista e poeta cordelista, com destaque para sua atuação no município de Paulista-PB, onde apesar de não ter sido natural desta localidade, foi lá que viveu a maior parte de sua vida, trabalhou, constituiu família e desempenhou um papel de suma importância no trabalho de conscientização dos trabalhadores rurais que estavam em busca da conquista de direitos básicos, como o acesso à terra e o reconhecimento de seus direitos trabalhistas.

Um outro aspecto desse estudo a ser destacado diz respeito ao contato com as fontes de pesquisa, que particularmente falando, se mostra como um dos momentos mais instigantes da operação historiográfica. A investigação histórica mostrou-se como um momento capaz de revelar as relações sociais de pessoas que tiveram suas experiências de vida marcadas por outras formas de pensar de interagir com seus pares e com o espaço social ao qual pertenciam.

Dessa forma, essa operação historiográfica revela-se como um momento em que o contato entre recortes das situações vividas por essas pessoas, apontam possibilidades para formular algumas compreensões das dinâmicas sociais existentes em tempos passados acerca de questões que ainda não foram totalmente resolvidas. Como é o caso da questão da distribuição desigual de terras no Brasil até os dias de hoje.

É de suma importância ainda procurar entender como sujeitos históricos a exemplo Avelino Laurentino desenvolveram formas de atuar sobre essas questões, recorrendo ao elemento da poesia popular, sendo que essa manifestação cultural, foi e ainda se encontra bastante presente na sociedade atual no interior do nordeste brasileiro, servindo também muitas vezes como uma forma que os poetas usam para representar anseios por melhores condições de vida. Com este trabalho buscaremos ainda produzir uma compreensão mais detalhada acerca dos processos econômicos, políticos e sociais

que permearam cenário das lutas sociais entre os detentores da posse de terras e os trabalhadores agregados naquelas propriedades, tendo como espaço de pesquisa a região que compreende o médio piranhas que ganha esta denominação por estar localizada entre as regiões do Alto e do Baixo Piranhas.

A pesquisa se restringe mais especificamente ao município de Paulista no sertão da Paraíba e tem como foco principal compreender estas dinâmicas sociais por meio de vestígios históricos deixados por quem presenciou e fez parte daquela conjuntura. E, também das representações desses processos que foram produzidos em forma de poesia pela pessoa de Avelino Laurentino da Silva, poeta popular e cofundador do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais desse município, instituição essa que o poeta presidiu por mais de uma década.

Tendo limite temporal entre a década de 1975 a 1985, sendo esse, de acordo com os documentos analisados, um momento de intensa atuação de Avelino Laurentino, enquanto esteve à frente da instituição sindical. Se faz relevante mais um esclarecimento inicial, que o foco da pesquisa se limita ao aspecto de atuação do poeta e sindicalista enquanto figura pública, não sendo tão relevante entrar em aspectos de sua vida pessoal, embora em alguns momentos seja necessário pontuar alguns eventos que podem ter contribuído de significativamente para a formação social e da sua personalidade e suas formas de protesto.

Como justificativa da pesquisa devem ser levados em consideração alguns fatos constatados ao longo do estudo, como por exemplo a verificação de que algumas produções poéticas de Avelino Laurentino já teriam sido estudadas por outros pesquisadores, a exemplo de Maria Ignez S. Paulilo, professora do programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, em 1978. Sendo que essa pesquisa tem como tema “*A Parceria no sertão paraibano*”.

Nela, a professora analisa a situação dos trabalhadores rurais agregados em fazendas após o declínio da produção de algodão, que seria a principal fonte de emprego no campo pelo menos até as décadas de 1970 e 1980 no sertão nordestino. Nessa pesquisa a autora recolhe relatos de trabalhadores depois da desagregação do trabalho na terra apontando os impactos sociais causados por esse evento. Nesse estudo ela apresenta um dos poemas de Avelino Laurentino intitulado “*Hoje mendigo na rua*”, que

retrata a situação em que os trabalhadores ficaram após serem mandados embora das fazendas para viverem na cidade sem as condições necessárias para isso.

Este e outros poemas de Avelino Laurentino são citados em trabalhos acadêmicos de uma considerável contribuição para a compreensão das lutas dos trabalhadores rurais, como por exemplo Maria do Socorro Abreu e Lima, que em sua pesquisa “*Trabalhadores e comunicação: a zona da mata de Pernambuco*”, faz menção a uma das estrofes que estão contidas no cordel de Avelino Laurentino “*A luta dos trabalhadores e a CONCLAT aos trabalhadores e ao povo brasileiro*”. No entanto o poeta ainda ganha pouco destaque nesse trabalho, de modo que não é dedicada uma atenção maior a compreender as dinâmicas sociais gerais e locais que teriam levado o autor a formar uma compreensão da situação que se encontravam os trabalhadores de sua região por meio de poesias.

Nesse estudo a autora apresenta algumas das primeiras estrofes deste cordel de Avelino.

São José bom carpinteiro/ pai adotivo do amor/ honraste como ninguém/ a luta do agricultor/ neste mundo de incerteza/ nos ajudai na defesa/ do homem trabalhador. (...), Mas até que um dia ele/ procurando solução/ pensou em sair das trevas/ pediu a Deus proteção/ e entre os outros encontrou/ força, coragem e ação. Enfrentou medo e rigor/ perseguição e boato/ reuniu-se aos companheiros/ da vila, cidade e mato/ com amor de bom irmão/ era unir-se em sindicato”. (Silva apud Abreu e Lima, 2008, p.285).

Já em um outro estudo produzido pela Universidade Federal de Campina Grande, intitulado “*O eu que conto do sertão é isso*” de 1978, vem à tona também um pouco da situação dos trabalhadores rurais que sobreviviam por meio do sistema de trabalho conhecido como “parceria” ou arrendamento. E contém também algumas falas do poeta Avelino em discurso no Sindicato Rural de Paulista na busca de conscientizar a importância dos trabalhadores rurais em se unirem em instituições representativas como os sindicatos rurais, com o objetivo de que suas reivindicações fossem ouvidas.

Já no que diz respeito à relevância social desta pesquisa, tentou-se demonstrar de forma clara e contundente que as questões aqui apresentadas, como direitos dos trabalhadores rurais, a necessidade constante de cobrança junto às autoridades competentes nessa questão, de certa forma apesar de ter sido uma temática que teve alguns avanços, mas ainda há em nossa sociedade muito por fazer quando se trata da distribuição de terras.

Ademais, esse estudo buscou dar prioridade aos modos como as pessoas agiram nesse intuito em um estado de exceção das liberdades políticas como ocorreu no período da ditadura civil-militar implantada no Brasil entre 1964 e 1985. De modo que se os trabalhadores sem posses nem poder não tivessem as condições necessárias para enfrentar a situação estabelecida naquele momento, uma das principais maneiras teria sido recorrer aos meios legais de atuação e buscar a união em torno de causas dos trabalhadores sem-terra.

Dito isto, buscamos entender como aquelas pessoas que viveram em uma época com menos meios de comunicação disponíveis a seu favor, com poucos representantes na política e com o mínimo de recursos, conseguiam mobilizar expressivas parcelas da sociedade para reivindicar seus direitos. Desse modo, ao estudarmos esses eventos e esses sujeitos que fizeram história tentaremos compreender um pouco das dinâmicas que tornaram esses fatos possíveis de serem realizados e quais as influências no pensamento coletivo que a poesia popular teria proporcionado onde ela conseguiu ser difundida.

Assim surgiu essa pesquisa que tem como tema “O COMUNISTA SOU EU”: *a poesia de Avelino Laurentino e as lutas dos trabalhadores rurais Paulista-PB (1975-1985)*”. Sendo que essa pesquisa tem como objetivo geral justamente compreender as dinâmicas sociais que deram origem aos poemas de Avelino Laurentino e qual os impactos de suas produções para as causas dos trabalhadores rurais da região em que ele atuou como militante.

Para os objetivos específicos foi concluído que se faz necessário antes de tudo compreender minimamente o que se entende por poesia popular, cordel e conceitos afins. Desse modo, essa parte do trabalho foi desenvolvido com esse objetivo. Em um segundo momento foi destacada a pertinência de o leitor entender um pouco de como se constituíram as relações sociais na sociedade de Paulista-PB nas décadas finais do século XX e quais as influências desse espaço no desenvolvimento da produção poética de Avelino Laurentino. Já no terceiro capítulo foram analisadas as fontes de pesquisadas que foi possível ter acesso, como as próprias poesias de Avelino, atas e ofícios sindicais redigidos por ele enquanto presidiu o Sindicato, bem como um documentário produzido pela UFCG, mostrando um pouco de sua atuação sindicalista.

Desse modo, a estrutura dos capítulos foi organizada no intuito de traçar uma sequência de eventos e contextos que possam facilitar o entendimento de como a pessoa de Avelino Laurentino teria angariado um certo destaque social em sua época de atuação enquanto sindicalista, obviamente tanto em virtude de sua competência em suas atribuições mas também devido às suas produções poéticas, que se difundiram além do seu espaço de atuação e até o presente momento não haviam sido alvo de uma pesquisa mais detalhada.

Assim sendo, a estruturação desse trabalho se deu da seguinte forma. No primeiro capítulo “*AS INFLUÊNCIAS DO CORDEL PARA A FORMAÇÃO CULTURAL DOS TRABALHADORES RURAIS DO NORDESTE*”, buscou-se apresentar algumas compreensões de o que seria a literatura de cordel e a poesia popular e suas influências na formulação de ideias dos povos que viviam no interior do nordeste brasileiro ao longo do século XX, mas principalmente em suas décadas finais.

Em um segundo momento tenta-se compreender minimamente as estruturas e formas de relações sociais existentes no município de Paulista-PB durante a década de 1975 a 1985, por ser o espaço e o tempo a que esta pesquisa se limita a buscar traçar um panorama histórico. O capítulo é intitulado “*A IMPORTÂNCIA DA POESIA POPULAR EM PAULISTA PARA A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO DE AVELINO LAURENTINO*”. De modo que nessa parte é possível também entender um pouco das influências que o poeta Avelino vivenciou em sua formação enquanto cidadão atuante.

No terceiro e último capítulo, foi feita uma análise documental, como também de certa forma um cruzamento de informações, tanto as que estão contidas nos documentos disponibilizados pelo Sindicato Rural de Paulista, como ofícios e atas de reuniões etc. Como também a partir das poesias do autor em questão, que tratam das pautas trabalhistas de forma mais enfática. Esse capítulo é intitulado “*DO SINDICATO AO CORDEL: AS LUTAS DOS TRABALHADORES RURAIS DE PAULISTA E POESIA DE AVELINO LAURENTINO*”.

Nessa parte foram apresentados uma série de documentos que retratam como o poeta Avelino agia diante das adversidades para garantir minimamente os direitos para uma parte da classe trabalhadora que historicamente teve a sua cidadania negada, no caso o trabalhador rural sem propriedade. Mas que por meio das lutas deles e de seus representantes foram aos poucos conseguindo alguns ganhos através de ações

coletivas. E este é mais um entre tantos outros esforços de pesquisa que têm como objetivo principal tirar essas lutas e seus protagonistas da invisibilidade histórica.

Através de uma análise qualitativa dos dados coletados foi possível fomentar estratégias para um bom desenvolvimento do trabalho, de modo que a partir desse tipo de abordagem podemos compreender a natureza dos dados e ainda a sua forma de produção. Com isso nos possibilitando uma melhor compreensão das situações vivenciadas pela pessoa de Avelino Laurentino da Silva nos momentos em que ele compilou tantos os documentos oficiais produzidos no Sindicato Rural de Paulista quanto os documentos informais que nesse caso são as suas poesias, e que situações teriam levado o autor a se colocar em defesa das pautas trabalhistas.

Metodologicamente este trabalho se pauta nas linhas de pesquisa da história cultural e social, abordando alguns conceitos que perpassam as duas linhas correntes de pesquisa. Nesse sentido recorreu-se a autores da História Cultural como Roger Chartier, Durval Muniz de Albuquerque Júnior e outros ainda que trabalham com ambas as linhas de pesquisa como Edward Palmer Thompson, Peter Burke e outros autores que discorrem sobre os temas de cultura, cultura popular, lutas sociais, cordel, poesia popular entre outros. E ainda por meio da análise de fontes primárias e secundárias, como os já mencionados documentos disponibilizados pelo sindicato rural de Paulista-PB e fontes secundárias como algumas em que as produções desse autor são utilizadas para retratar a situação dos trabalhadores rurais.

Desse modo, esta forma de abordagem das fontes históricas preza pela análise de como as pessoas organizavam suas vidas a partir da observação das manifestações culturais. Sendo o objetivo desse estudo, formular uma contribuição a respeito de como poeta em questão teria vivenciado e produzido compreensões acerca das formas como os trabalhadores rurais lutavam ou não por seus direitos fundamentais, como o acesso à terra, previdência social, proteção contra perda das lavouras em caso de prejuízo por fatores climáticos ou pela invasão de rebanhos de animais do próprio dono da terra, dentre outros.

## CAPÍTULO I

### 1 AS INFLUÊNCIAS DO CORDEL PARA A FORMAÇÃO CULTURAL DOS TRABALHADORES RURAIS DO NORDESTE BRASILEIRO

Esse capítulo tem como objetivo apresentar algumas compreensões sobre o tema da Literatura de Cordel, sobretudo em sua estrutura, sua conceituação pelos principais teóricos desse estilo literário e ainda como esse tipo de manifestação cultural conseguiu uma ampla difusão no sertão do nordeste brasileiro e ainda quais seus impactos na formação intelectual para as que viviam longe dos grandes centros urbanos sem acesso a outros meios de informação em larga escala, a exemplo da mídia impressa.

Discorre-se ainda com relação à passagem às transformações sociais, econômicas e culturais ocorridas nas sociedades interioranas do Nordeste com a chegada de elementos característicos da modernidade, como o rádio e a televisão e quais os impactos desses meios de comunicação na população sertaneja no que diz respeito aos usos do cordel, e como este foi gradativamente sendo incorporado a esses novos elementos da modernidade.

Trata-se ainda de buscar compreender como o cordel, vai se transformando ao longo desse período de um elemento de entretenimento para se configurar como um instrumento de lutas sociais, principalmente dos camponeses sem terra nas reivindicações por seus direitos, tomando mais ênfase a partir do golpe de estado de 1964, quando as lutas das classes populares voltaram a ser duramente reprimidas pelo governo e os trabalhadores tiveram que se apropriar de outras formas de engajamento por seus direitos, dentre as quais uma das mais difundidas no Nordeste do país teria sido o cordel.

#### 1.1 POESIA POPULAR: UM OBJETO DE PESQUISA

A literatura de cordel ao longo de sua trajetória no Nordeste brasileiro vem sendo alvo de debates e pesquisas acadêmicas. Sobretudo, a partir da segunda metade do século passado e início do atual, devido ao seu imenso repertório a respeito de assuntos ligados aos povos do sertão nordestino que, geralmente, tiveram suas vivências e experiências culturais negligenciadas por uma historiografia de cunho predominantemente economicista que teria predominado pelo menos durante quase toda primeira metade do século XX.

Além disso, seria importante apontar algumas definições teóricas relativas ao conceito de “cordel”. Vejamos o conceito que apresenta Durval Muniz de Albuquerque Júnior a respeito desse conceito.

Como uma manifestação cultural popular, o cordel ultrapassa a visão representativa para se tornar produção de linguagem, ultrapassa a

noção de obra e autor. Ele produz uma “realidade” nascida da reatualização de uma memória popular que entrelaça acontecimentos das mais variadas temporalidades e espacialidades. Presentificando-as, colocando-as acima do tempo corrosivo da história, uma prática discursiva que inventa e reinventa a tradição e, como tal, interessava a um grupo de intelectuais também preocupados com a estabilidade espaço-temporal. A literatura popular possui uma estrutura narrativa com preceitos paradigmáticos que são manipulados de forma crítica ou não pelo narrador popular. É uma literatura que obedece a normas bem definidas a um protótipo fabular que pode ser recoberto e “deformado” por enxertos e acréscimos individuais (Albuquerque Júnior, 2011, p. 130).

Dessa forma, é possível inferir que a literatura de cordel, como é comumente conhecida, poderia ser definida muito mais por sua estrutura do que pelo seu suporte, pensando nisso, para além da disseminação da poesia dentro do suporte folhetos, é possível também inferir que a própria poesia difundida oralmente se insere dentro do estilo do cordel. Tendo em vista que o cordel se caracteriza também pela estrutura narrativa que o constitui.

Ainda de acordo com o mesmo autor a respeito do papel que o cordel desempenhou para o desenvolvimento do conceito de nordeste, Durval afirma que:

O cordel fornece inclusive a visão tradicionalista que impregnará parte da produção sobre a esta região. O “primitivismo” ou o “barbarismo” da fabulação oral parece, pois, ser a forma mais adequada para expressar uma região cujo conteúdo também se vê como “primitivo” ou “barbarismo”, uma forma não moderna de expressão para mostrar uma região também não moderna. Um Nordeste construído com narrativas de ex-escravos, de pessoas sem sobrenome, com histórias ouvidas na infância, com histórias que circulavam em toda aquela área; histórias de cangaceiros, de santos, de coronéis, de milagres, de secas, de cabras valentes e brigões, de crimes, de mulheres perdidas, do sertão mítico, repositório de uma pureza perdida, nostalgia de um espaço ainda não “desnaturalizado” pelas relações sociais burguesas (Albuquerque Júnior, 2011, p. 130).

Se essas hipóteses são passíveis de confirmação, podemos então entender que esse estilo literário teria sido e continua sendo plenamente utilizado no espaço geográfico que atualmente se entende como Nordeste brasileiro. Tendo suas raízes nas literaturas orais ibéricas, aqui, do outro lado do Atlântico, teria ganhado espaço principalmente a partir das últimas décadas do século XIX, em sua forma escrita. Em sua forma oral, no entanto, é difícil definir uma origem cronológica precisa.

Além disso, Costa (2012, p. 13) aponta que “os folhetos de cordéis do final do século XIX e do início do século XX eram veículos informativos que

desempenhavam a função dos meios de comunicação popular”. Nesse sentido, o que se percebe é que, essencialmente no espaço geográfico compreendido como Nordeste, a partir da segunda década do século XX, os meios de comunicação, como a imprensa, seriam escassos, contudo, o cordel teria se difundido com facilidade, levando entretenimento e informação às populações camponesas que seriam majoritárias em relação aos centros urbanos, pelo menos até a primeira metade deste século.

Além de seus elementos informativos, a poesia popular, fosse oral ou escrita, teria desempenhado um papel central na informação e formação intelectual de leitores e ouvintes da região, uma vez que a maioria dos consumidores desse produto era formada pela população rural do interior do sertão nordestino dentre a qual predominava o analfabetismo. Sendo assim, em certa medida, o cordel teria contribuído consideravelmente para uma boa parte da população rural daquela época para os primeiros contatos com a literatura escrita.

Ademais, se faz necessário adentrar nessas temáticas de modo mais específico, para isso, será preciso, portanto, abordar alguns conceitos fundamentais que não podem ser deixados de lado ao se trabalhar com cordel, como as seguintes categorias: Cultura Popular, Cordel, História Local, História Social, Nordeste, Lutas Camponesas, dentre outros.

Para trazer ao debate uma categoria bastante pertinente a esta discussão. Inicialmente, cabe apresentar algumas compreensões sobre Cultura Popular, já que é um dos conceitos centrais da temática. O que se sabe é que a Cultura Popular não é um conceito simples de ser definido, pois sua concepção não dispõe de um consenso entre as ciências humanas. Para Roger Chartier (1995), a Cultura Popular seria muito mais uma forma erudita de estudar as manifestações culturais dos grupos sociais que não estariam de alguma forma ligados às expressões culturais das elites letradas ou econômicas, logo:

O “popular” não está contido em conjuntos de elementos que bastaria identificar, repertoriar e descrever. Ele qualifica, antes de mais nada, um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras. Tal constatação desloca necessariamente o trabalho do historiador, já que o obriga a caracterizar, não conjuntos culturais dados como “populares” em si, mas as modalidades diferenciadas pelas quais eles são apropriados (Chartier, 1995, p. 184).

Percebemos, a partir dessa assertiva, que o autor atribui a categoria de popular não a objetos ou manifestações em si mesmo como sendo “populares” pela sua própria natureza, para ele, essa categoria “popular” estaria mais ligada às formas como esses elementos seriam utilizados e quais as suas finalidades entre diferentes grupos sociais. Nesse caso, a ideia de “popular” estaria muito menos ligada às pessoas que atuam em uma determinada prática cultural e mais ao modo como elas se apropriam de elementos culturais tidos como “populares”. Sendo assim, dito de uma forma bem simplificada, a “cultura popular” seria uma categoria de estudos criada para estudar as expressões culturais que não estão ligadas ao que se considera como elite de uma determinada sociedade.

Para Peter Burke (2005, p. 10) “o terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações”. Assim sendo, pode-se inferir que ao se debruçar sobre esse campo de conhecimento na historiografia, o pesquisador irá se deparar com uma categoria de estudos voltada para a análise de expressões de um determinado grupo social, que transmite aos espectadores suas formas de pensar e de se comportar perante o espaço e as pessoas com as quais estão em frequente contato.

Conforme aponta Martha Abreu:

Desde o final do século XIX, no Brasil, a expressão cultura popular esteve presente numa vertente do pensamento intelectual, formada por folcloristas, antropólogos, sociólogos, educadores e artistas, preocupada com a construção de uma determinada identidade cultural (Abreu, 2003, p. 2).

De acordo com essa autora, o interesse dos intelectuais no século XIX pela Cultura Popular estaria ligado à busca por um denominador comum que fosse capaz de justificar a unidade nacional do império brasileiro que havia sido recentemente emancipado de Portugal, tendo como um dos principais fatores as manifestações culturais próprias do “povo”.

No entanto, no contexto temporal mais recente, mais especificamente a partir da segunda metade do século XX, os estudos culturais passaram a ser considerados como um espaço político, e seus estudiosos se preocuparam muito mais em abordar essas manifestações sob uma perspectiva de luta política e não mais de simples manifestação folclórica. A respeito disso Abreu (2003, p. 2) destaca que:

A partir dos anos 1940/1950, cultura popular assumiu uma perspectiva política associada aos populismos latino-americanos, que procuravam

oficializar as imagens reconhecidamente populares às identidades nacionais e à legitimidade de seus governos.

Abreu (2003, p. 4) ressalta ainda que “desde Silvio Romero, no final do século XIX, a cultura popular, a poesia popular e mais entusiasticamente a música dita popular já eram apontadas por certos intelectuais como expressão da identidade nacional brasileira”. Nesse caso, o que se percebe é que a cultura popular desse período teria sido tomada como uma forma de criar uma representação das camadas populares como sendo o elemento genuíno da “brasilidade”.

De todo modo, é essencial que o pesquisador mantenha sempre um olhar crítico em relação ao conceito de “cultura popular”, uma vez que este, como já foi dito, está sempre sujeito a ressignificações ao longo do tempo, assim como grande parte dos conceitos históricos e linguísticos, em sincronia com o caráter mutável da existência humana. No entanto, o que parece ser consenso entre os pesquisadores desta área é que este conceito, apesar de ter surgido como uma categoria erudita, como aponta o próprio Chartier (1995), estaria mais voltado para investigar as práticas culturais de grupos sociais que não teriam acesso à alta cultura, sendo que até mesmo esse conceito seria passível de questionamentos, o que, no entanto, não é o objetivo principal desse trabalho.

Há autores que até então defendem que não seria possível rotular o termo “cultura” como sendo um elemento unitário, o mesmo passível de diversas nuances em seus usos. A exemplo de Edward Palmer Thompson quando ele aponta:

Mas uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole: é uma arena de elementos conflitivos. que somente sob uma pressão imperiosa — por exemplo, o nacionalismo. a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante — assume a forma de um “sistema”. E na verdade o próprio termo “cultura”, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto (Thompson, 1998, p. 17).

O que se percebe a partir das assertivas supracitadas é que conceitos como “cultura” e “popular” nesse caso não são homogêneos e podem abarcar diferentes manifestações em diferentes espaços e épocas. Isto posto, seria um risco falar do cordel como uma forma de expressão exclusivamente popular sem antes procurar entender alguns dos próprios conceitos que cercam sua análise, como por exemplo as ideias de cultura, de o que é popular, entre outros.

Porém, como uma forma de facilitar as pesquisas científicas no campo historiográfico é conveniente que se façam ligações entre as práticas sociais e os conceitos históricos, como é o caso de fazer a relação entre o cordel ou a poesia popular para um público que em sua maioria não teria acesso aos meios para usufruir da literatura erudita.

Dessa forma, é possível inferir que as camadas sociais que não teriam recursos financeiros de acesso aos meios oficiais de formação e à literatura erudita por meio, substancialmente das escolas, tendo em vista que até pelo menos as duas últimas décadas do século XX o analfabetismo era um obstáculo a ser vencido na sociedade brasileira, essas pessoas que tiveram seus direitos fundamentais negados por tanto tempo buscavam outros meios de se formar e se informar enquanto sujeitos de seu espaço social.

Portanto, o estudo das linguagens contidas no que se convencionou denominar de “cultura popular” torna-se pertinente academicamente, uma vez que elas estão carregadas de significados históricos de como as populações rurais do sertão nordestino desenvolveram através da poesia popular uma forma de representar suas vivências em seus espaços de convivência e sobrevivência.

## 1.2 CORDEL: UM VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO NO SERTÃO NORDESTINO

A poesia popular em forma de versos rimados por meio da oralidade teria sido, pelo menos até a chegada das mídias sociais nas cidades do interior do sertão nordestino, um dos principais meios de circulação de informação e entretenimento entre as vilas do interior desse espaço. Dessa forma, pelas mãos dos cordelistas ou pela voz dos repentistas, como quer fosse difundida essa poesia, ela serviu durante um longo período como veículo de comunicação entre as localidades menos desenvolvidas economicamente.

A respeito dos folhetos de cordel, apesar de sua produção ter ocorrido majoritariamente nos centros urbanos, com ênfase nas capitais dos estados do Nordeste, sua comercialização teria ganhado um grande impulso nas cidades interioranas, provavelmente pela ausência de concorrência com outros meios de comunicação. A poesia popular (cordel) se configura como uma das formas de expressão do cotidiano do sertanejo nordestino, de sua lida do trabalho no campo, no traquejo do gado, suas crenças e descrenças, enfim, suas formas de viver e se adaptar ao espaço de sobrevivência

Contudo, grande parte das poesias seriam produzidas (escritas ou cantadas) por pessoas que não pertenciam à classe trabalhadora, a exemplo de Leandro Gomes de Barros, um dos maiores expoentes dessa arte no Nordeste. Apesar de ser um dos poetas mais proeminentes na modalidade do Cordel no Brasil, as produções de Leandro Gomes de Barros, em sua maioria, não abordavam a temática dos direitos dos trabalhadores rurais. De acordo com a professora Rosilene Alves de Melo:

A característica mais marcante de sua produção poética é a utilização do humor, da jocosidade, da ironia sutil, para tecer uma crítica mordaz às mudanças dos costumes advindos com o processo de urbanização, bem como às transformações advindas do regime republicano. (Melo, 2010, p. 64)

Dadas as considerações, é possível deduzir que à época das produções poéticas de Leandro Gomes de Barros a temática dos direitos trabalhistas era pouco levada a público no espaço em que ele viveu, considerando que o Brasil passava por um processo de transição do regime escravista para o trabalho livre, de modo que os direitos dos trabalhadores seria uma questão pouco abordada no debate público naquele momento.

Além disso, o Brasil começava a entrar em processo de urbanização de forma lenta, dado que a base econômica do país se concentrava no setor rural, principalmente tendo por base produtos destinados à exportação, como o algodão, no qual essa cultura teve seu momento áureo nas primeiras décadas do século XX.

Vale ressaltar que é consenso entre os pesquisadores da área de história cultural que o cordel já circulava em uma quantidade considerável nos principais povoados do interior da região que atualmente conhecemos como Nordeste desde as últimas décadas do século XIX e ganhou mais impulso a partir do início do século XX. Ainda de acordo com Melo (2010) a literatura de folhetos teria desempenhado um papel muito importante na vida dos trabalhadores do sertão nordestino, pois a partir da escuta dessas leituras os agricultores, em sua maioria privados do direito à alfabetização, tinham contato com as primeiras letras ao mesmo tempo em que encontravam nessa arte uma espécie de momento de lazer ao final de um dia cansativo na lida do trabalho campesino.

A poesia popular teria desempenhado também a função de informar essas pessoas sobre os acontecimentos distantes, já que o jornal impresso estaria muito mais difundido nos grandes centros urbanos do país, sobretudo nas capitais. Conforme Costa

(2012, p. 13) “os folhetos de cordéis do final do século XIX e do início do século XX eram veículos informativos que desempenhavam a função dos meios de comunicação popular”.

Joice Ribeiro de Sousa aponta que:

A poesia de cordel contém temas diversificados, apesar dos poemas humorísticos terem um maior conhecimento do senso comum, os cordéis tratam de vários aspectos do cotidiano, reais ou não, podem trazer em seu contexto uma notícia, um fato histórico, fazer uma crítica social, reivindicar mudanças, proporcionar reflexões sobre os mais variados assuntos, aborda também os mistérios do sagrado citando o céu e o inferno, enfim, os cordelistas versam sobre a temática que consideram necessárias, de modo que envolva os ouvintes ou leitores, das diversas maneiras, no modo oral ou escrito (Sousa, 2021, p. 14).

Dessa forma, é possível inferir que o cordel se constituiu como uma manifestação literária direcionada a um público predominantemente iletrado ao longo de sua trajetória de desenvolvimento. É perceptível que a partir do século XVIII – em especial com o surgimento de uma nova concepção de nacionalidade que seria pautada também a partir de critérios como a linguagem e a cultura dos diferentes povos, e não apenas baseada na linhagem sanguínea das nobrezas – seria necessário encontrar meios para justificar cooptação das pessoas das classes subalternas aos movimentos de participação no contexto dessa nova configuração social. Desse modo, começam a surgir trabalhos e pesquisas de intelectuais no sentido de “criar” tradições que de certo modo justificariam a ampliação da ideia de nacionalidade também para as camadas sociais menos abastadas.

A partir das pesquisas de Melo (2019), pode-se dizer que o interesse principal por trás dessas ações seria a implantação de uma nova ordem social, e que uma de suas principais aspirações é a modernização da ideia de nacionalidade, ou a própria concepção de nacionalidade como conhecemos atualmente. Para a autora, um dos principais motivos que teria levado pesquisadores a se debruçar sobre os temas da cultura popular, sobretudo da literatura de cordel e do folclore, teria proliferado no seio da sociedade letrada ligadas às antigas oligarquias rurais, muito mais por receio de perder posições de prestígio dentro de uma sociedade que passava cada vez mais a implementar modernizações em seus sistemas de produção e de pensamento.

Todas estas questões estão permeadas de elementos de luta por meio da linguagem. O que se sabe comumente é que ao longo do tempo aqueles que detinham o domínio dos sistemas de linguagens e códigos oficiais, em certa medida participavam da

tomada de decisão das sociedades que estavam inseridos. Nesse sentido, podemos considerar que a linguagem se constituiu historicamente como um instrumento de poder.

Conforme aponta Durval Muniz de Albuquerque Júnior, a:

Cultura popular torna-se sinônimo de “cultura não alienada”, manifestações estéticas voltadas para a discussão da questão do poder e da política. Na verdade, esta chamada “cultura popular” é cada vez mais as culturas das classes médias, insatisfeitas com a pouca participação no mundo da política no país (Albuquerque Júnior, 2011, p. 284).

Dessa forma, para este autor, vê-se que a ideia de cultura popular, no contexto nordestino, deixaria cada vez mais de ser definido como manifestação espontânea do povo e passaria gradualmente a fazer parte das inquietações das antigas elites agrárias da região Nordeste. Sendo que em suas produções costumam abordar e denunciar alguns dos principais problemas sociais deste espaço: a seca, a negligência governamental, dentre outros.

Dessa forma, o cordel ou a poesia popular se constituem não apenas como um instrumento de expressão utilizados pelas camadas de trabalhadores rurais no Nordeste do Brasil. Com a chegada dos meios de comunicação cada vez mais acentuado nas populações do interior, essa prática cultural iria se consolidando como um meio de expressão discursivo-imagético das classes menos favorecidas daquele espaço. A partir desse movimento, a poesia popular passaria a angariar adeptos não apenas nos meios populares, mas também nos espaços oficiais de produção de conhecimento.

Para Thompson (1998 *apud* Abreu e Soihet, 2003), a cultura é definida como um espaço em que predomina uma constante troca de experiências entre o antigo e o novo, um campo dialético entre uma parcela da sociedade que busca manter o seu espaço social com poucas transformações e outra que busca uma maior inserção nesses espaços.

O que podemos intuir dessas colocações é que o espaço da cultura está em constante disputa entre grupos sociais que já têm seu espaço firmado em seu meio social e entre outros que buscam se inserir nesses espaços. Sendo assim, o que se percebe é que, seja pelo aumento do poder financeiro, intelectual, político ou simbólico, a cultura popular, e no caso em especial, o cordel, apresenta-se então como um objeto de disputa pelas elites políticas regionais no Nordeste brasileiro para a criação de um poder simbólico.

### 1.3 CORDEL (POESIA POPULAR): UM INSTRUMENTO DE REIVINDICAÇÃO SOCIAL

Entre os elementos de resistência contra sistemas que oprimem e exploram o trabalhador urbano ou rural, no âmbito da cultura poderíamos citar alguns dentre os quais o samba e a capoeira, trazidos pelos escravizados da África, bem como as culturas tão diversas dos povos ameríndios, que apesar de tantos ataques ao longo de mais de cinco séculos algumas ainda resistem, dentre tantos outros exemplos, mas que não convém aprofundar-se nessas questões no presente trabalho.

Outro aspecto importante a se ressaltar é que as produções artísticas estão sempre vinculadas a seu tempo e espaço social. Conforme aponta Sandra Vasconcelos (2000, p. 90-1) “a literatura de cordel representante da tradição oral da cultura popular, transmite com vigor e gera desempenhos ritualísticos ou estilizados, na recreação ou em formas de protestos”.

Ela ressalta ainda que o poeta assume uma posição distinta dentro do seu grupo: a posição de letrado. “Ele é o homem culto do grupo, aquele que possui um conhecimento especializado, um dom especial que Deus lhe deu” (Vasconcelos, 2000, p. 94). Assim sendo, essa condição de “letrado” do grupo que daria ao poeta ou cordelista, uma certa responsabilidade de representar o seu povo e cantar suas conquistas, suas dificuldades, angústias, aspirações, seus medos e sonhos.

A literatura popular, assim como os demais estilos literários, ao contrário da percepção que se teve durante muito tempo por parte dos letrados, transmite as experiências de uma determinada sociedade ou de um determinado grupo social. Como aponta Hadoock Medeiros:

Pensar na cultura popular é pensar numa relação complexa. Em suas manifestações, podemos encontrar aspectos relacionados à filosofia, história, antropologia e sociologia. Como qualquer outro gênero literário, as produções culturais relacionadas ao popular representam costumes e crenças de uma sociedade (Medeiros, 2014, p.27).

Desse modo, a poesia popular, a literatura popular ou literatura de cordel, como quer que se denomine, sempre está dentro de um determinado contexto social e, expressa, de certo modo, as experiências de determinado período e espaço em que é produzida. Mesmo que o enredo apresente um texto saudosista ou de apologia sobre determinadas figuras históricas ou acontecimentos, o texto literário deverá sempre ser analisado de uma perspectiva historiográfica crítica, tendo em mente que toda produção,

cultural sempre é pensada com vista a uma determinada finalidade buscando alcançar um público alvo em especial.

De acordo com Vanessa Diniz (2022, p. 7) “as poesias demonstram também as perspectivas políticas, sociais e filosóficas da pessoa que escreve. A arte como reflexo das experiências dos sujeitos anuncia sentimentos, significados e perspectivas de leitura do mundo”. Desse ponto de vista, podemos dizer que a poesia, em qualquer que seja o espaço da sociedade que ela se desenvolvida, sempre estará imbuída de significados que remetem o seu contexto de produção.

Aqui cabe enfatizar um aspecto de suma importância ao se trabalhar com a literatura de folhetos, cordel ou poesia popular, como quer que se denomine. É importante saber das dificuldades intrínsecas de trabalhar com esse tipo de fonte. Quanto a isso, Ana Maria de Oliveira Galvão aponta a seguinte compreensão acerca disso

Os pesquisadores que têm trabalhado com literatura de cordel sabem das grandes limitações existentes para a identificação dos títulos publicados em um determinado período, em consequência da dispersão dos acervos (muitos dos quais particulares), da dificuldade da tarefa de identificação exata da data de publicação e da autoria dos folhetos e da quase ausência de repertórios analíticos sobre o tema (Galvão, 2000, p. 68).

Sabendo que muitas vezes a pesquisa em torno da poesia popular está permeada de dificuldades, seja de organização em arquivos ou acervos ou na obtenção do material que muitas das vezes não é de domínio público, é preciso saber que em vista disso, eventualmente a pesquisa histórica nessa área torna-se um trabalho de “garimpeiro”, no sentido de que quem se propõe a trabalhar nessa linha de pesquisa deverá ter a noção de que as fontes nem sempre serão de fácil acesso, uma vez que em grande medida podem estar inseridas dentro do patrimônio imaterial de uma determinada localidade, como por exemplo as poesias orais, as “histórias de trancoso”, os causos populares, dentre outros.

Nesse sentido, ainda de acordo com a mesma autora, o trabalho de procurar conhecer o espaço e a época em que o pesquisador está se debruçando seria essencial para o desenvolvimento da pesquisa, ela afirma que “[...] quanto mais se sabe sobre a época que se está pesquisando, em um lugar específico, mais condições se tem de compreender e interpretar questões – muitas vezes estranhas ao pesquisador – que emergem da documentação trabalhada” (Galvão, 2000, p. 58). Dessa forma, faz-se

necessário que o estudo do espaço social compreendido como sertão nordestino e de seus sujeitos históricos, nesse caso os trabalhadores rurais, possa ser analisado através de suas próprias produções de fontes históricas bem como de suas representações em torno do contexto social que viveram.

Historicamente os trabalhadores rurais no Brasil tiveram seu espaço relativamente negligenciado na historiografia até pelo menos a primeira metade do século XX, sendo que a partir dos movimentos das Ligas Camponesas houve uma considerável atenção voltada para essa classe. A partir das reivindicações das Ligas, que em sua maioria eram reprimidas com violência, teria se iniciado em nível nacional um intenso debate com relação ao problema da distribuição de terras e dos direitos dos trabalhadores rurais. Sobre essa questão José de Souza Martins aponta que “Com frequência, a discussão sobre a relação entre o campesinato e a política repousa na pressuposição de que o campesinato é estranho à política e é melhor que assim permaneça” (Martins, 1981, p. 10).

Provavelmente por preconceitos como este que, segundo o autor, que estavam arraigados na sociedade brasileira até pelo menos os anos 1950, dificuldades de encontrar clássicos da nossa historiografia que abordem o engajamento político do campesinato em sua complexidade mais profunda. Martins (1981, p. 26) afirma que “a história brasileira, mesmo aquela cultivada por setores da esquerda, é uma história urbana, uma história dos que mandam, e particularmente, uma história dos que participam do pacto político”. Nesse sentido, a história das lutas do campesinato brasileiro teria em grande medida sido relegada a segundo plano, tendo em vista que as ideologias políticas hegemônicas até então dariam prioridade ao setor urbano da sociedade como vetor de transformação do sistema político.

Se até 1940 o messianismo e o cangaço foram formas dominantes de organização e de manifestação da rebeldia camponesa, a partir dos anos 50 a liga camponesa e o sindicato serão as formas mais importantes de organização e luta política dos camponeses, ainda que convivendo com a persistência do messianismo e do banditismo e com outras formas de luta e resistência (Martins, 1981, p. 67).

Em um cenário favorável à violência como forma de protesto e de luta pelos direitos, haveria também aqueles grupos que se dedicavam a empregar o uso da palavra e por vezes de sua arte para que suas reivindicações fossem ouvidas. A respeito disso Maria do Socorro de Abreu e Lima aponta que

Outro meio importante de propaganda usado pelos trabalhadores rurais foi a literatura de cordel. As ligas camponesas já recorriam a ela antes de 64. No período da ditadura, falar das lutas em prosa e em verso, principalmente nas épocas de grandes mobilizações, tornou-se frequente, com muitos camponeses mostrando seus dotes nas rimas que faziam, no conteúdo que desenvolviam, no sentido que davam aos seus poemas (Abreu e Lima, 2008, p. 284).

Nesse sentido, a poesia teria sido amplamente usada como uma das formas de reivindicação pelos direitos dos trabalhadores em diferentes partes do Brasil, sobretudo na época em que predominou a ditadura militar, tendo em vista o estado de repressão a formas não pacíficas de protesto.

De acordo com Araújo e Neves (2017, p. 181) “o cordelista em sua prática poética, escriturística da vida social, ao ler o passado, o restitui no cordel, empreendendo assim um papel sumamente importante na leitura do tecido social”. Dessa maneira, pode-se apontar que o estilo literário do cordel se apresenta nesta problemática como um instrumento de luta pela terra usado pelos trabalhadores do campo.

Além disso, nessa perspectiva, a luta pela terra não estaria ligada apenas ao fato de as pessoas buscarem o seu sustento. Haveria então toda uma relação de pertencimento ao espaço rural, as diferentes maneiras de interação social que este ambiente propicia, como também as próprias interpretações das configurações sociais e políticas que são interpretadas de maneiras distintas entre o campo e a cidade.

A respeito disso, Patrícia Araújo e Gildivan Neves destacam também que “O campo, em nossa perspectiva, é visto como lugar de pertencimento e identidade, de construção de múltiplas histórias de vida, em que se entrelaçam a partir das relações sociais que nesse espaço se consubstanciam” (Araújo e Neves, 2017, P. 178). Desse modo, esses movimentos que lutam pelo seu direito à terra, estão buscando também ambientes de preservação de suas culturas, dos seus estilos de vida e do seu lugar no mundo, lutando pelo seu próprio espaço na sociedade em que está inserido por meio de suas manifestações culturais, contribuindo assertivamente com as formas de produção de seus saberes.

Isto posto, uma das reivindicações mais presentes nessa forma de expressão cultural a partir dos anos 1950 na literatura de cordel teria sido a temática da Reforma Agrária. Segundo Vasconcelos:

A temática da Reforma Agrária surge no cordel a partir de meados da década de 50, associada à ameaça comunista – tema recorrente entre as décadas de quarenta e cinquenta – e o surgimento das Ligas Camponesas. A não utilização dessa temática no período anterior ao acima citado deve-se, provavelmente, ao fato dela ainda não haver se difundido no interior da sociedade (Vasconcelos, 2000, p. 131).

Nota-se, dessa maneira, que a literatura de cordel se apresenta como as demais formas literárias por abordar questões políticas, culturais, sociais e econômicas presentes na sociedade quando os versos estavam sendo produzidos. Se o discurso da “ameaça comunista” começa a se difundir naquele momento do pós-segunda guerra, essa temática certamente chegaria aos poetas nordestinos, fossem eles os cantadores repentistas ou os cordelistas, chamados poetas de bancada.

Além do mais, a partir dos anos de 1950 teria sido estimulada a criação de sindicatos orientados pela Igreja Católica, em sua maioria como resposta ao avanço das Ligas Camponesas de orientação Marxista, como discorre Vasconcelos:

Paralelamente a estas estratégias políticas de combate às ligas e à Reforma Agrária comunista, a Igreja se empenharia em criar sindicatos cristãos que viriam a ter nos anos 60, um papel fundamental na desestruturação do movimento das Ligas Camponesas, através do cooptação dos membros destas associações para seus quadros sindicais. Nos Cordéis escritos por pessoas ligadas à igreja é possível apreender enunciados que refletem uma clara propaganda dos sindicatos cristãos (Vasconcelos, 2000, p. 203).

Pontuado isto, percebe-se que nesse período os trabalhadores rurais já se encontram bastante ativos na cena política nacional, uma vez que diferentes grupos representativos buscavam cooptá-los para seu lado. Nesse cenário de disputas não só se discutia sobre a Reforma Agrária, mas também a favor da luta pela concessão de alguns direitos fundamentais ao campesinato que já eram concedidos aos trabalhadores urbanos, como por exemplo o direito à aposentadoria rural, assistência odontológica, dentre outros. De acordo com o que aponta Mário Grynszpan

Um dos exemplos disso era a previdência social rural, delineada já no Estatuto do Trabalhador Rural, mas que só foi criada em 1972, como um Programa de Assistência ao Trabalhador Rural (PRÓ-RURAL), cuja execução ficaria a cargo do Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (FUNRURAL). (Grynszpan, 2003, p. 327).

Pode-se observar nesse excerto que um dos direitos inalienáveis a qualquer trabalhador, fosse ele do campo ou da cidade, como por exemplo a aposentadoria, só

teria sido concedido ao camponês a partir dos anos 1970, apesar da legislação em vigor já garantir este direito trabalhista desde os anos 1960.

Portanto, este percurso das lutas dos trabalhadores rurais no Brasil pelos seus direitos fundamentais, como acesso à terra ou mesmo o de constituir sindicatos, analisada pela ótica da poesia popular, se torna uma temática de pesquisa bastante relevante, na medida em que é capaz de trazer os pontos de vista da própria classe, presentes na literatura popular. Sendo assim, entende-se que as manifestações culturais, a exemplo do cordel, tomam um lugar de suma importância na pesquisa histórica para compreender as questões sociais no campo.

É justamente nesse ponto que a trajetória do cordel no Nordeste brasileiro vai se delineando enquanto um instrumento de conscientização de uma parcela da classe trabalhadora que historicamente teve sua cidadania negada. Apesar de em muitos momentos da história recente do nosso país os trabalhadores rurais se utilizarem de meios não pacíficos de cobrar seus direitos às autoridades competentes, em outros momentos, como os de maior repressão, eles usavam as formas que tinham à disposição, como é o caso da poesia popular ou cordel, na busca por melhores condições de vida.

Dessa forma, o cordel vai ao longo do século XX, sobretudo a partir da segunda metade, se tornando cada vez mais presente nas reivindicações da classe trabalhadora rural, principalmente entre o povo sertanejo onde teve maior receptividade.

## CAPÍTULO II

### 2. A IMPORTÂNCIA DA POESIA POPULAR EM PAULISTA PARA A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO DE AVELINO LAURENTINO

Este capítulo tem por objetivo apresentar um pouco da trajetória de vida e da arte poética de Avelino Laurentino da Silva, com ênfase para suas produções artística no município de Paulista e como esta arte teria feito parte de uma conjuntura que teve por premissa a conscientização da classe trabalhadora rural para lutar por seus direitos básicos garantidos pela legislação trabalhista do período em que o poeta esteve a frente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paulista-PB.

Vale ressaltar que a escolha deste espaço não ocorreu de forma aleatória, mas sim, por ser uma das inquietações pessoais do pesquisador e pela carência de trabalhos acadêmicos em torno de algumas figuras consideradas de grande relevância para o desenvolvimento do município de Paulista, não apenas do ponto de vista econômico, mas também intelectual, social, cultural, dentre outros aspectos.

#### 2.1 AS LUTAS DOS TRABALHADORES RURAIS NO NORDESTE BRASILEIRO ENTRE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980

De início, um aspecto de suma importância para o desenvolvimento deste capítulo diz respeito à rede de relações sociais vivenciadas pelo poeta Avelino Laurentino da Silva, tendo em vista que somos seres sociais e que nossas produções, sejam laborais, artísticas, econômicas, não ocorrem de forma isolada, mas, mediante também, à influência do espaço e das pessoas com as quais estabelecemos nossa convivência.

Nesse sentido, é preciso entender que qualquer sujeito, em qualquer tempo e espaço vivencia uma rede de contatos que lhe possibilita estar por dentro das pautas sociais de sua época. Dessa forma, não poderia ser diferente com o sujeito histórico que estamos estudando. Nesse sentido, estamos trabalhando com a categoria de tempo concebida a partir da compreensão de Lucilia Delgado, onde a autora afirma que

O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que, inserido à vida humana, implica durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão, a rapidez). É um processo em eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro. (Delgado, 2010, P. 33)

Sob o ponto de vista histórico, essa categoria de estudo, segundo a autora supracitada, seria um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento do saber histórico, porque todas as pesquisas são desenvolvidas partindo de um lugar e de um período.

Para além da noção de tempo, se mostra essencial a noção de lugar social dos sujeitos que fazem parte do processo histórico. Logo, seria pertinente levar em conta a necessidade da produção de referências locais para o desenvolvimento de uma historiografia que tenha a base para a produção de conhecimentos capazes de produzir significados para as pessoas de uma determinada localidade ou grupo social, no sentido de saber que esse tipo de conhecimento se torna de suma importância, uma vez que cria a possibilidade das pessoas se sentirem representadas no processo de construção do espaço em que vivem.

Podemos, portanto, conceber este sujeito como aquele que de uma forma ou de outra foi capaz de imprimir sua marca perante os processos sociais no espaço em que viveu e desenvolveu suas relações interpessoais. Temos, pois, que para tratar a respeito do sujeito histórico que está sendo tratado neste trabalho, é de suma importância também levar em consideração o espaço em que se produziram suas lutas, como também a influência que este espaço desempenhou nessas questões.

Nesse caso, se trata de compreender um pouco da conjuntura socioeconômica e cultural do município de Paulista, no sertão da Paraíba, na região, mais especificamente, que compreende o médio Piranhas, que é banhada pelo rio homônimo. O município de Paulista está localizado no alto sertão da Paraíba, a quase quatrocentos quilômetros da capital, João Pessoa, entre os municípios de Pombal e São Bento. Quanto a isso, Farias (2018, p. 217), “no dia 31 de dezembro de 1961, foi oficialmente instalado o município de Paulista”, sendo que anteriormente a esse período essa localidade fazia parte do perímetro do município de Pombal.

Para além das questões geográficas seria de suma importância procurar tecer uma compreensão das lutas dos trabalhadores rurais no período de 1975 a 1985, em torno de suas principais reivindicações. Sabendo, porém, das dificuldades de tecer uma linha única de compreensão, seria mais pertinente procurar compreender o que os estudos mais gerais nos indicam sobre essa questão na época. Baseado em Leonildes Medeiros

[...], duas questões se colocavam para esse sindicalismo emergente: a divulgação dos direitos, de forma mais ampla possível, de maneira a torná-los conhecidos pelos trabalhadores e dirigentes sindicais e a organização para sua conquista. Tratava-se, pois, de tornar a lei, em suas diversas formas, em campo de disputa e, assim, ampliar os espaços de organização (Medeiros, 1989, p. 90-1).

Dessa forma, percebe-se que as lutas dos trabalhadores rurais tomam diferentes nuances em sua representatividade sindical, de forma que o sindicato rural não serviria exclusivamente aos interesses destes últimos. A autora proclama também que o período a começar pela década de 1970 teria sido marcado por uma intensa proliferação dos sindicatos, uma vez que estas entidades buscavam na maior parte das vezes agir em defesa das causas dos trabalhadores, mas, geralmente, operando dentro da legalidade.

A proliferação de sindicatos que ocorreu no início dos anos 70, num período de desmobilização, contribuiu para acentuar a heterogeneidade do sindicalismo que então ia se constituindo. Estabeleceu-se uma situação muito especial onde, de um lado conformaram-se sindicatos desvinculados das lutas, de outro, os conflitos emergiam e, em algum momento, acabavam tendo que ser traduzidos pelo sindicato, canal instituído para a filtragem das reivindicações e seu ajustamento à linguagem jurídica (Medeiros, 1989, p. 96-7)

Isto posto, percebe-se que o sindicalismo rural, em uma época que vigorava a repressão política, este órgão teria se constituído como um porta-voz dos trabalhadores, tendo em vista que as lutas por meio das ações em forma de protesto eram frequentemente reprimidas. Neste ambiente mais inclinado a haver ações pelos meios legais, com o amparo do Estatuto da Terra e do Estatuto do Trabalhador Rural, os sindicatos, em sua maioria teriam enveredado para as ações através dos meios legais, buscando com que as leis acerca do acesso à terra e dos direitos dos trabalhadores rurais fossem cumpridas.

Apesar do esforço conciliatório dos sindicatos, a violência seguia se fazendo muito presente no campo, é tanto que, para Medeiros (1989, p. 109) “não é possível enumerar todos os conflitos desse período, dada sua enorme quantidade, abrangência e diversidade. Não houve, na década de 70, um único estado da federação onde a luta pela terra não estivesse presente, de forma mais ou menos aguda”.

Desse modo, teriam ocorrido lutas das formas mais variadas, fosse por meios pacíficos, fosse através da violência. Essa luta, pela parte dos trabalhadores, ocorria pelos meios que eles dispunham. Com base em Medeiros (1989), teriam sido

produzidos materiais de divulgação dessas lutas, muitos dos quais eram distribuídos para os trabalhadores rurais, outros eram confeccionados a partir de tragédias em forma de pequenos livretos. É isso o que o autor descreve ao fazer menção ao livreto *Luta de terra, briga de foice*, de Claudio Thomas Bornstein. Nele, ele apresenta uma pequena síntese do livro e pontua que esse livreto era uma

[...], ficção baseada em fato real. O romance é construído a partir de depoimentos, documentos e cordéis referentes aos conflitos de terra ocorridos em 1977 no município de Santa Maria da Vitória, Bahia, que resultaram na morte do advogado do sindicato dos trabalhadores rurais, Eugenio Lyra, assassinado por pistoleiros a serviço de latifundiários e grileiros que atuam na região [...] (Medeiros, 1989, p. 109).

Já aqui vemos a presença do cordel como um elemento constituinte das lutas dos trabalhadores rurais e é justamente nesse quesito que se destaca a poesia de Avelino Laurentino da Silva, no município de Paulista-PB, apesar de que o autor também trocou informações nesse sentido com trabalhadores de outras regiões do país.

Sabendo que a poesia popular se caracteriza como um instrumento de suma importância nas reivindicações sociais entre os trabalhadores rurais do sertão nordestino, é possível deduzir que este instrumento teria sido amplamente utilizado já desde antes da década de 1970, mas também no mesmo em questão e posteriormente.

Segundo Diniz (2002, p. 17), “[...] a poesia colabora no estabelecimento de vínculos coletivos na luta pela terra”, no entanto, não apenas na luta pela terra, como também pelos direitos sociais dos trabalhadores rurais, fossem eles pequenos proprietários ou no regime de trabalho que se chama de “moradores”.

Teria sido principalmente nesse aspecto das lutas por direitos trabalhistas que Avelino Laurentino teria dado suas contribuições, tanto em forma de poesia quanto em seus discursos e em suas reivindicações que fazia por meio dos veículos de comunicação possíveis. Como a temática em questão está abordando essas questões de uma perspectiva mais local, seria importante também procurar conhecer um pouco do espaço social em que ocorreram as relações sociais do sujeito histórico que está sendo estudado, de modo a ser tratado adiante.

## 2.2 AS DINÂMICAS SOCIAIS EM PAULISTA-PB ENTRE AS DÉCADAS DE 1970-80 (ECONOMIA E CULTURA)

Inicialmente seria pertinente discorrer um pouco acerca do desenvolvimento do espaço social que está sendo tratado na pesquisa: o município de Paulista-PB. Esse município foi emancipado de Pombal no dia 31 de dezembro de 1961 mediante o Projeto de Lei Estadual nº 438/61. Para o advogado e escritor paulistense, Gutemberg Pereira de Farias, “[...] o Diário Oficial do dia 23 de dezembro de 1961 publicou a lei nº 2.666, tornando Paulista, oficialmente, um município” (Farias, 2018, p. 215). O autor acrescenta:

Ficam claros os usos políticos dos processos de emancipações, a reproduzir novos espaços de poder, fortemente ligados a interesses de grupos familiares não tão novos assim, detentores de farto patrimônio fundiário. Um patrimônio que era característico daqueles que comandavam o poder local na Paraíba, notadamente no interior do Estado, com sua base econômica tipicamente agrária (Farias, 2018, p. 216).

Diante desses apontamentos percebe-se que em maior ou menor grau, esses movimentos emancipatórios de pequenos municípios, sobretudo no sertão do estado, teriam ocorrido de certa forma à revelia das condições mínimas exigidas pela legislação estadual da época que garantia a efetivação dessas ações.

Outro fator importante a ser destacado para este estudo seria a predominante maioria de pessoas vivendo na zona rural do município recém-criado. Sobre isso, o autor Farias (2018, p. 216) relata que “Paulista possuía 1.035 domicílios, mas contava com apenas 340 habitantes na zona urbana do distrito”. Isto certamente seria um dos fatores determinantes para a adesão à sindicalização rural. Apesar de o Sindicato dos Trabalhadores Rurais só ter sido fundado no município no ano de 1975, pode-se deduzir que não teria havido transformações consideráveis para que proporcionalmente se alterasse consideravelmente o quantitativo populacional que vivia no campo.

Aqui seria interessante apresentar brevemente um pouco do desenvolvimento político do município, pelo menos desde a sua emancipação até os anos 1980, período no qual o trabalho está focado, no entanto, isso estaria fora dos objetivos do trabalho, restando apresentar um pouco do panorama econômico, social e cultural, que são as abordagens principais que se busca desenvolver neste trabalho.

No que diz respeito à economia do município de Paulista durante as últimas décadas do século XX, as informações que se dispõe é que, como a grande maioria dos municípios do interior do nordeste, seria baseada acima de tudo no setor agropecuário. Como já é de conhecimento da sociedade em geral, a maior parte da produção no campo seria destinada à subsistência, porém, como no sertão nordestino predominava os

sistemas de trabalho entre patrão e empregados, conhecidos como “parceria” ou “meeiros”, é de comum acordo que a maior parte da produção era destinada ao dono da terra.

A vista disso, teria sido predominante a cultura do algodão pelo menos até meados da década de 1980, por ser uma das culturas mais lucrativas e que provavelmente era rentável para os donos de terra. Farias (2018, p. 193) ressalta que “em Paulista, como em toda região sertaneja, a produção de algodão marcou uma era de prosperidade e muito trabalho na lavoura. Fomos grandes produtores e fornecedores, principalmente para o grande mercado de Campina Grande [...]”.

Este período da produção do algodão até os dias atuais é mencionado nas conversas espontâneas dos sertanejos de mais idade, como a época do “ouro branco” no sertão. E, como a arte imita a vida, até Luiz Gonzaga ao cantar a música *Algodão* (1953), se refere a este produto como “ouro branco que faz nosso povo feliz/ e que tanto enriquece o país um produto do nosso sertão” (ALGODÃO, 2015).

No entanto, o que também deve ser levado em consideração é para quem realmente era distribuída essa riqueza gerada pelo algodão e quem usufruía da prosperidade gerada pelo produto. Sem dúvidas que em alguma medida esse período da economia algodoeira consolidada no interior do nordeste teria proporcionado de alguma forma uma época de aquisição monetária por parte das pessoas que trabalhavam na lida diária da lavoura, fator este, inclusive, que se considera como um dos impulsos para o aumento do consumo da literatura de cordel neste espaço. A respeito dessa questão Melo (2010, p. 59) salienta que

[...] alguns fatores de ordem econômica concorreram para facilitar este processo: o crescimento da pequena propriedade dedicada à pecuária, do cultivo do algodão e da agricultura de subsistência. O fortalecimento da pecuária e da indústria têxtil trouxe, por sua vez, o aumento da circulação monetária no sertão do Norte do comércio das pequenas vilas.

Vê-se nitidamente que um pequeno aumento na renda da população sertaneja teria impulsionado um considerável desenvolvimento da cultura local, em especial a literatura de cordel, portanto, acerca desse aspecto é possível deduzir que o acesso aos meios de cultura estaria intrinsecamente ligado à estabilidade financeira da população consumidora desses bens.

Nesse sentido, é compreensível que neste ambiente de reivindicações sociais por condições mais dignas de trabalho e sobrevivência, a poesia popular, fosse na forma

oral ou na escrita, foi amplamente utilizada como forma de protesto contra as más condições de trabalho dos agricultores. Na década de 1980 houve um colapso na produção de algodão no sertão nordestino. Algumas pesquisas apontam que esse declínio teria ocorrido em função de um período prolongado de estiagem e da chegada da praga do “bicudo”, prejudicando a produção e gerando um movimento em cadeia de desemprego e expulsão de trabalhadores do campo.

O escritor Gutemberg Farias (2018, p. 199) informa que “o surgimento do bicudo, em meados da década de 1980, atingiu a cultura algodoeira já enfraquecida por diversas estiagens e pela mudança do polo produtor de algodão para São Paulo” e enfatiza que

Neste contexto em que o algodão já não era mais a principal cultura, e os latifundiários não necessitavam mais dos camponeses parceiros para cultivarem suas terras, surgiram, em algumas regiões, as ferrenhas lutas das ligas camponesas. Na região sertaneja que engloba Paulista, São Bento, Brejo do Cruz e outras cidades, a pecuária leiteira se tornou a principal alternativa aos proprietários de terras da zona rural. Na zona urbana, nasceu a indústria têxtil como principal motor da economia, importando o fio de algodão de outros centros produtores e empregando mão de obra na fabricação e na produção e na comercialização externa de produtos (Farias, 2018, p. 199).

Temos aí informações valiosas para compreendermos um pouco da dinâmica social nesta época no município de Paulista. Percebe-se que esta localidade não seria muito diferente das cidades circunvizinhas em se tratando da base econômica, no entanto, alguns aspectos interessantes que diz respeito às formas como se deu o declínio da produção algodoeira no sertão do nordeste, que apesar de a sua produção em larga escala ocorrer às custas da exploração do trabalhador rural detentor unicamente de sua força de trabalho, nesse período, esse sistema seria capaz de manter o roceiro próximo aos seus parentes e ao seu lugar de nascimento.

Apesar de todas essas questões, o declínio da produção do algodão teria causado prejuízos não apenas econômicos, mas também sociais nestas cidades interioranas. Outro fator a ser levado em consideração seriam as causas para esses efeitos naturais que teriam prejudicado essa cultura, sendo que pelas questões climáticas, o algodão cultivado no sertão nordestino já seria uma planta adaptada ao seu clima, e pela questão do “bicudo”, há poucas explicações de como este inseto foi capaz de exterminar apenas as plantações do nordeste, enquanto São Paulo passaria a ocupar o lugar de maior produtor mesmo com a praga do bicudo no país.

Em todo caso, o que interessa a este estudo são as questões sociais que esses efeitos provocaram, como, por exemplo, as ondas migratórias de trabalhadores do sertão nordestino para os estados do sudeste, para as próprias cidades litorâneas do Nordeste ou mesmo para viver como vendedores ambulantes pelo Brasil afora. Um exemplo marcante deste processo seria o próprio “redeiro” que, ao longo das décadas finais do século XX e início do século XXI, teria se constituído como uma profissão eminentemente fruto do êxodo rural do sertão nordestino. E ainda como as formas de expressão cultural produzidas pelas pessoas que vivenciaram essas transformações deixaram marcas a serem exploradas pelos historiadores.

Em seu estudo acerca da cultura do repente como fator de resistência dos trabalhadores sertanejos quando migram para outros territórios da nação, a professora Maria José da Costa estabelece que

Ao reconstituir a memória desses agentes históricos de Paulista em São Paulo reconheço-os como protagonistas deste universo de saberes, problematizando as experiências vividas, pois ao saírem de sua terra natal vivenciam o processo de deslocamento e constituem novas formas de criar e recriar suas práticas culturais e sociais; como saber propagar cantorias, viver, morar, trabalhar e ao mesmo tempo se divertir (Costa, 2009, p. 108).

Nas palavras da autora, o “redeiro”, portanto, além de ser “herdeiro” dos trabalhadores que antes labutavam nas lavouras de algodão, passariam a ser também um entre tantos agentes difusores da cultura popular nordestina, através do sentimento da saudade de seu lugar e de sua gente, estes trabalhadores tentaram manter viva em suas relações sociais a cultura também herdada dos seus antepassados.

É nesse sentido que Albuquerque Júnior (2011) declara que o Nordeste é uma criação imagético discursiva gestada a partir do sentimento da saudade dos retirantes que deixam seus entes queridos e se aventuram pelo país afora em busca de melhores condições de vida. Para o autor, o nordeste seria também filho da indústria da seca, que seria responsável por provocar esses movimentos migratórios.

Esses seriam aspectos marcantes da vida do sertanejo do nordeste, que apesar de ser considerado um retirante por natureza, esse evento de migração em larga escala teria ganhado impulso principalmente a datar das décadas de 1970 e 1980. A exemplo disso, o poeta paulistense Geraldo Pereira de Farias (Geraldo Alves), faz uma representação bastante enfática com relação à retirada do sertanejo em alguns versos. Em seu trabalho intitulado “Entranhas da Terra”, o mesmo conta um pouco da trajetória

de vida do matuto sem posses que vai passando de uma geração para outra as suas condições sociais. Segue as estrofes

*Meu pai foi pobre coitado;  
Meu avô sem esperança,  
Só vivia de mudança,  
Sem lar, sem terra, sem gado.  
Quando relembro o passado,  
Devia chorar bastante.  
O destino quer que eu cante,  
por isso, sou cantador  
**Sou filho de agricultor  
e neto de retirante**  
(Alves, 2000, p. 42)*

As estrofes apresentam um pouco da visão do autor a respeito da vida do homem do campo, que, sem posses, a não ser o seu talento como sobrevivente, seria obrigado a buscar meios de sustento em outras paragens. Além disso, o autor enfatiza também a questão da arte como forma de driblar as adversidades impostas pela sua condição social hereditária. Esses versos, apesar de terem sido escritos em uma época posterior em relação ao período que este estudo se debruça, a fala do autor discorre uma narrativa que trata do passado, que por sinal é uma categoria bastante presente nas abordagens dos poetas populares.

Portanto, apesar de o propósito deste estudo não ser de se aprofundar em questões, seria importante procurar compreender, mesmo que de forma pontual, algumas das configurações sociais do espaço em que o trabalho se desenvolve, sobretudo, quando se trata dos encontros entre as questões trabalhistas e culturais, que é objetivo principal deste trabalho.

### 2.3 AS CONTRIBUIÇÕES DA POESIA POPULAR EM PAULISTA PARA A FORMAÇÃO SOCIAL DE AVELINO LAURENTINO

Na obra *O arrayal queimado do paulista*, do advogado e escritor paulistense Gutemberg Pereira, ele destaca que o poeta Avelino Laurentino da Silva, apesar de não ser natural da cidade de Paulista, fez dessa localidade sua morada e, principalmente, local de atuação em suas lutas pelos direitos dos trabalhadores da região após deixar na juventude a sua terra natal, a cidade de Guarabira, no brejo paraibano. Esse autor anuncia que

O poeta Avelino Laurentino da Silva não era paulistense nato. Egresso do brejo paraibano, chegou a Paulista no ano de 1940. Nascido a 10 de

novembro de 1918 em Guarabira, Paraíba, era filho de Laurentino Virgínio da Silva e Lucinda Maria da Conceição (Farias, 2018, p. 375).

Ainda de acordo com o mesmo autor:

Casou-se com Rita Cosme de Lima em 28 de setembro de 1941, ela natural do sítio Logradouro, município de Paulista, filha de Sebastião Cosme e Ana Maria da Conceição. Constituiu uma numerosa família em Paulista e contribuiu para o crescimento da cidade ao longo de mais de sessenta anos (Farias, 2018, p. 375)

Um aspecto relevante a ser ressaltado sobre poetas como Avelino Laurentino, é que em sua maioria eles tiveram pouco acesso à educação formal oferecida nas escolas. Farias (2018, p. 376) discorre que Avelino, quando jovem, “[...], frequentou a escola durante duas semanas. Quando foi descoberto cometendo este ‘crime’, ganhou uma surra e foi proibido de estudar”.

Isso demonstra as dificuldades e até mesmo a resistência que essas pessoas enfrentavam para terem direito ao mínimo de educação que era oferecida nesse período aos filhos das classes trabalhadoras. O que é surpreendente é que a busca pelo saber seria um “privilégio” apenas aos filhos da elite e esse pensamento estava tão fortemente arraigado na sociedade que o ato de o filho de um pobre buscar a instrução era considerado uma transgressão pelos próprios familiares.

Farias (2009, p. 376), em entrevista concedida pela professora Salete Laurentino, filha do poeta Avelino, ela enfatiza que o jovem Avelino “não se dobrou à sorte que lhe era imposta e, sozinho, não aprendeu somente a ler. Aprendeu a pensar, o que na época era proibido à classe social a qual ele pertencia”. O que se percebe é que Avelino Laurentino foi um jovem que não ficou alheio às questões sociais do seu tempo. Lutou contra os estigmas históricos que eram impostos às classes sociais menos favorecidas economicamente, principalmente a exclusão dos meios oficiais de educação.

Para Farias (2018, p. 376), “o adolescente de 16 anos parte para a luta, porém sem armas nem violência. Foi embora para o Rio Grande do Norte, depois chegou a Paulista, na Paraíba, onde fez sua terra e por ela foi abraçado, tornando-se um cidadão paulistense”. Esses são exemplos de apenas alguns artistas de uma geração que presenciou tempos de muitas dificuldades para quem viveu no sertão nordestino durante o século XX. Uma época de muitas dificuldades no que diz respeito à sobrevivência do trabalhador braçal, fosse nas lavouras, fosse na lida com os rebanhos de animais domésticos.

Um aspecto importante a ser ressaltado seria com relação às influências exercidas pelo espaço social em que cada sujeito histórico desenvolve sua personalidade e suas concepções acerca da convivência em sociedade. Nesse sentido, seria relevante fazer uma breve abordagem sobre as relações sociais do poeta Avelino Laurentino e suas redes de convívio nesta sociedade.

O município de Paulista é conhecido entre seus habitantes como “terra da poesia”. Para analisar algumas das possíveis origens desse epíteto, inicialmente partiremos da compreensão apresentada por Costa (2009, p. 12) quando ela focaliza que “a cidade de Paulista, além de sua simplicidade e de sua história, está sendo constituída no imaginário popular como ‘a capital brasileira da poesia’”.

Ela cita que, em entrevista ao poeta Geraldo Alves (Geraldo Pereira de Farias), um renomado expoente da profissão, bastante reconhecido em Paulista e região por suas atribuições poéticas e conhecimento técnico da arte da poesia, ele afirmou que:

Acompanhando um dos maiores congressos de Paulista, com uma repercussão muito grande, lembro que em uma determinada hora uns dos apresentadores disse: “Paulista é a capital brasileira da poesia”. Mesmo considerando isso uma criatividade do apresentador, em geral os apresentadores são poetas também, com essa magia de transformar as coisas de criar as palavras e frases, acredito que Paulista tem os seus motivos, tem como assegurar e sustentar essa tese (Costa, 2009, p. 12).

Por conseguinte, percebe-se que este epíteto de “terra da poesia” ou “capital brasileira da poesia”, para além de ser formada no imaginário popular ao longo do desenvolvimento da povoação de Paulista desde que era um distrito da cidade de Pombal e, posteriormente, depois de emancipada, ganhou respaldo não apenas entre seus habitantes, mas também entre os poetas que passaram e se apresentaram nesta localidade.

Conforme Costa (2009) a cidade de Paulista-PB é uma terra rica em cultura, tendo entre suas manifestações a literatura de cordel, poesia declamada ou escrita em livros, na música de seus artistas locais, dentre outras formas. Desse modo

Construir um olhar crítico é tornar visível e audível a cultura popular, não só na sua modalidade estética, mas também nas suas diferentes utilidades. A cultura popular, neste sentido, não é algo tranquilo e homogêneo, mas um campo de tensões sociais; isto é, a maneira como diferentes sujeitos expressam as relações de dominação e de resistências, o modo de viver, pensar, sentir e lembrar as experiências vividas e constantemente atualizadas (Costa, 2009, p. 13).

Vê-se que em Paulista essas manifestações culturais não se limitavam ao aspecto de entretenimento, mas que muitas vezes refletiam (ou refletem) experiências sociais deste espaço. Uma das expressões culturais mais valorizadas no município de Paulista é a arte da poesia, principalmente a poesia improvisada, como por exemplo o repente. Conforme Costa (2009, p. 13),

[...] a cantoria é compreendida como uma poesia oral e dinâmica, feita no “dissertar do momento”. Uma arte que se organiza e intervêm nos processos sociais vividos pelos cantadores e pelos ouvintes. É uma expressão do conhecimento transformada em versos improvisados.

Nesse sentido, comunica Costa (2012 *apud* Sousa, 2010), que entre as décadas finais do século XIX e início do século XX, a poesia popular desempenhou nas pequenas cidades do sertão nordestino não apenas a função de entretenimento, mas funcionou também como um meio informativo dos fatos políticos, econômicos, sociais, dentre outros, que ocorriam pelo país afora.

Partindo das ideias de Melo (2010) a difusão da poesia, particularmente a declamação de poemas encontrados nos folhetos de cordel durante o século XIX, foi um dos únicos meios de entretenimento que os agricultores tinham após um cansativo dia de labuta no campo, logo

A leitura destes frágeis livros tinha finalidades diversas: ajudava a aliviar o fatigante trabalho agrícola, estava presente nos momentos de descanso quando as pessoas se reuniam para ouvir as narrativas em versos e as “histórias de Trancoso”, e com as histórias de ABC, contribuía para iniciar os leitores no restrito universo da escrita (Melo, 2010, p. 59).

Outro aspecto a ser destacado desta afirmação da autora é que o analfabetismo era uma marca daquela sociedade, mas que nem por esse motivo o sertanejo, como sujeito astuto que é, deixaria de dar o seu jeito na busca de um mínimo de letramento por meio dos recursos que lhe eram disponíveis. De acordo com Melo (2010, p. 51-2), “[...] a narrativa em verso facilitava a memorização da trama contada, podendo ser facilmente reproduzida e porque prescinde da leitura, numa comunidade em que a capacidade de ler era privilégio de poucos”.

Nota-se que a literatura oral já era conhecida pela sociedade interiorana, que hoje conhecemos como região nordeste, pois as pessoas que viviam nesse espaço já teria contato com a literatura oral desde os tempos da colonização, desse modo, o que se pode deduzir por meio dessas afirmações é que em grande medida as condições econômicas e de ensino pouco favoráveis para a maioria da população pelo menos até a primeira metade do século XX teria sido um fator de atraso do desenvolvimento de uma

literatura formal em meio a essa parcela da população do interior do Nordeste. No entanto, trazendo-se elementos da cultura oral para as páginas dos cordéis e com uma relativa aquisição econômica dos setores mais carentes da sociedade, teria se tornado viável pelo menos a partir da segunda metade do século XX uma maior produção e comercialização dos cordéis neste espaço.

Neste ínterim, no município de Paulista percebe-se desde a sua emancipação que a população vem conservando o apreço pela poesia em forma de versos, sobretudo no estilo da cantoria. Com base em Costa (2009, p. 87), em entrevista ao poeta paulistense Geraldo Alves (Geraldo Pereira de Farias), a autora reitera que o poeta teria apontado que “[...] a cantoria significa uma forma de expressão através da qual é possível protestar contra todos os problemas sociais vivenciados pelas classes populares originárias do sertão nordestino”.

Vê-se, em conformidade a autora supracitada, que esta manifestação cultural na cidade de Paulista, se constitui, na visão dos próprios poetas, não apenas como uma forma de lazer, mas também como meios pelos quais são transmitidos aos consumidores desta arte, a visão de mundo dos poetas, que na maioria das vezes representa também a realidade dos próprios ouvintes.

Nesse sentido, diante das experiências adquiridas pelos poetas paulistenses, a exemplo de Geraldo Alves, é perceptível que a consciência que a poesia popular pode ser um valioso instrumento de reivindicação social e/ou política está presente naquela sociedade como uma herança deixada pelas gerações de poetas que precedem a própria emancipação do município de Paulista. Ainda em entrevista ao poeta Geraldo Alves, Maria José da Costa afirma que:

A cidade de Paulista tem servido de inspiração para o seu criar poético. Chama a atenção para o valor do rio e das belezas naturais, pois a cidade é cercada por serras. Outra fonte de inspiração revelada por ele, são os poetas de Paulista, considerados grandes talentos, como por exemplo, Moacir Laurentino, Acrízio de França, José de Jó, Belarmino de França, Leandro Gomes de Barro, entre outros (Costa, 2009, p. 92).

Neste trecho a autora deixa de enfatizar um dos grandes talentos da poesia de Paulista, Avelino Laurentino, que apesar de não ser natural desse município, nele fez morada e desenvolveu seus talentos poéticos e sua militância política. No entanto, nota-se é que a arte da poesia seria bastante difundida no município em Paulista bem antes de sua elevação à cidade e continuou sendo depois deste feito, como também, essa manifestação popular teria sido amplamente de diferentes formas, podendo ser como

expressão das experiências sociais, políticas, enfim, do cotidiano das pessoas que fizeram parte daquela época e das conjunturas sociais que elas vivenciaram.

Outro importante nome que é considerado um dos ícones da poesia popular em Paulista está na pessoa do poeta Bellarmino de França. Segundo Costa (2012, p. 28), “a naturalidade desse poeta muito tem se discutido, sendo que hoje é considerado filho natural da cidade de Paulista (Paraíba)”.

A respeito de sua naturalidade é importante saber que Bellarmino nasceu em uma época em que a localidade de Paulista não havia sido elevada à categoria de cidade. Assim sendo, para alguns pesquisadores e biógrafos, esse poeta pode ser considerado como sendo natural da cidade de Pombal-PB. No entanto, na atual cidade de Paulista vê-se mais monumentos e alusões a esse poeta do que na cidade de Pombal, deixando implícito que o município de Paulista delega uma maior importância para esse sujeito histórico do que o anterior. Assim, Farias (2018) a respeito da natalidade de Bellarmino de França traz que

[...], convencionou-se dizer que ele teria nascido no dia 26 de janeiro de 1984. Seu registro de nascimento, todavia contém a data de nascimento de 26 de dezembro de 1899. Bellarmino, foi registrado no dia 5 de setembro de 1918, quando supostamente já estaria prestes a completar 19 anos (Farias, 2018, p. 347).

De acordo com o mesmo autor, Bellarmino de França, como tantos outros de sua época, não teria conseguido acesso à educação formal oferecida pelas instituições de oficiais de ensino, contudo, conforme Farias (2018), o poeta teria conseguido estudar com um professor contratado por um tio seu para educar seus filhos e o período de estudo teria sido de apenas 22 dias. Já Costa (2012, p.2 8 *apud* Seixas, 2004) indica que o poeta Bellarmino de França

[...], durante sua vida frequentou uma escola, a qual foi classificada como rudimentar, durante um período de quarenta e cinco dias. Mas a ausência de escolaridade não impediu a improvisação dos seus versos. Sua produção cultural aconteceu na fazenda Várzea da Serra. Lá, em contato com a natureza, ele produziu os mais brilhantes versos.

Em uma de suas produções poéticas, Avelino Laurentino faz questão de ressaltar sua proximidade com o poeta Bellarmino de França. No poema intitulado “Bellarmino não morreu”, o poeta Avelino apresenta algumas características que segundo ele eram marcas da pessoa de Bellarmino. O poema segue no anexo R.

Nesse sentido, observa-se que, em sua maioria, os poetas que foram retratados até o momento neste trabalho, tiveram pouco acesso a uma educação formal,

oferecida pelo estado, mas nem por isso alguns deles teriam deixado de buscar o conhecimento. Como já foi exposto, a poesia popular no município de Paulista-PB, desde antes de sua elevação à cidade já contava com representantes que se destacavam no campo cultural a nível interestadual, e por que não dizer nacional. As cantorias são difundidas por grande parte do Brasil, em sua maioria apreciadas por migrantes nordestinos que buscam outras condições de sobrevivência em outros estados da nação.

O que se sabe atualmente é que a prática cultural da poesia popular, seja ela de forma oral ou escrita, encontra-se bastante difundida pelo território nacional e apreciada por pessoas de diferentes classes sociais, faixas etárias e preferências culturais. Com isso, alguns preconceitos que existem com relação a essa prática vão aos poucos se desmistificando. A respeito disso, Melo (2010, p. 165) indigita que,

[...] ao tratarmos do universo das práticas culturais, convém abandonamos certas categorias e espacialidades convencionalmente utilizadas, pois o espaço construído pelos sujeitos ao longo da história não é um espaço natural e imutável, já que até mesmo o espaço criado pela natureza é dinâmico, sujeito a profundas modificações.

Nesse sentido, pode-se dizer que algumas práticas culturais passam por transformações ao longo do tempo, em decorrência da ação de uma série de fatores, a exemplo da economia do ambiente, do avanço dos meios de comunicação, dentre muitos outros. Sabe-se com isso que não se pode atrelar uma determinada manifestação cultural a um determinado espaço geográfico, tampouco a um único grupo de pessoas. O que se tem ou não com relação a isso é a valorização ou a desvalorização dessas práticas por determinados segmentos da sociedade.

No município de Paulista vem se consolidando essa marca de “terra da poesia”, provavelmente em virtude da considerável quantidade e da contribuição de praticantes da arte da poesia oriundos dessa localidade, bem como o apreço que a população do município dedica a arte da poesia. Para consolidar essa marca são necessários alguns elementos, dentre os quais na maioria das vezes está o reconhecimento do poder público. Para esse efeito, em 18 de maio de 2018, Paulista-PB, juntamente com Pombal-PB, foram reconhecidas como “Patrimônio Cultural do Cordel” através da Lei de nº 11.126, de 17 de maio de 2018. Esta lei “Reconhece os municípios de Pombal e Paulista, no sertão da Paraíba, como Patrimônios Culturais do Cordel a partir do centenário da morte de Leandro Gomes de Barros” (Paraíba, 2018, [S.P.]

Uma outra questão relevante com relação à influência do poeta Leandro Gomes de Barros para a compreensão das dinâmicas culturais em Paulista, demonstram como essas figuras são para compreender como foi se construindo ao longo do desenvolvimento da povoação do município essa ligação entre a poesia e a conjuntura que se desenvolveu ao longo do processo de formação deste município. De modo que o sujeito histórico em questão é comumente referido quando se fala na questão cultural em Paulista.

Isso se deve ao fato de que o poeta Leandro Gomes de Barros tem sua origem associada ao município de Paulista, no entanto a maioria dos pesquisadores da Literatura de Cordel atribuem sua origem ao município de Pombal. Para refutar essa teoria, o advogado e escritor do município de Paulista-PB, Gutemberg Farias. Em seu estudo sobre a história do desenvolvimento de Paulista, esse autor apresenta uma linha de abordagem bastante consistente para justificar essa reivindicação do pertencimento de Leandro Gomes de Barros ao município de Paulista.

De acordo Farias (2018), Leandro teria suas origens muito mais ligadas ao município de Paulista do que ao de Pombal, tendo em vista que o último ainda não havia sido elevado nem mesmo à categoria de cidade quando o poeta nasceu. Além disso, como seu parentesco era muito mais numeroso na povoação de Paulista, sendo seus laços com Pombal muito mais por questões políticas do que familiares, a naturalidade do poeta é até os dias atuais reivindicada pelo município de Paulista.

Farias (2018, P. 320) afirma ainda que “Ao longo da história convencionou-se biografar o poeta como sendo natural da cidade de Pombal, posto que o sítio Melancias se localizava na jurisdição de Pombal à época de seu nascimento”. Continua o mesmo autor afirmando que

Com a emancipação política de Paulista em 23 de dezembro de 1961, o sítio Melancias ficou incluído no perímetro municipal da cidade de Paulista. Ademais, a história da família do poeta está umbilicalmente ligada à povoação de Paulista desde o século XVIII, com a chegada dos seus primeiros ancestrais vindos de Pernambuco e se unindo a outro segmento familiar da cidade de Serra Negra do Norte. [...]. Isso, por si só, já é suficiente para qualificar Leandro como natural de Paulista, pois a ligação com a vila de Pombal era meramente política. Os laços familiares, na sua essência, sempre foram com a povoação de Paulista desde o passado mais remoto da sua família no sertão paraibano. (Farias, 2018, P.320)

Vê-se toda uma produção de conteúdo visando defender a naturalidade do poeta Leandro Gomes de Barros estando ligada ao município de Paulista de modo que o

próprio aparato de lei sobre esse assunto é citado pelo autor deste estudo como meio para justificar a ascendência do cordelista e com isso provavelmente buscar uma visibilidade maior para o município de Paulista no que diz respeito ao âmbito cultural.

Em seu artigo 1º está disposto que “ficam os municípios de Pombal e Paulista, localizados no sertão paraibano, reconhecidos pelo Governo do Estado como Patrimônio Cultural do Cordel, com valor de ofício para fins culturais e atrativos turísticos” (Paraíba, 2018, [s.p.]). Desse modo, percebe-se importância da poesia popular no município de Paulista, chegando o município a fazer parte do patrimônio cultural do cordel, em função disso, inúmeros são os esforços por parte dos artistas dessa localidade para que este patrimônio não deixe de ser continuamente valorizado e alvo de recursos públicos para seu fortalecimento como símbolo local.

Para concluir esta discussão seria pertinente remeter Chimamanda Ngozi Adichie (2019), por trazer a defesa de que as histórias não devem ter um único ponto de vista, não porque esses sejam errados, mas porque podem ser incompletos e podem em vista disso criar estereótipos. É dessa forma que se busca neste trabalho, não abandonar os clássicos referentes ao tema, mas sim propor, no mínimo, um ponto de vista diferente, que dê visibilidade às pessoas que efetivamente fizeram parte das lutas dos trabalhadores rurais no sertão da Paraíba em busca de seus direitos, utilizando-se das “ferramentas” que tinham ao seu alcance.

Ainda segundo Adichie (2019), as histórias ao longo do tempo teriam sido usadas para espoliar ou caluniar pessoas, grupos, nações etc., mas, da mesma forma poderiam para servir para dar visibilidade ao que historicamente foi negado aos grupos sociais sem poder econômico e político: seu lugar na história.

Destarte, o que se busca aqui é nada menos do que demonstrar que todos os povos têm suas histórias, o que muda de uma sociedade para outra e de um tempo para outro é forma como as histórias são contadas e quais grupos em determinados momentos são inseridos ou ficam de fora das produções historiográficas.

### CAPÍTULO III

#### **3. DO SINDICATO AO CORDEL: as lutas dos trabalhadores rurais de Paulista e a poesia de Avelino Laurentino**

Este capítulo tem por objetivo abordar a atuação de Avelino Laurentino da Silva no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paulista, sobretudo a partir da análise de uma série de documentos recolhidos nesta instituição por meio desta pesquisa. Sendo que a maioria dos documentos que foram possíveis de se ter acesso tratam principalmente de questões ligadas a resolução de problemas entre empregados e patrões, como também no que tange às reivindicações por melhores condições de vida por parte de Avelino Laurentino pelo fato de ele se encontrar em um posto de representatividade desta classe à época.

##### **3.1 AS REIVINDICAÇÕES DOS TRABALHADORES RURAIS DE PAULISTA DURANTE A GESTÃO DE AVELINO LAURENTINO NO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS (1975-1985)**

Para iniciar seria necessário antes uma análise das fontes que serão abordadas neste trabalho, com destaque para algumas fontes primárias dos arquivos do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Paulista, que foram fornecidas de bom grado por um de seus funcionários para a composição do cabedal de fontes que deram base à presente pesquisa.

Poderemos acompanhar nesta parte do trabalho um estudo de um compilado de fontes que constam em arquivos da instituição. Em um primeiro momento analisaremos alguns documentos referentes aos trabalhadores que tiveram alguns direitos violados no que tange às lutas pelo direito à permanência na terra pelos trabalhadores rurais.

*[...], Além dos mais anos os proprietários proibiram os Trabalhadores de plantarem feijão e milho nas terras tratorizadas Duma vez que só teve direito a tratorizar a terra foram maiores proprietários. Os mesmos; o plano agora é plantar capim, além de só consentir plantar semente de algodão, o que acarretou para o pobre a situação é a mais difícil.*

Fonte: Sindicato dos trabalhadores rurais de Paulista-PB. Ofício 17/78. Paulista-PB 05/06/78

Anexo A

Neste trecho o presidente dos sindicatos aponta um pouco da situação que estavam passando uma parcela dos trabalhadores rurais de Paulista-PB. Que em sua

maioria estavam perdendo o direito de plantarem os gêneros alimentícios básicos para garantirem o sustento das famílias. Dessa forma, muitas vezes impossibilitados de sobreviverem com os alimentos que retiravam da terra, muitas famílias de agricultores teriam sido obrigadas a sair do campo para a cidade.

Este entre outros casos podem ser observados a partir de uma análise minuciosa de algumas atas e ofícios redigidas pelo próprio presidente do sindicato em que constam também reclamações de trabalhadores rurais, que trabalhavam como meeiros ou parceiros dos proprietários em que os próprios donos das terras antes do fim da colheita soltavam o gado dentro das lavouras. É o que se apresenta no documento seguinte:

*Em virtude do Sr. Joaquim José de Sousa, 59 anos, trabalhador Rural a dois anos na Propriedade do Sr. Manoel Luciano de Sousa, na serra denominada Serra do Moleque, neste município.*

*O mesmo veio reclamar uma destruição feita na roça dele pelo gado dos senhores. Em virtude também duma compra de pasto na área sem aviso ao proprietário por parte dos senhores José Tó, José Lopes e demais herdeiros. Tendo sido o gado posto na área sem aviso ao prejudicado por parte dos senhores o qual afirma o gado ter dado prejuízo em algodão para (15) quinze arrobas milho para cem cuias, e fava para (100) litros.*

*Por me caber tomar conhecimento do fato segundo resa o art. 23 do Estatuto Social, conforme letra a, solicito as presenças dos senhores citados na Sede do Sindicato dos trabalhadores Rurais de Gericó, sexta-feira, dia 25 deste, das 11 às 12 horas do dia para se providenciar o prejuízo causado pelo dito gado na roça do citado relatante. Caso contrário levaremos o caso ao poder judiciário com testemunhas conscientes. Muito embora que já se conta hoje com (19) dezanove dias, porém conta-se com pessoas que verificaram de perto a destruição. Saliento ainda que em Gericó trona-se mais favorável, devido à redução de despesas.*

Fonte: Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Paulista-PB

Paulista 22/11/77 ofício N°30/77

Anexo B

Neste excerto é possível ver um exemplo de uma situação que segundo as pesquisas acerca do sistema de trabalho rural que predominava na época no sertão nordestino, que provavelmente seria recorrente nas terras sertanejas havia este sistema de trabalho em que os agricultores agregados teriam pouca ou nenhuma garantia sobre prejuízos em suas lavouras quando o fato se dava por ocasião de invasão das lavouras pelos rebanhos dos donos das terras. Como é possível observar neste caso, o trabalhador agregado, transcorridos alguns dias do ocorrido, e provavelmente sem esperanças de ter

seus prejuízos sanados, recorre ao sindicato como meio de que sua reivindicação chegasse aos órgãos competentes da época.

Outro fato interessante que pode ser observado no documento diz respeito à variedade de produtos que o trabalhador extraia do seu trabalho nas lavouras. Neste caso em específico podemos notar que havia uma boa parte da produção agrícola destinada ao consumo do próprio trabalhador como o plantio de milho e fava, mas que provavelmente também seria repartido como o dono da terra. Porém ficam dúvidas sobre este aspecto, já que o dono da terra permite que o gado invada a lavoura, provavelmente já teria retirado sua parte no lucro.

Um dado mais interessante ainda de se notar é que o produto que é produzido em maior escala é o algodão, que seria o produto destinado à obtenção de recursos financeiros para as fazendas por meio da venda em larga escala. Além disso, como o algodão é uma cultura perene, ou seja, que mesmo os animais domésticos não conseguiriam destruir facilmente, as culturas para subsistência do trabalhador e sua família poderia ser destruída, enquanto a planta do algodão poderia sobreviver para a safra do ano seguinte.

Outro problema frequentemente relatado nos documentos analisados diz respeito aos impactos ambientais que teriam causado a crise da produção algodoeira no espaço geográfico do Médio Piranhas. Alguns fatores referentes ao próprio clima da região como o fenômeno sazonal das secas e ainda um fator externo que foi a chegada do besouro conhecido como bicudo, teriam afetado a produção de algodão a tal ponto que teria inviabilizado a continuidade deste produto.

Em um dos ofícios do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paulista analisados neste estudo, é possível observar que o município de Paulista também não teria ficado isento desta situação. Segue o conteúdo do documento do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paulista ao Secretário de Agricultura do Estado da Paraíba.

*Nobre Sr Secretário,*

*Através deste vimos em nome de todos os Trabalhadores Rurais deste município pedir que seja encaminhada à EMBRAPA por vossa Ex<sup>a</sup> a nossa reivindicação, de que se proceda uma análise de estudo ou*

*pesquisa sobre as nossas áreas de plantações, inclusive solos, o mais breve possível para que tenhamos condições de promover uma nova cultura, visto que a praga do Bicudo neste município torna-se incontrolável. Haja vista este ano o prejuízo é incalculável e os produtores não poderão saldar seus débitos no Banco e muito menos esperar por estudo prolongado quando a necessidade de preparo do solo já se faz necessária antes do mês de janeiro do próximo ano de 1986. Esta é uma reivindicação de todos os trabalhadores rurais que participaram de uma reunião no dia 07 do mês recente ao número de 54, para a qual havíamos formulado convite a própria Secretaria de Agricultura do Estado segundo ofício N° 20/85 do STR de Paulista e não tivemos esta virtude para mostrar ao vivo a triste situação de 80% da cultura algodoeira, e que sem uma providência séria não poderemos mais fazê-la, porque os Trabalhadores poderão conviver com o Bicudo, mas o algodão não pode. Nós damos sugestões dentro da cultura que conhecemos, no caso de não haver controle do Bicudo, já temos em vista outras culturas que havendo uma política agrícola e investimento poderemos optar como por exemplo: mamona, feijão, gergelim e o que mais se produz em grande parte deste município, fora disso / seria útil irrigação para todos fora das margens dos rios devido as inundações, ou para melhor interesse haja diálogo com os STRs, os órgãos do governo com os Trabalhadores antes que seja tarde/ demais. Aguardaremos algumas sugestões para soluções.*

*Com os nossos protestos de mais alta estima e cordiais saudações.*

*Fonte: Ofício N° 24/85 do presidente do STR de Paulista-PB, ao Exm° Sr Secretário de Agricultura do E. da Paraíba.*

*Paulista-PB, 11/07/85*

#### Anexo I

Neste documento é possível observar algumas reivindicações que o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paulista-PB, cobra ao secretário estadual de agricultura da época. Tendo em vista que segundo o que consta no documento, a situação para a cultura algodoeira no município já se tornara insustentável devido aos fatores naturais. É preciso também pensar a respeito das questões que se desenvolveram a partir desse movimento de desestruturação dessa atividade, no qual não apenas fatores naturais, mas também sociais teriam contribuído.

Em outros casos foi possível constatar que o problema da desterritorialização do trabalhador rural nestes espaços ocorreu também devido a um movimento socioeconômico de sua desvalorização e da forma como ele vivia agregado nas terras do patrão. O sistema tácito de parceria que predominava entre proprietários e empregados conhecido como “meia”, era alegado por parte dos trabalhadores que seria a grande dificuldade de permanecer nas terras cultiváveis. Como afirmava o próprio

presidente do STR, Avelino Laurentino em um relato aos Diretores da CONTAG. Segue o conteúdo do documento.

*Paulista, 05/06/78  
Of. 17/78  
Do Presidente do STR de Paulista/PB.  
Aos diretores da CONTAG de Brasília DF.*

*Primeiramente rogo a Deus tão poderoso que nos ajude na nossa campanha justa e honrosa, pois nós estamos precisando de mais justiça e mais união.*

*Em virtude de algumas consequências, resolvi escrever de minha autoria, o mais humilde ABC do agricultor. E ao mesmo tempo enviar a esta repartição CONTAG. Solicitando se possível a publicação do mesmo, só porque nós aqui não temos condições para o que solicito. Ao mesmo instante quero que todos fiquem cientes aí, que nossos companheiros do Nordeste continuam cada vez mais prejudicados.*

*E o pior castigo que aflige tudo é a praga da meia, reclamar é asneira, porque diz o proprietário: Eu não quero morador, o que eu quero é criar boi, morador pode se lascar. Um quilo de carne de boi custa 40 CR\$, e um morador não vale 40 centavos! Aqui a CIDAGRO vende mais caro aos agricultores do que o mercado comum, a SUDENE só presta a benefício dela.*

Anexo A

Diante do exposto é possível observar qual seria o juízo de valor que alguns proprietários tinham a respeito de seus empregados. Sendo que no caso relatado em particular fica visível a desvalorização que o trabalhador sofre perante o patrão. Em alguns casos o valor como ser humano é precificado. Nesse contexto, é possível deduzir que esta situação seria recorrente quando se tratava das relações trabalhistas no médio piranhas durante o período que está sendo pesquisado.

Em mais um dos ofícios presentes no STR de Paulista-PB, é possível perceber que na época que o poeta Avelino Laurentino esteve à frente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, já haveria uma discussão mais abrangente acerca do tema da Reforma Agrária no seu espaço de atuação. Segue o conteúdo do documento.

*Como admirador que sou do boletim da Reforma Agrária, pelo esforço e a inspiração que faculta a nós, que trabalhamos e lutamos pela Paz Social deste tão querido Brasil, e encontramos muitas vezes tantas dificuldades. Como por exemplo a observância das leis, que facultam o direito do homem de permanecer na Terra. E o que estamos sentindo hoje é a Terra cada vez mais sendo ocupada por aqueles que já dispõem de grande quantidade dela, e haver denúncia contra o STR Porque o mesmo acordo com a lei, que diz após (10)*

*anos de moradia o T.R. não pode ser despejado,(sic) e quando acontecer tal desrespeito à lei, se diz que o S.T.R. não pode dizer ao despejado(sic) que permaneça na Terra. Ignoramos este ponto de vista, duma vez que; as autoridades competentes mandaram, confeccionar uma gravação que se ouviu e se ouve ainda, plante mais que o governo garante. Eu gostaria que alguém me mostrasse fora da Terra aonde o T.R. planta, e sem plantar o que é que o Governo garante para manutenção desta grande Nação.*

*Aproveito o momento para elevar os nossos protestos de estima e considerações de apreço, a digna diretoria ABRA. Paulista, 27/06/77*

#### Anexo C

Neste documento é possível notar que o presidente do S.T.R., Avelino Laurentino, que estava à frente da instituição à época, detinha conhecimento a respeito das leis que regulamentavam a posse da terra, como também no que se tratava do Estatuto da Terra e do conjunto de leis que regulamentavam a permanência do trabalhador no seu espaço de produção. Principalmente no direito de permanência que o trabalhador adquire em virtude do tempo de estadia em uma fazenda.

No documento supracitado é possível perceber que, de acordo com o que o escrevente aponta, o trabalhador rural teria o direito de permanecer na terra em que esteve morando e beneficiando durante dez anos. Do mesmo modo, se o trabalhador fosse obrigado a desocupar as terras em que residia há no mínimo dez anos, o dono do imóvel seria obrigado a indenizá-lo. Sendo esse um dos prováveis motivos pelo qual os proprietários relutassem em manter o trabalhador e sua família por um tempo que excedesse esta regra.

Neste íterim, seria quase inevitável que em algum momento ocorressem desentendimentos entre trabalhadores e proprietários, e possivelmente reverberando para o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, já que esse órgão estaria como um dos mediadores de conflitos trabalhistas e representante da classe rural. Nesse sentido, foi possível por meio desta pesquisa encontrar documentos que comprovassem esse tipo de situação, relatado pelo próprio presidente da entidade. Segue a transcrição do documento.

*Paulista Pb, 15.12.1979  
Ofício nº 50/79  
Do Presidente do STR de Paulista Pb  
Ao Sr. Presidente da Confederação Nacional  
dos Trabalhadores Rurais do Brasil.*

*Ainda bastante perturbado com toda família e T. Rurais da região, aproveitamos a oportunidade para comunicar o absurdo e a invasão provocado na Sede deste STR, no dia 09 do mês em curso, por um proprietário de nome José Campos Filho, do Sítio Conceição deste município, pelas 8:00 horas da manhã com todo tipo de palavrões e ameaça de morte contra o presidente, AVELINO LAURENTINO DA SILVA, o qual a disposição de todos que lhe procurasse no termo dos trabalhos úteis.*

*Sendo o agressor tratado com bom humor por parte do Presidente, o que não valeu, para ser ameaçado como ficou dito, insistiu para não sair da Sede, o que fez, após, prometendo de agir na bala contra quem aparecesse a favor do Sindicato ou diretores, inclusive a polícia se tomasse parte. Como fez uma saída e voltou a tarde, protestados seus atos na reunião. O mesmo Sr. José Campos Filho, retornou às 2:00 horas da tarde, quando o Presidente se encontrava conversando de par com a esposa. Quando foi avisado que o citado Sr. vinha de revólver C. 38 em punho para ofensa ao presidente, o mesmo recebendo nefastos desafios revidou algumas palavras pedindo calma, quando houve os primeiros disparos. E em seguida serrou o tiroteio em via pública, não havendo vítimas de morte. Dia 10 do mesmo mês o Presidente pediu providências as autoridades competentes vindo a polícia garantir a tranquilidade.*

*Aproveitamo-nos mesmo para nossas saudações sindicais.*

#### Anexo D

Neste documento foi possível acompanhar um caso em que o presidente do Sindicato Rural de Paulista teria sido alvejado por disparos de arma de fogo por um proprietário rural. O que não aparece no documento é a causa que teria motivado este ocorrido, de modo que o cidadão que efetuou os disparos teria afirmado enfrentar até mesmo a polícia, caso houvesse intervenção. Mostrando como em certos casos como alguns proprietários rurais estariam dispostos a enfrentar até mesmo a força da lei quando tinham seus interesses contrariados.

Este fato demonstra também as adversidades que aqueles que defendiam as causas dos trabalhadores rurais estavam expostos ao risco de vida, independentemente de suas ideologias. Tendo em vista que a pessoa de Avelino Laurentino como uma pessoa religiosa e que prezava pelo diálogo e pela paz, mesmo assim não esteve livre de ser vítima de retaliações no tempo em que atuou como presidente de uma instituição que defendia os direitos dos trabalhadores.

É possível perceber ainda por meio da análise desses documentos disponibilizados pelo Sindicato Rural de Paulista, que o presidente Avelino Laurentino,

seria uma pessoa adepta da paz e do diálogo e mesmo assim nem por isso retrocedendo de suas funções em situações de risco a sua própria vida, como ele relata no documento.

Apesar de certa forma estar em diálogo com políticos que faziam parte do regime político que estava em vigor no seu período de presidente do Sindicato Rural, o poeta Avelino Laurentino tinha uma postura bastante contundente no que dizia respeito às causas dos trabalhadores rurais. Um dos políticos que o poeta teria contato nessa época seria a pessoa do deputado Wilson Braga, que posteriormente viria a ser governador do Estado da Paraíba. Em documento expedido pela Câmara dos Deputados pelo referido então deputado, demonstra de forma resumida sua percepção a respeito da situação que se encontrava a atuação da classe trabalhadora rural como força política e sua compreensão a respeito do regime que ele chama de democrático. Segue o conteúdo do documento.

*Brasília, 13 de maio de 1979*

*Meu caro AVELINO LAURENTINO*

*Ao encaminhar à Comissão de Trabalho e Legislação Social, da Câmara dos Deputados, o anteprojeto de atualização da Consolidação das Leis do Trabalho, o Ministro Murilo Macedo procurou sintetizar o objetivo do Governo em uma curta frase, que a mim pareceu franca e espontânea: “Uma demonstração da prática da democracia”.*

*E acrescenta o Ministro do Trabalho, para nós, parlamentares: “É necessário o regime de participação ao debate nacional”.*

*Por isso mesmo, como a democracia é feita como debate, a participação de todos, envio-lhe uma cópia da matéria governamental, para que seu Sindicato reúna-se e promova um amplo debate. Sugira alterações, aponte falhas.*

*E para mim, que sempre procurei corresponder às aspirações das classes trabalhadoras, terei a satisfação de defender suas posições, aqui em Brasília, como parlamentar.*

*Espero, portanto, sua colaboração.*

*Com um abraço.*

*Deputado WILSON BRAGA*

*Primeiro Secretário*

Anexo H

Neste documento podemos perceber que o deputado que enviou este documento ao então presidente do Sindicato Rural de Paulista, considera o regime político da época como sendo democrático. No entanto, como sabemos como sabemos, o período que esta pesquisa se limita a buscar uma compreensão, ou seja, a década de 1975 a 1985, não se constitui como um período democrático em nosso país, apesar de seus adeptos defenderem isto.

Percebemos, portanto, por meio da análise documental que a pessoa de Avelino Laurentino da Silva, enquanto presidente do Sindicato Rural de Paulista-PB, teve uma participação bastante ativa em suas atribuições de representante da classe dos trabalhadores rurais de sua região de atuação. Mostrava-se também como um líder sindical que detinha vasto conhecimento da legislação trabalhista e teria constituído ainda uma rede de contatos políticos que lhe conferiam uma interlocução entre os trabalhadores e as lideranças políticas locais da época. Sendo que mesmo que o país não estivesse em um regime pleno das liberdades democráticas, Avelino sempre se preocupou em resolver suas demandas por meio do diálogo, pois era a forma mais conveniente no momento.

### 3.2 UMA ABORDAGEM DO SISTEMA DE TRABALHO DE “PARCERIA” A PARTIR DA POÉTICA DE AVELINO LAURENTINO

Essa parte do trabalho terá como objetivo principal analisar algumas produções acadêmicas que foram desenvolvidas tendo como foco a junção entre a poesia popular e as causas dos trabalhadores rurais em Paulista-PB, durante o período que compreende os anos de 1975 a 1985, que foi o intervalo de tempo que Avelino Laurentino esteve à frente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paulista. Além disso, serão analisados também documentos referentes a este período, em que o conteúdo deles concerne às lutas dos trabalhadores e outras questões de competência do presidente do Sindicato Rural de Paulista, enquanto ele esteve à frente da instituição.

Uma das questões centrais a serem discutidas neste trabalho seria justamente a contribuição de Avelino Laurentino forneceu a sociedade paulistense, mas não somente, na conscientização dos trabalhadores rurais da região por meio de suas constatações, palestras e exposições de seus poemas junto aos trabalhadores agregados no Sindicato, como também junto às autoridades competentes da época a respeito da questão da terra.

Nesse sentido, um dos objetivos desta parte do trabalho é justamente compreender o funcionamento das relações trabalhistas em um determinado espaço do sertão paraibano. Dessa forma, a partir das palavras do próprio Avelino Laurentino enquanto sindicalista, elucidam um pouco do seu ponto de vista a respeito da situação dos trabalhadores rurais em Paulista e na região do semiárido.

No documentário “O QUE CONTO DO SERTÃO É ISSO” Avelino Laurentino descreveu um pouco de como transcorria a luta dos trabalhadores rurais e qual seria o papel do sindicato da classe neste movimento. Em um de seus discursos no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paulista ele afirmou que

[...] encontramos muitos trabalhadores descrentes da lei, quando procuram o sindicato é para resolver uma questão, não é para se sindicalizar, é para resolver um problema de uma receita, é para resolver problemas de extração de dente. Ele ainda não se conscientizou com o problema da lei, com o problema da terra. Porque a lei do Sindicato é aquela que dá o direito ao trabalhador rural melhorar de situação. (O QUE EU CONTO...1978)

Neste excerto, Avelino demonstra o seu ponto de vista da situação do trabalhador rural em sua região. Desse modo, por meio da atuação sindical, ele procurava orientar seus companheiros de luta. Nesta produção audiovisual que mostra Avelino Laurentino na sede do sindicato dos trabalhadores rurais de Paulista-PB, ele apresenta as dificuldades enfrentadas pelo trabalhador do campo, sobretudo na época do declínio da produção algodoeira no sertão paraibano.

Neste mesmo documentário (O QUE EU CONTO...1978), Avelino enfatiza que o que se mostra na propaganda, porém sem especificar sua origem, que o Nordeste é a região está “pingando ouro”, este termo sendo usado provavelmente em referência a uma suposta prosperidade econômica impulsionada pela produção algodoeira, que apesar de já se encontrar em declínio no final dos anos 1970, provavelmente fosse apresentada como produto que proporcionava estabilidade econômica à região, no entanto a referida propaganda citada pelo poeta provavelmente não apontava que a maior parte das riquezas gerada pela produção do algodão se concentrava na verdade nas mãos dos latifundiários.

Estas perspectivas se entrelaçam com a história social, no entanto, Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas apontam que “[...], a história social passa a ser encarada como perspectiva de síntese, como reafirmação do princípio de que, em história todos os níveis de abordagem estão inscritos no social e se interligam”. Cardoso e Vainfas, (1997).

A abordagem da história cultural parece estar sem nexos nesta abordagem, pois começam a ser apresentadas questões até mesmo de ordem econômica e social. No entanto, Cardoso e Vainfas (1997) vão dizer que estas duas abordagens teórico-

metodológicas não são necessariamente díspares, uma vez que do ponto de vista das abordagens histórias em vigência no momento, não seria necessário estabelecer exatamente uma linha divisória rígida entre a história social e as demais, neste caso, a história cultural.

Dessa forma, este trabalho buscará justamente estabelecer uma interação entre história social e cultural, tendo em vista que a abordagem principal se dá por meio da análise dos poemas de Avelino Laurentino acerca da situação em que se encontrava o trabalhador rural em Paulista-PB, como também na região de seu entorno, nas décadas finais do século XX a partir do colapso do sistema de produção que tinha por base os produtos agrícolas, principalmente o algodão. Como também, os efeitos causados na sociedade sertaneja e as mudanças no aspecto cultural que podem ser observadas a partir da desterritorialização do trabalhador rural do espaço em que ele estava habituado a desenvolver suas atividades laborais, para, a partir disso, ter que se adaptar ao espaço urbano.

Neste período, com a desterritorialização de grupos de trabalhadores agregados em fazendas, seria natural que de alguma forma houvesse conflitos nos momentos em que os agricultores fossem obrigados a abandonar as terras por mando de seus donatários. É o que podemos observar em um dos documentos recolhidos no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paulista durante a gestão de Avelino Laurentino.

Em um outro trabalho acadêmico realizado pela revista REDE NACIONAL DE INFORMAÇÕES SOBRE O CAMPO DO NORDESTE(RECANE). Tendo como tema TEMAS RURAIS: Migrações relações de trabalho. Neste trabalho é possível acompanhar em um dos artigos que o compõe intitulado “*A parceria no sertão paraibano*” de Maria Ignez S. Paulilo.

Neste artigo que diz respeito à temática da desestruturação da produção de algodão no sertão nordestino e dos efeitos que o evento causou. Nesse contexto, a autora insere em uma parte do seu trabalho uma das poesias de Avelino Laurentino que trata da temática da situação do trabalhador rural neste momento.

No início de seu artigo Maria Ignez relata um pouco do contexto e do espaço em que sua pesquisa é desenvolvida. Conforme as palavras da autora

Esta pesquisa foi realizada no Vale do Piranhas, Sertão da Paraíba em 1978, durante o período que trabalhei na Universidade Federal da Paraíba. Dos onze municípios que compõem o Vale, sete formaram a área de estudo. São eles; Pombal, São Bento, Brejo do Cruz, Catolé do Rocha e Riacho dos Cavalos. Foram escolhidos ao acaso, pois esta área é homogênea o suficiente para que não precisássemos percorrê-la toda, a fim de que os resultados da investigação fossem representativos. (Paulilo, 1989, p. 9)

Mesmo que o município de Paulista não seja diretamente mencionado pela autora, todos os demais que foram estão no entorno deste. E como ela afirma ainda que a região pesquisada é homogênea o suficiente para que não fosse necessário percorrê-la por completo, é possível deduzir que o município de Paulista também apresenta aspectos sociais, econômicos e culturais semelhantes às demais localidades de seu entorno.

A respeito da contribuição da cultura algodoeira, a autora vai apresentar uma série de dados de suma importância para a compreensão do cenário que está se discutindo. Porém, sem dúvida uma de suas contribuições mais relevantes diz respeito a forma como os trabalhadores se organizaram para tentar sobreviver a partir do momento em que o sistema de produção da principal fonte de renda do sertão estava em declínio, porém ainda resistindo em algumas localidades.

De acordo com essa autora

O algodão era plantado em consórcio com o milho e o feijão e, enquanto os cereais eram utilizados para a alimentação dos agricultores, a palha do milho e as ramas do feijão e as sementes do algodão eram utilizados como forragem. Em 1978, quando lá estávamos, comprovamos que o complexo algodão-milho-feijão-boi não havia se alterado. Apenas nas áreas mais úmidas surgiram o arroz e a banana. Também não tinha sido alterado o tipo predominante de relação de trabalho que era a parceria. (Paulilo, 1989, p. 10)

Em outro momento do trabalho a autora relata que obteve uma poesia de um de um habitante da região em que realizava a pesquisa e este morador seria justamente o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paulista, Avelino Laurentino. Na conclusão de seu artigo ela destaca o fato de haver uma indignação latente dos trabalhadores rurais com o sistema de parceria e o descaso dos proprietários com os seus empregados.

O excerto a seguir é resultado desta pesquisa que teria sido complementada por entrevistas feitas a alguns trabalhadores rurais da região em que a pesquisa foi desenvolvida. Por meio destas entrevistas a autora teria conseguido colher dados de grande relevância para compreensão do quadro geral de como se encontravam os trabalhadores rurais naquele ambiente e qual seria a compreensão deles a respeito disso.

[...]. Talvez por não suportarmos um trabalho sem conclusões, gostaríamos de tocar numa questão que não pode aflorar nas entrevistas- a indignação dos trabalhadores frente à situação de exploração em que viviam. Não pode aflorar porque as entrevistas foram feitas dentro das fazendas, onde o medo do patrão não permitia que os moradores falassem abertamente e, também, porque não pudemos ficar tempo suficiente na região para conquistar-lhes a confiança. A indignação, porém, existe e “explode” numa poesia com a qual um ex-morador, então presidente de um sindicato de trabalhadores rurais na região, nos presenteou. Assim, decidimos encerrar esse texto com algumas estrofes da poesia, porque ela, ao mesmo tempo que denuncia as péssimas condições de vida do morador, mostra o medo desses trabalhadores de perderem até essa condição, passando a ser um “mendigo na rua”. A poesia é de Avelino Laurentino da Silva, escrita em novembro de 1963. (Paulilo, 1989, p. 23)

Ainda conforme sugere Paulilo (1989) os versos de Avelino Laurentino da Silva retratavam a indignação com a situação de descaso que seria tratado o trabalhador rural pelas autoridades na sua época de “morador”. Segue o poema retratado pela pesquisa.

#### HOJE MENDIGO NA RUA

*Sou obrigado a contar/ uma história contra o gosto*

*Porque vejo alguém lançar / Algum benefício em rosto / O meu passado eu contemplo / E para servir de exemplo / Minha vida contarei / Tão forte e tão resistente / No tempo de antigamente / E a que ponto cheguei.*

*Por não ter onde morar / Fui morador alugado / Disposto a trabalhar/ Na pá enxada e machado / Na marreta era um perigo / E pra competir comigo / Só se fosse um cabra forte / Não sendo não tinha gosto / Me deram um título composto /Braço de Leão do Norte.*

*E assim me dediquei / Trabalhando sem cansaço / Muita coisa edifiquei /Com a força do meu braço / Cercando casa e curral / Por dentro de matagal / Que cabra mole não ia / Como cabra destemido / Atrás de gado sumido / Na mais feia serrania.*

*Em tempo de sequidão / A própria vida arriscava / Procurando pra ração / Gado que ali faltava / Um bezerro que morria / Tirando o*

*couro eu trazia / Como por obrigação / O salário quase nada / Além da roupa rasgada / Descalço e de pés no chão.*

*Assim o tempo foi indo / No pesado eu me acabando / Era eu diminuindo / E meu patrão aumentando / A família no estudo / E para transportar tudo / Tinha Ford e Chevrolet / E eu sofrendo destroço / Muitas vezes sem almoço / Ia pra feira de pé.*

*Fruta, pão, banana e pinha / Bolo, bolacha e salada / Lá tudo meu patrão tinha / E eu cá não tinha nada / Bebida na geladeira / Ele tinha de primeira / Para quem o visitava / Todo mês fazia festa / Porém uma farra desta / Para mim nunca chegava*

*Na família do patrão / Tem capitão e tenente / Bacharel de anelão / Na Câmara tem Presidente / Padre, Bispo e Professor / No rádio tem locutor / Do suor que derramei / Fazem que nunca me viram / Na classe um terço subiram / E mais dum rosário eu baixei.*

*Na casa de moradia / Tem rádio e televisor / Água encanada e fria / Vitrola e ventilador / Um jardim arborizado / Um Palacete, um / Sobrado Pintura de multicores / Neste edifício bonito / Todo dia eu vejo escrito / Retrato das minhas dores.*

*Bonita propriedade / onde tanto trabalhei / Aonde a necessidade / Maior do mundo eu passei / Lá sepultei saúde / Só fui bom enquanto pude / Trabalhar e dar produto / Pra outros foi a reserva / Pobre é semelhante a erva / Só presta enquanto dá fruto.*

*Quando uma festa havia / Na casa do meu patrão / Eu, como pobre não ia / Pra rica reunião / A falta de roupa e trato / A diversão era o mato / Passando a noite e o dia / Sem coisa alguma gozar / Pois não sendo pra forçar / Meu patrão não me queria.*

*Se a doença me atacava / Eu queixa alguma fazia / Porque ele não gostava / Quando a notícia ocorria / Para ele era um tormento / Doutor e medicamentos / Pra tratar de morador / Nem sequer ia me ver / E dizia pra ofender / Tudo é preguiça esta dor.*

*E nesta situação / Minha saúde acabou-se / Talento e disposição / Tudo de mim ausentou-se / Doente numa cabana / Feita de palha de cana / Mas foi preciso arribar / Pois nesta propriedade / Homem desta qualidade / Não pode nela morar.*

*Tudo na vida se foi / Coragem, força e saúde / Hoje recebo perdoe / E não se alega uma virtude / Sobre tantas condições / Rete para muitos milhões / Eu dei de ida e de volta / Mas aqui está a verdade / Dor, queixa, mágoa e saudade / Só com a morte se finda.*

*De dinheiro paguei juro / De lavoura paguei meia / Cinquenta anos dei duro / E saí por cabra de peia / Com o nome de vagabundo / Olhando pra todo mundo / Mas por usar um bastão / Devido a grande miséria / Quem mais sugou-me a matéria / Me chama até de ladrão.*

*Se a um vou implorar / Daqueles mesmos senhores / Que sofri para lhes dá / O valor dos seus labores / Na hora que estão bebendo / Parece que estão vendo / Perto um suíno ou um cão / Contra mim*

*todos se atiram/ Fazem que nunca me viram / E cada um dá-me um bichão.*

*Um me manda trabalhar /Outro diz uma piada / Outro manda eu desabar / Com perdoe, liso e sem nada / Um puxa em minha sacola/ Outro diz quem pede esmola / Devia ser exilado / Além de negar-me o pão / Nega a parte de irmão / Deste Cristo angustiado*

*Meu Jesus onipotente / Tu que és grande e não tens falha/ Dai-nos um bom presidente / Que proteja a quem trabalha / Tu também sofreste sede / Sem casa, sem pão, sem rede / Como eu na tirania/ Também foste massacrado, / Porém formaste um reinado / Só de paz e alegria.*

*Trabalhei pra meu País / O Estado, O Município / Alguém goza e é feliz Porque foi belo o princípio / Eu como máquina corria / Doente a carne ou sadia / Minha sentença era crua / Má, descalço e censurado /Dos mais felizes odiado “HOJE MENDIGO NA RUA”*

*Avelino Laurentino da Silva  
Paulista-PB, novembro de  
1963  
Anexo O*

Nestes versos o poeta apresenta sua compreensão de situações que o trabalhador rural em um sistema de parceria poderia enfrentar. No caso retratado por esta poesia o trabalhador teria ajudado a construir um patrimônio para o patrão e sua família e só teria algum valor enquanto pode trabalhar. A partir do momento em que este trabalhador não fosse mais produtivo na terra em que estava agregado, poderia perder mesmo o direito de permanecer na propriedade onde trabalhou durante seu tempo produtivo.

Um outro dado implícito nessa poesia diz respeito à questão da proteção social do trabalhador rural. Sobretudo no que diz respeito à questão da aposentadoria rural, medida esta que só passaria a vigorar a partir da década de 1970. A partir da criação do FUNRURAL e do PRORURAL, é que o agricultor passa a ter uma possibilidade mínima de se inserir minimamente em um contexto de proteção social, como já foi citado anteriormente.

Portanto, o que foi possível concluir dessas pesquisas que foram produzidas em espaços acadêmicos a respeito da temática rural e o uso da poesia como instrumento de reivindicação dos direitos dos trabalhadores rurais demonstra a relevância de se discutir a temática dos direitos e deveres da classe trabalhadora, que apesar de ter conseguido avanços no que diz respeito à inserção na sociedade de modo geral. Como

por exemplo a questão do êxodo rural, a substituição da mão de obra humana pela maquinaria, aumentando consideravelmente o desemprego no campo.

### 3.3 A REPRESENTATIVIDADE DAS PAUTAS DOS TRABALHADORES RURAIS E A POESIA DE AVELINO LAURENTINO

Nessa parte da pesquisa será feita a tentativa de formular uma compreensão da temática das lutas dos trabalhadores rurais pelo direito ao acesso à terra como também no que diz respeito à sua representatividade por meio do estudo de algumas poesias do poeta e presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paulista durante a década de 1975 e 1985.

Dessa forma, seria pertinente também analisarmos as obras a partir de algumas poesias em uma sequência cronológica. De modo que dessa forma será possível perceber como se desenvolve a compreensão do autor das poesias, Avelino Laurentino ao longo de diferentes momentos. Em um de seus poemas esse autor apresenta de forma irônica a situação de quem se colocava em defesa dos trabalhadores, sendo que na seguinte poesia intitulada “O comunista sou eu” ele nos mostra um ponto de vista em que sua luta era comparada à dos comunistas, que em sua época caracterizar alguém com esse atributo era considerado uma ofensa por uma parte conservadora da sociedade.

Sendo assim, Avelino Laurentino compôs algumas estrofes mostrando que tinha conhecimento das causas trabalhistas e das leis que regulamentavam os direitos e a permanência do agricultor nas terras em que trabalhavam, mesmo que vivessem no regime de “parceria”, que foi mencionado anteriormente. Com isso, o poeta enquanto sindicalista e conhecedor das causas pelas quais lutavam os trabalhadores e como representante ativo dessas causas, apresenta de forma contundente em um de seus trabalhos suas impressões da situação. Segue o poema.

#### O COMUNISTA SOU EU

*Baseado numa lei / que me orienta e irmana / visto que é soberana / meus direitos confiei / seus artigos consultei / me senti todo apoiado / sem pensar ser censurado / como um justo agricultor por agente do terror / quase era metralhado.*

*Por viver da plantação / empregando a força bruta / com cinquenta anos de luta / forçando e ganhando o pão / por mim e toda nação /*

*daqui e de mais além / mando muito e pouco vem / vendo dez e compro um til / até ração pro redil / se eu não fizer ninguém tem.*

*Por defender o que é meu / sou malvisto e mal tratado / sou preso sou processado / ninguém sofre como eu / tanto homem que aprendeu / as coisas duma nação / não sabe que nosso pão / é de sangue e de suor / embora o prato melhor / é pra quem faz opressão.*

*Sou tratado como um réu / porque sou um morador / na terra do meu senhor / nem tenho terra nem céu / sou um pobre tabaréu / perseguido e odiado / analfabeto rasgado / o patrão não me respeita / antes do fim da colheita / invade a roça com gado.*

*Não sei por que tanta intriga / tanto ódio e tanto orgulho / se a matéria é um vasculho / terra não enche barriga / o rico é como formiga / por terra é do mesmo jeito / deixa o pobre num estreito / por baixio gruta e aba / tem terra que não acaba / e só come se encontrar feito.*

*Tem poder absoluto / só ele é quem é exato / pega a lei joga no mato / repudia o estatuto / da terra, diz que eu sou bruto / queima casa e mata gente / marginaliza inocente / prende gado e mata bode / só ele manda ele pode / ninguém toma sua frente.*

*Onde a lei é soberana / o rico é rei coroado / Sindicato é torturado / ano mês dia é semana / pela classe desumana / grupo fortemente armado / tenente argente soldado / criminoso e pistoleiros / protegendo aos grileiros / e matando advogado.*

*São contra a religião / perseguem nosso pastor / sequestram causam pavor / tomam terra atrasa o pão / diante a decepção / a justiça não figura / três coisas faz a mistura poder, dinheiro e política / diante o medo e a crítica / se elimina a agricultura.*

*O rico sempre se sai / parece até um desprezo / o pobre mata e vai preso / o rico mata e não vai / se na justiça ele cai / se abala vila e cidade / fica com guarda a vontade / ali ninguém abre o bico / melhor a prisão do rico / do que o pobre em liberdade.*

*Porque quero trabalhar / sou contra o ócio e o crime / o latifúndio me oprime / e jura de me matar / se de um consigo escapar / o outro está de espia / troco a noite pelo dia / sem ter direito a sossego / até pareço morcego / distante da moradia.*

*Por lutar por liberdade / por maior independência / alguém por inconsciência / me fere a dignidade / por ter amor a verdade / alguém me chama de ateu / por honra que Deus me deu / detestar corrupção / e defender meu irmão / O COMUNISTA SOU EU*

Avelino Laurentino da Silva  
Paulista – PB, 1979

#### Anexo Q

Nesses versos podemos observar algumas estrofes nas quais o poeta Avelino Laurentino apresenta suas impressões de como se encontrava a situação dos

trabalhadores em sua região. Como também o que se passava com as entidades ou pessoas que de alguma forma tentavam defender as causas dos trabalhadores rurais. Como por exemplo o que ele expressa na primeira estrofe.

*Baseado numa lei que me orienta e / visto que é soberana meus direitos confiei / seus artigos consultei me senti todo apoiado / sem pensar ser censurado / como um justo agricultor / por agente do terror quase era metralhado.*

Nestas estrofes o autor apresenta um pouco da sua compreensão acerca das situações que ocorriam na região de Paulista, onde ele atuou, mas também em outras regiões com pessoas que intervinham em defesa dos trabalhadores rurais. Em certo momento o autor aponta que agia baseado em uma lei, que provavelmente seria o Estatuto da Terra de 1964, que visava garantir uma certa segurança jurídica aos trabalhadores rurais que viviam agregados em terras de terceiros.

Porém, é perceptível que nem sempre os proprietários de terras que mantinham trabalhadores em suas dependências observavam as determinações dos códigos de leis que resguardavam o agricultor. Dessa forma, conhecendo as leis que regulamentam a posse de terra e a permanência do camponês no seu ambiente de trabalho. O autor da poesia demonstra ainda que quem se dispunha de alguma forma a contestar as “autoridades” locais poderia até mesmo colocar sua vida em risco, como o exemplo que já foi citado anteriormente no caso em que Avelino Laurentino sofre uma tentativa de assassinato por um proprietário de terras da região de Paulista.

Em outra estrofe do mesmo poema o autor apresenta seu ponto de vista a respeito da condição do trabalhador rural agregado nas terras alheias, que em muitos casos o patrão lhe tomava parte da colheita antes que o trabalhador lucrasse todo o produto do seu trabalho. Desse modo o agricultor que era prejudicado pelo patrão muitas vezes recorria ao sindicato como defensor de seus direitos.

*Sou tratado como um réu/ porque sou um morador/ na terra do meu senhor/ nem tenho terra nem céu/ sou um pobre tabaréu/ perseguido e odiado/ analfabeto rasgado / o patrão não me respeita/ antes do fim da colheita/ invade a roça com gado.*

Este caso da invasão proposital das lavouras já foi retratado no início deste capítulo, no entanto apresentado por uma perspectiva audiovisual em que retrata a pessoa de Avelino Laurentino falando em nome dos trabalhadores nas suas atribuições de presidente do Sindicato. Nessa outra perspectiva, ele retrata o mesmo tipo de

situação em versos, demonstrando duas formas distintas, mas que se complementavam na sua forma de atuar em defesa dos direitos da classe que ele representa.

Em outro trecho do poema o autor relata sobre a questão da ganância que os mais ricos de sua época tinham pela posse de terras. Vejamos o que o poema fala desta situação.

*Não sei por que tanta intriga / tanto ódio e tanto orgulho /  
se a matéria é um vasculho / terra não enche barriga / o rico é como  
formiga / por terra é do mesmo jeito / deixa o pobre num estreito /  
por baixio gruta e aba / tem terra que não acaba / e só come se  
encontrar feito. / Tem poder absoluto / só ele é quem é exato /  
pega a lei joga no mato / repudia o estatuto / da terra, diz que eu sou  
bruto / queima casa e mata gente / marginaliza inocente /  
prende gado e mata bode / só ele manda ele pode /  
ninguém toma sua frente.*

Nessas estrofes vê-se um pouco da compreensão que o poeta tinha a respeito dos ricos e “poderosos” de sua época, que chegavam em certos momentos, de acordo com o conteúdo da poesia, a desafiar a própria lei. Em um dos documentos disponibilizados pelo sindicato também observamos um acontecido relatado pelo poeta em que um determinado proprietário de sua região ameaçou a própria polícia se ela interviesse em uma questão que ele tinha com o Sindicato.

Em um dos documentos fornecidos pelo S.T.R. de Paulista datilografado pelo então presidente da instituição Avelino dá detalhes sobre uma solicitação de publicação de um de seus poemas referentes às causas trabalhistas, nesse documento o poeta solicita o retorno de uma de suas poesias para que pudesse possivelmente publicá-la. Segue o conteúdo do documento.

*Ao Exmo. Sr. Dr. Toscano  
Assessor do Sr. Ministro do M.T.B.,  
de Brasília\_DF.*

*Exmo. Sr. Dr. Toscano,  
Meu cordial abraço!*

*Em primeiro lugar quero dizer aos Dirigentes do M.T.B. que como sempre fomos muito felizes no simpósio deste ano aí em Brasília. Com a nossa volta para o campo trouxemos as mensagens do novo Ministério para os nossos companheiros, que receberam-nos com muita alegria. Isso porque, sentiram que os nossos encontros geram entre os demais frutos indestrutíveis, entre o homem do campo e as autoridades competentes.*

*Outro assunto, como eu disse a V. Exa. Em todo Sindicato que chego ou me encontro, sempre me é cobrado o folheito que escrevi sobre o encontro de dirigentes sindicais em agosto do ano*

*passado, 1977. Então como não foi possível a impressão aí em Brasília e o Ministério do Trabalho quiser me dar uma ajuda para a impressão do mesmo ficarei ternamente grato, se não, peço por gentileza a devolução do original, porque quero apresentá-lo aos que me cobram, para cumprir o que prometi. Porém aguardo confiante a ajuda. Contanto que tudo ande e continue como antes, cresça mais o nosso entendimento e as amizades se multipliquem, e o nosso Brasil vibre no amor, na prosperidade e na paz social.*

*Sendo o que nos oferecia para o momento, renovamos as nossas considerações em apreço e saudações sindicais.*

Anexo J

Nesse documento o poeta faz menção a algum de seus folhetos que provavelmente ele teria enviado para ser impresso em Brasília, segundo ele mesmo cita que teria sido escrito em um encontro de dirigentes sindicais. Posteriormente o poeta relata ainda seu desejo de publicar o mesmo folheto, feito este que havia sido solicitado por outros colegas dirigentes sindicais como ele mesmo relata. Dessa forma é perceptível que nessa época o poeta e sindicalista Avelino Laurentino já era consideravelmente conhecido entre seus companheiros de luta e suas poesias seriam requisitadas, possivelmente para serem usadas como instrumentos para serem usadas pela classe trabalhadora como instrumento de reivindicação.

Vale uma ressalva nesse momento, a de que não foi possível distinguir entre as poesias encontradas qual seria a que o autor menciona nos documentos disponibilizados pelo Sindicato Rural de Paulista. E ainda como se trata de um material inédito e que não foi publicado de nenhuma forma, se torna um trabalho complexo dizer com exatidão em quais situações o poeta teria formulado estas poesias, se de forma espontânea e improvisada, ou em uma “bancada” como se acredita que a maioria dos cordelistas realizam suas produções.

Porém, o que é mais importante para este trabalho é compreender o momento histórico e as situações que as poesias retratam, fazendo justamente o cruzamento de dois tipos de fonte de pesquisa, uma oficial, disponibilizada pelo Sindicato e a outra extraoficial, que no caso são os poemas. Como também o documentário produzido pela Universidade Federal da Paraíba e ainda a pesquisa publicada na revista Temas Rurais, também vinculada a essa instituição.

Tanto os documentos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paulista quanto as poesias de Avelino Laurentino são marcadas por essas questões rurais, sempre

retratando os problemas enfrentados pelos trabalhadores e fazendo sua crítica social ao sistema de organização da produção vigente em sua época de atuação como cidadão participativo. Além disso, suas produções artísticas demonstram também um pouco da sua visão a respeito da situação política em que estava sendo vivenciada no Brasil no período que essa pesquisa se limita a analisar.

No poema que será analisado a seguir, intitulado “*Faz pena o brasil tão rico viver comendo de esmola*”, torna-se perceptível que Avelino Laurentino tinha consciência da situação de precariedade que as camadas sociais menos favorecidas econômica e politicamente enfrentavam em seu dia a dia. Como também a noção que as riquezas do nosso país foram muito mal distribuídas ao longo do processo de construção da nação brasileira. Segue o conteúdo da poesia

*FAZ PENA O BRASIL TÃO RICO  
E VIVER COMENDO DE ESMOLA*

*Brasil dum povo tão bravo  
de esforço, trabalho e luta  
de minério e mata bruta  
que o mundo o tem como alvo  
prá muitos serve de escravo  
de cangalha e rabichola  
o menor é quem se atola  
alguém faz dele um burrico  
**Faz pena um Brasil tão rico  
e viver comendo de esmola.***

*Em riquezas naturais  
no solo e subsolo  
imita o Céu de Apolo  
em pedras, extrato e metais  
manganês, ouro e outros mais  
borracha, resina e cola  
água térmica e castanhola  
se falar diz que é fuxico  
**Faz pena um Brasil tão rico  
e viver comendo de esmola.***

*Só é mal distribuída  
no Brasil sua riqueza  
apesar que a natureza  
deu tudo pra nossa vida  
devia ser protegida  
esta Pátria que se evola  
mas os grandes nos enrola  
comem tudo e dão um tico  
**Faz pena um Brasil tão rico***

*e viver comendo de esmola.*

*Brasil de Pedro Cabral  
 Brasil de Pedro Primeiro  
 Brasil que encheu de dinheiro  
 os cofres de Portugal  
 é Brasil que o pessoal  
 de longe é que nos enrola  
 devido essa corriola  
 aqui ninguém abre o bico  
**Faz pena um Brasil tão rico  
 e viver comendo de esmola.***

*Desde os tempos dos reis  
 que nosso povo é sujeito  
 neste Brasil não tem jeito  
 nem com projetos nem leis  
 somente os mandões têm vez  
 colhem flor, ramo e corola  
 pro resto existe é pistola  
 e palmatória de angico  
**Faz pena um Brasil tão rico  
 e viver comendo de esmola.***

*PRÓ-TERRA nada criou  
 SUDENE e POLONORDESTE  
 pesquisa, projeto e teste  
 ao povo sacrificou  
 quem tinha mais encanou  
 PROVALE prendeu a bola  
 a cabola que era mola  
 a China gritou eu fico  
**Faz pena um Brasil tão rico  
 e viver comendo de esmola.***

*Quede(sic) o projeto jarí?  
 e a serra dos carajás?  
 terra, floresta e metais  
 foi a maior que eu já vi  
 a serra pelada em si  
 faz ouro que dá gandola  
 breve o petróleo controla  
 toda espécie de fabrico  
**Faz pena um Brasil tão rico  
 e viver comendo de esmola.***

*Tanta terra sem plantios  
 tanta criança sem rede  
 tanta da gente com sede  
 sobrando água nos rios  
 e os grandes desafios  
 pra técnica, indústria e escola  
 quede a verdadeira mola?  
 de governo a quem critico?  
**Faz pena um Brasil tão rico***

*e viver comendo de esmola.*

*Oh Deus! daí inspiração  
ao povo governante  
para acordar o gigante  
a bem da nossa Nação  
não o deixe dormir mais não  
se não o tempo o acrisola  
e o gigante se atola  
e até eu me prejudico  
**Faz pena um Brasil tão rico  
e viver comendo de esmola.***

*Deputados, senadores  
governante general  
convoque o povo em geral  
contra tantos corruptores(sic)  
protejam os trabalhadores  
que plantam a quem são a mola  
confiem o campo e a bola  
que haverá melhor fabrico  
**Faz pena um Brasil tão rico  
e viver comendo de esmola.***

*Avelino Laurentino da Silva  
Paulista – PB, 20/10/1980*

Anexo P

Nesses versos o poeta demonstra o seu ponto de vista a respeito da situação que o brasileiro sem posses vivenciava em sua época. As estrofes apontam ainda que ele tinha conhecimento da variedade de riquezas do Brasil, como também o mau aproveitamento e má distribuição dos recursos entre a população mais necessitada. Dessa forma, a crítica social presente em sua poesia mostra-se como uma forma de reivindicação em prol de uma repartição dos bens naturais para as pessoas que realmente agregavam valor à terra e produziam o alimento para o restante da população e buscavam minimamente uma forma de autonomia por meio do acesso a um pedaço de terra.

É perceptível através de uma análise minuciosa desses documentos ter contato com essas ideias de uma pessoa que estava atenta às questões sociais latentes de sua época e perceber ainda que muitos dos problemas que o poeta apresenta em suas poesias ainda não foram solucionados até os dias atuais em nossa sociedade. Tendo em vista que as lutas dos camponeses sem terra permanecem ativas até os dias de hoje.

A partir da discussão dessas ideias, podemos ter uma noção do processo histórico das lutas dos camponeses para garantirem seu espaço de sobrevivência em

nossa sociedade até os dias de hoje. Apresentamos essas reivindicações em formas de poesias com o objetivo de mostrar que apesar de em muitos momentos os trabalhadores rurais e seus representantes se usaram de muitas formas de reivindicar seus direitos e não apenas por meio da violência como frequentemente se divulga na mídia com relação às lutas dos trabalhadores rurais pelo acesso à terra, por exemplo.

Um outro aspecto a ser ressaltado a respeito da poética de Avelino Laurentino é que sua produção vai muito além do seu espaço de atuação, chegando a alcançar outros recantos da sociedade até mesmo no âmbito acadêmico, sendo esse um dos motivos que impulsionaram a desenvolver uma pesquisa mais detalhada em torno de sua produção, tendo em vista que os estudos que foram desenvolvidos até o momento a respeito de suas poesias e suas lutas sociais, não da complexidade de entender um pouco do pensamento desse poeta, e também tem o objetivo de trazer a público uma variedade maior do rico material produzido por ele se tratando das causas dos trabalhadores rurais.

Provavelmente pelo Fato de Avelino, na sua época de sindicalista, estivesse em frequente contato com um círculo social não se limitava a um espaço pequeno de atuação, mas chegava a abranger todo o país de forma quase homogênea, suas produções artísticas ganharam uma certa visibilidade como já foi mostrado em alguns documentos que constam no Sindicato Rural de Paulista. Além disso, é provável que em suas participações em congressos e eventos de lideranças sindicais o poeta recitou alguns de seus versos que tratam da temática das pautas trabalhistas.

Nesse sentido, suas obras ganharam muito mais visibilidade na representação destas pautas, uma vez que recitados em eventos que defendiam uma causa em comum, suas poesias poderiam ser apropriadas por outros representantes de trabalhadores de outras regiões ou até mesmo de outros estados. Fazendo com isso que suas poesias ganhassem dimensões maiores do que provavelmente nem mesmo o próprio poeta esperasse.

Uma das poesias de Avelino Laurentino que provavelmente tomou maior visibilidade até o presente momento é uma que também retrata essas situações que já foram citadas anteriormente, de exploração do trabalhador rural, negligência dos seus direitos, ou mesmo o seu total desconhecimento pela classe trabalhadora. Nesse cenário os sindicatos teriam como principal função tornar o agricultor consciente desses direitos

além disso uma instituição que seria responsável por levar as reivindicações dessa classe até as autoridades competentes.

A poesia seguinte é um cordel produzido para um encontro intersindical na Paraíba em 1982, na sede da FETAG-PB, promovido pela comissão executiva pró-união sindical em João Pessoa-PB. Neste cordel o poeta apresenta uma série de questões de suma importância como inflação, desemprego, exploração do trabalhador, a questão da Reforma Agrária que o autor tanto defendia, dentre tantas pautas de suma importância para a sociedade de um modo geral.

No cordel que será analisado a seguir o poeta descreve algumas questões presentes que já haviam sido apresentadas em outras poesias suas, no entanto o diferencial desse compilado é que foi devidamente publicado e atualmente é possível encontrá-lo em domínio público em formato digital pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. O trabalho é intitulado “*A LUTA DOS TRABALHADORES E A CONCLAT AOS TRABALHADORES E AO POVO BRASILEIRO*”.

Nesse período de fins do regime militar os movimentos de trabalhadores deram um impulso considerável para que esse momento da política brasileira fosse superado, tendo em vista que os anos maior aceitação do regime já haviam passado, tendo em vista que o chamado “milagre econômico” não fez reverberar seus efeitos para a grande maioria da população e a crise econômica mais uma vez estava presente na vida da maior parte da população brasileira.

Em seu cordel sobre esse evento o poeta Avelino mostra por meio de poesias sua indignação que os mais pobres enfrentavam, sobretudo o trabalhador rural que na compreensão desse poeta sempre foi a classe menos valorizada do país. Tendo em vista que o trabalho rural em grande medida era desenvolvido pela parcela escravizada da população até a promulgação da lei Áurea em 1888. No entanto, nem mesmo com o fim do regime escravista os trabalhadores rurais ganharam melhores condições de vida e de trabalho, sendo que os efeitos das desigualdades provocadas pelo processo de trabalho escravo se fazem sentir até os dias atuais.

Desse modo, com o trabalho rural tendo sido marcado por um processo histórico de desvalorização e negação de direitos aos trabalhadores, o poeta apresenta algumas de suas reflexões sobre a lenta e gradual conquista de direitos pelos

trabalhadores rurais. Que começaram a ter alguma segurança trabalhista garantida em lei apenas na década de 1960 com a criação do Estatuto da Terra, que mesmo sendo insuficiente em muitos pontos, foi um passo importante para os trabalhadores rurais que vieram a conquistar alguma segurança jurídica em seu trabalho pelo menos três décadas depois dos trabalhadores urbanos. Segue o conteúdo e a análise de alguns versos do cordel em questão.

*São José bom carpinteiro  
Pai adotivo do amor  
Honraste como ninguém  
A luta do agricultor  
Neste mundo de incerteza  
Nos ajudai na defesa  
Do homem trabalhador*

*Há muitos anos passados  
Uma luta começava  
Havia algum privilégio  
Às vezes a coisa esquentava  
Pois o homem do campo  
Era como pirilampo  
Sem rumo, só vagueava*

*Mas até que um dia ele  
Procurando solução  
Pensou em sair das trevas  
Pediu a Deus proteção  
Protegido, se inspirou  
E entre os outros encontrou  
Força, coragem e ação  
(SILVA,1982, p.1)*

Nessas estrofes o autor deixa transparecer alguns aspectos pessoais de sua visão de mundo, como por exemplo a questão da religiosidade, invocando a São José a proteção para os trabalhadores rurais. Isso provavelmente seria também um reflexo da influência do espaço de sua formação enquanto cidadão, ou seja, o município de Paulista, que tem como padroeiro da cidade o santo referido.

Já na segunda estrofe o autor faz menção a um tempo passado em relação a época que ele vivia, em que, na sua compreensão, o trabalhador rural vivia “sem rumo só vagueava” Silva (1982). O que poeta retrata nessa estrofe provavelmente diz respeito ao fato de que os trabalhadores rurais na época de sua juventude ou algumas décadas antes mesmo do seu nascimento, viviam em uma situação de constante insegurança trabalhista, tendo em vista que estando vivendo como “morador” em uma propriedade,

quando se tornasse “improdutivo” o trabalhador correria o risco de ser expulso do local que habitava.

Na terceira estrofe o poeta destaca a importância da união entre a classe trabalhadora, tendo em vista que naquele momento já havia uma considerável mobilização dos trabalhadores urbanos, o poeta conclama em seu cordel aos trabalhadores rurais se unirem aos movimentos de reivindicação pelos direitos trabalhistas. Ele destaca ressaltando também a importância das demais classes trabalhadoras valorizarem a luta do agricultor por seus direitos.

Em outra parte do cordel o poeta destaca as lutas enfrentadas pelos trabalhadores rurais em busca de seus direitos. Ele aponta que muitas vezes a classe rural teve que travar suas contendas sem o apoio do restante da sociedade. E nisso, o meio mais eficaz de ação teria sido justamente a agremiação sindical como forma de reunir a classe em torno de causas comuns. Deve-se considerar a isso o fato de o poeta ser sindicalista.

*Enfrentou medo e rigor  
Perseguição e boato  
Reuniu-se aos companheiros  
Da vila, cidade e mato  
Com amor de bom irmão  
Era unir-se em sindicato*

*Por isso comunicou-se  
Sem fazer demagogia  
Com calma e vivacidade  
No tanger do dia a dia  
Sem fazer festa nem boda  
Conquistando a massa toda  
Para sua companhia*

*Isto é aquela massa  
oprimida, sufocada  
da classe trabalhadora  
sem direito espezinhada  
na solidão do rigor  
justamente, o agricultor  
a classe mais desprezada  
(Silva, 1982, p.2)*

Nesse poema o autor ressaltava a importância de outras categorias de trabalhadores se unirem em torno das causas dos agricultores, tendo em vista que naquele momento os movimentos trabalhistas iam ganhando gradualmente uma

capacidade de mobilização, tendo em vista o enfraquecimento do regime militar. Essas reivindicações organizadas como a própria Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (CONCLAT), demonstram como essas reivindicações estavam organizadas em torno de um objetivo comum, buscando melhores condições de sobrevivência para as camadas menos favorecidas da sociedade, não apenas na esfera do trabalho como em outros espaços.

Em outro verso o autor irá ressaltar a justamente a questão dessa necessidade de união entre as diferentes categorias de trabalhadores da sociedade se unirem em torno das pautas dos agricultores para que com isso não deixasse de haver uma produção alimentícia e com isso se evitasse as crises sociais. Segue o conteúdo do poema.

*Por que no Brasil chegaram  
As multinacionais  
Prejudicando os mais pobres  
Das minas aos canaviais  
Trazendo um sistema novo  
Contra os direitos do povo  
E as regras sindicais*

*Os nossos irmãos rurais  
Por incrível que pareça  
Diante tanta descrença  
Mas pra que tudo pareça  
Basta lhes faltar a vez  
Pois faltando o camponês  
Tudo é corpo sem cabeça*

*Portanto eu faço um apelo  
A metalúrgicos e vidreiros  
Professores, jornalistas  
Bancários e seringueiros  
Médicos e eletricitas  
Jornaleiro, desenhista  
Tecelões e engenheiro  
(Silva, 1982, p. 3)*

Nessas estrofes o poeta ressalta a importância de que haja um esforço conjunto da sociedade para que os trabalhadores rurais não sejam deixados sozinhos em lutas por direitos, pois desse modo seria muito mais difícil que suas reivindicações fossem atendidas. O apelo que o poeta construiu em seu cordel para que os trabalhadores se unissem em torno das causas trabalhistas, não foi sem motivos para se preocupar com essa questão, tendo em vista que ao que parece unir as diferentes classes

trabalhadoras não foi uma tarefa fácil nos idos das décadas de 1980 até por volta dos anos 1990.

### Segundo Marco Aurélio Santana

Com a chegada de 1983, o clima de tensão e divisão entre os grupos já parecia sem retorno. Marcada para aquele ano, a Conclat enfrentaria novos problemas para se realizar. Para além de outras divergências, a grande questão se estabelecia a partir do fato de que os “combativos”, que desde 1982 já se articulavam com setores do movimento social e popular na Articulação Nacional dos Movimentos Populares e Sindicais (Anampos), insistiram na ampliação dos espaços de participação às Oposições Sindicais; a Unidade Sindical, ancorada na estrutura sindical vigente, não aceitava tal ampliação, insistindo que só os dirigentes poderiam participar. (Santana, 2003, p.292-3)

O autor referido sustenta a tese de que unir as diferentes categorias de trabalhadores em uma causa comum não era uma tarefa tão fácil. Desse modo, os versos de conclamação do poeta Avelino Laurentino tinham uma razão de existir, pois se a situação continuasse da forma que estaria transcorrendo os trabalhadores rurais enfrentariam enormes dificuldades para fazer valer suas lutas.

Um outro aspecto relevante a ser ressaltado diz respeito ao modo como o poeta Avelino retrata alguns pontos centrais que em certa medida davam sustentação às lutas dos trabalhadores rurais, como por exemplo a em relação ao Estatuto da Terra. Este documento teria sido um dos principais aparatos jurídicos que minimamente deram sustentação às lutas dos trabalhadores durante o regime militar. Em algumas de suas estrofes o poeta menciona esse documento e a sua relação com as causas trabalhistas.

*Lutar contra a ironia  
É lutar pela liberdade  
E pela reforma agrária  
Que é grande necessidade  
Liberdade democrática  
Que é sublime esta prática  
Pra toda sociedade*

*E para Reforma Agrária  
Não seja estudo singelo  
Convida-se todo mundo  
Ninguém fica paralelo  
É contra a fome e a guerra  
Que o ESTATUTO DA TERRA  
Não pode morrer donzelo*

*É bom saber que a CONCLAT  
A pouco realizada*

*A favor de todas classes  
Foi aceita e aprovada  
Exigimos do governo  
Que a ela não dê interno  
Queremos vê-la aplicada*

(Silva, 1982. p.5)

Nesse excerto o poeta apresenta sua compreensão a respeito das dificuldades em unir as classes trabalhadoras em torno de uma causa comum. Dessa forma, a Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (CONCLAT) teria sido um dos eventos de suma importância para as causas dos trabalhadores rurais. Ele ressalta ainda a importância que o evento organizado com o objetivo de unir as classes trabalhadoras não ficasse apenas no campo das ideias, mas chegasse a se concretizar.

Nesse sentido, é possível perceber tanto por meio de pesquisas acadêmicas em torno dessa temática, como também a partir dos poemas que o autor apresenta, a relevância de tocar em temas referentes à união em torno dessas causas para que os trabalhadores tivessem suas reivindicações acatadas.

Uma outra questão que se faz relevante salientar a partir desse cordel diz respeito ao Estatuto da Terra que é um tema tocado constantemente em suas composições poéticas. É perceptível portanto que o poeta tinha um excelente conhecimento de causa com relação às pautas que defendia e procurava sempre estar apoiado na lei para evitar a perseguição política em um período que o país atravessou no qual as liberdades políticas estavam em grande medida cerceadas.

*Tantas famílias expulsas  
Que não há mais quem as conte  
Apesar do ESTATUTO  
DA TERRA indicar a fonte  
Mas preto, branco e galego  
Estão virando morcego  
Debaixo da moita e ponte.*

*Queremos que a política  
Agrícola para a nação  
Se aplique aos rurícolas  
Com a participação  
Deixando que o homem plante  
Que o governo garante  
Bom preço na produção.*

*E que o homem do campo*

*Sinta também que é gente  
Tenha direito aos insumos  
E moradia decente  
Ou colono ou minifúndio  
Mas não sirva o latifúndio  
De demônio em sua frente.  
(Silva, 1982, p.7)*

O autor ressalta a questão da expulsão de trabalhadores rurais das terras, gerando com isso situações de miséria como pessoas morando embaixo de pontes como o próprio autor relata. É perceptível aqui que os problemas sociais causados pela expulsão de trabalhadores rurais das terras vão muito além do êxodo rural, diz respeito também a toda uma situação de miséria causada por esse evento histórico.

Um dos fatos interessantes a ser destacado é com relação à cobrança que recaia sobre o governo. O autor deixa transparecer que na época que produziu seus escritos, de acordo com sua interpretação dos fatos, que uma boa parte da responsabilidade em regular a política de preços dos produtos agrícolas ficaria a cargo do poder estatal, nos permitindo deduzir que a circulação de mercadorias da época ainda não era influenciada pela política neoliberal instalada no Brasil a partir dos anos 1990.

Dessa forma, na visão do autor, o governo seria o grande responsável pelo desenvolvimento também do comércio, e que o papel do capital privado nesse momento ainda seria de certa forma ausente em parte do sertão nordestino. Demonstrando com isso, que apesar do estado de exceção em que se encontrava o país naquele momento, as pessoas que de alguma forma não detinham o poder de ir contra o poder do Estado não tinham condições de enfrentar a situação política estabelecida.

Em um outro trecho desse cordel o autor cita a Lei de Segurança Nacional que foi adotada pelos governos militares sob o pretexto de manter a lei e a ordem no país, porém deixando a fome e a miséria se alastrarem cada vez mais sem que para isso fosse criada uma lei nacional com o objetivo imediato de combater esses problemas. Segue o conteúdo do poema.

*Uns têm desgosto em viver  
Num Brasil faixa amarela  
Uma branca e outra verde  
Que pátria rica e tão bela  
Uns poucos donos de tudo  
Uns em projeto e estudo  
São marginais de favela*

*Repudiamos tutela  
Estatal como se diz  
Contra todos sindicatos  
Do nosso honrado país  
Somos contra a cassação  
De todos nossos aviz*

*E ainda exigimos  
Que haja revogação  
Dessa lei de segurança  
De ódio e condenação  
Que se diz nacional  
Porque foi o maior mal  
Fruto da revolução*

(Silva, 1982, p.8)

Na primeira estrofe o autor retrata algumas questões que dizem respeito aos símbolos nacionais como por exemplo as cores da bandeira, apresentando as contradições existentes entre as riquezas do país, representadas nas cores da bandeira e as desigualdades que se faziam presentes em meio a população mais carente.

Segundo Borges (2003, p.24) “Objetivamente, a Doutrina de Segurança Nacional é a manifestação de uma ideologia que repousa sobre uma concepção de guerra permanente e total entre o comunismo e os países ocidentais”. Dessa forma, a Lei de Segurança Nacional que o poeta Avelino retrata em suas poesias estaria baseada nesta doutrina. Sendo assim, fazendo uma análise comparativa, entre os poemas e este último autor citado é possível perceber que essa lei tinha como principal objetivo combater o comunismo no país no período em que a ditadura se instalou no país.

De acordo com Mario Grynszpan

“[...] com o golpe, os trabalhadores rurais passaram da ofensiva às lutas de resistência, das ações coletivas, passaram aos conflitos individuais, localizados. Sua principal arma era a legislação existente, como o Estatuto do Trabalhador Rural e o próprio Estatuto da Terra. Lutando, assim, por direitos, tiveram nos advogados de sindicatos e federações seus grandes aliados, e fizeram da justiça, principalmente a trabalhista, um dos principais espaços de resolução, mas também de mediação e de publicização dos conflitos, trazendo-os para fora das propriedades e da relação direta e personalizada com os proprietários. (GRYNSZPAN, 2003, p.326)

Desse modo, o que podemos inferir a respeito desses cruzamentos entre fontes é que além do engajamento do poeta em suas produções artísticas ele também demonstra ter conhecimento da situação de estado de exceção que vigorava naquele

momento. E, por isso mesmo a maioria de suas composições poéticas são em tons de cobrança, mas sempre com cautela, tendo em vista que para efeito de publicação de obras artísticas havia o instrumento da censura que tinha como objetivo inibir qualquer tentativa de crítica ao regime político da época.

Se faz necessário também levar em conta que o poeta tinha uma linha de pensamento voltada para o cristianismo católico o que também teria sido uma das prováveis motivações para que ele tivesse procurado defender suas causas dentro dos limites legais que o regime político da época estabelecia, tendo em vista que a suposta luta contra o comunismo também era uma pauta de luta do cristianismo naquele momento.

No entanto, nem por isso pode-se afirmar que apenas o fato de estar ligado a um determinado tipo de credo fizesse com que o poeta e sindicalista Avelino fosse uma pessoa alienada para as questões sociais e políticas da sua época, tendo em vista que o próprio fato de tentar atuar dentro da legalidade em um regime de desestruturação das instituições democráticas já poderia ser considerado um ato de subversão à ordem estabelecida pela força.

Acerca disso Mario Grynszpan ressalta ainda que

É preciso levar em conta, primeiramente, que uma das marcas da atuação do sindicalismo cristão no período anterior ao golpe, e que o diferenciava das organizações com dirigentes próximos às esquerdas, era a circunscrição de suas ações ao estritamente legal. Esse legalismo foi de certa forma, mantido no período posterior, o que se por um lado permitia a realização das atividades sindicais, ainda que limitadas, justificando-as, legitimando-as, reduzindo as possibilidades de que fossem reprimidas, por outro representava também um foco de problemas. Afinal, buscar o cumprimento de direitos, por menores que fossem, em um quadro dominado pelo arbítrio, era já uma atuação geradora de tensões. (GRYNSZPAN,2003, p.326)

Desse modo, o autor pontua que as maneiras mais viáveis de agir em busca de direitos na época seria justamente agir dentro do direito, de modo que se os trabalhadores rurais e seus representantes não tinham outras formas mais invasivas de atuar contra o regime de exceção, as armas que tinham a sua disposição seriam, dentre outras, as próprias leis que resguardavam os direitos dos trabalhadores, a igreja que de certa forma ainda conseguia uma certa liberdade de expressão no regime da ditadura.

Dessa forma, ao final desta análise documental é possível inferir que uma das principais contribuições acadêmicas, sociais e pessoais ao fazer traçar um paralelo entre os documentos oficiais referidos e as poesias produzidas pelo autor em questão, nos traz uma pequena compreensão de como as lutas sociais dos trabalhadores rurais desprovidos da posse da terra teriam se organizado no espaço e no tempo em que a pesquisa se propõe a estudar.

### **Considerações finais**

Portanto, acerca da presente pesquisa é possível inferir que ela se soma a um conjunto de contribuições acadêmicas, tendo em vista que este estudo apresenta uma série de fontes inéditas tanto no campo da História Social quanto da História Cultural. E desse modo, nela se busca elucidar um pouco da situação dos trabalhadores rurais da região do médio piranhas entre os anos de 1975 a 1985, sobretudo por meio da análise de discurso empreendida sintetizada nas produções poéticas do poeta e sindicalista Avelino Laurentino da Silva.

Se mostra também de suma importância buscar uma compreensão a mais em torno da complexidade da pessoa de Avelino Laurentino e quais fatores teriam influenciado suas produções poéticas e como elas teriam alcançado espaços além da sua área de atuação como poeta e militante pelas causas sociais dos trabalhadores rurais. De modo que essas contribuições, além de mostrar pequeno panorama de uma série de possibilidades de acontecimentos que ainda não vieram à tona, este se torna uma singela compilação de fatos e de suas representações analisados à luz de uma crítica que tem como principal objetivo entender como sujeitos históricos e suas experiências podem surgir a cada nova pesquisa e trazer consigo alguns recortes de um contexto social mais amplo.

Além das relevâncias acadêmicas, é de suma importância para nós pesquisadores dos eventos históricos buscarmos compreender como as lutas de agentes sociais contribuíram para a construção da sociedade que vivemos em nossos dias. De modo que ao entendermos como se organizavam as estruturas sociais e políticas de suas épocas e como esses personagens agiram diante de um conjunto de situações favoráveis ou não em suas lutas, possam eventualmente tomá-los como exemplo da edificação gradual da cidadania em nosso país e saber que o direito de ser um cidadão atuante não foi um privilégio oferecido pela boa vontade dos governantes, mas sim o resultado de

uma série de ações individuais ou coletivas que nos proporcionam a possibilidade de desfrutar da liberdade de agir em prol da transformação das estruturas sociais para uma conjuntura na qual haja cada vez mais avanços e menos retrocessos na concretização da justiça social granjeada pelos que nos antecederam nessas lutas.

Dessa forma, o objetivo central deste trabalho não seria dar conta da totalidade de possibilidades interpretativas para eventos como o que está sendo analisado, mas antes disso demonstrar singela compreensão de alguns fatos que marcaram a história do município de Paulista-PB e da região circunvizinha, se tratando das lutas dos trabalhadores rurais em busca de que se fizessem cumprir seus direitos básicos garantidos pela constituição da época através de medidas como o Estatuto da Terra e órgãos legais como os Sindicatos Rurais.

O trabalho em questão também procurou demonstrar um pouco da realidade de como os trabalhadores rurais teriam agido em prol de suas causas durante o período do regime militar em que manifestações e outras formas de lutas mais invasivas seriam severamente reprimidas pelo governo da época e aqueles que quisessem defender as causas trabalhistas teriam que encontrar outras formas de fazê-lo que não fosse por meio do confronto direto com os que se encontravam no poder. Desse modo os representantes dos trabalhadores desenvolveram outras formas de apresentar suas pautas, como por exemplo as poesias amplamente difundidas entre as populações rurais do interior do sertão nordestino naquele momento.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALGODÃO, Gonzaga Music Entertainment, 2015, 1 vídeo (2min. 45s), Disponível em: <https://youtu.be/IkqXFrD8cRw>, Acesso em: 19/07/2023.
- ALVES, Geraldo. **Entranhas da Terra**, Paulista-PB: Sal da Terra Gráfica e Editora, 2000. 122p
- ARAÚJO, Patrícia Cristina; NEVES, Gildivan Francisco. **No tear da memória, travessias de história da luta do campo no cordel: educar a juventude em direitos humanos**, HOLOS, v. 3, 2017
- ABREU, Martha; SOIHET, Raquel. **Cultura popular, um conceito e várias histórias**. In: Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- ABREU E LIMA, Maria do Socorro de. **Trabalhadores e comunicação: a zona da mata de Pernambuco**, Clío - Série Revista de Pesquisa Histórica – n. 26-2, 2008.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BEZERRA, Holien Gonçalves Bezerra, ENSINO DE HISTÓRIA: conteúdos e conceitos básicos. In: **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas** / Leandro Karnal (org.) - 5.ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 37-48
- BORGES, Nilson. **A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares** In: Ferreira, Jorge; Delgado, Lucila. (org.). *O Brasil Republicano. O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 4
- BURKE, Peter, 1937 – **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.
- CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo; **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia/** Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (org.). Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- COSTA, Maria José Ferreira da. **A arte do improviso na poética de Geraldo Alves: o sertão ao som da viola**. 146f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.
- COSTA, Gislânea Nunes. **Palavras no cordão: Leandro Gomes de Barros e a passagem da literatura oral para a literatura oral escrita (cordel, 1893-1910)**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Unidade Acadêmica de

Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2012.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo, identidades** / Lucilia de Almeida Neves Delgado. -2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 136 p. (Leitura, escrita e oralidade).

DINIZ, Vanessa Dias. **Trajetórias de vida e poesia: poetas e poetisas do movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra em Rondônia**, Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Educação do Campo, Habilitação em Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Rondônia – UNIR – 2022.

FARIAS, Gutemberg Pereira de. **O arrayal queimado do paulista** / Gutemberg Pereira de Farias – 1. ed. Recife: Edição do Autor, 2018.

FAZ PENA UM BRASIL TÃO RICO VIVER COMENDO DE ESMOLA, Avelino Laurentino da Silva, não publicado, Paulista – PB, 20/10/1980.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco (1930-1950)**. Tese (Doutor em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

GRYNSZPAN, Mário. **A questão agrária no Brasil pós-1964 e o MST**. In: FERREIRA Jorge; DELGADO, Lucila (orgs.). O Brasil Republicano. O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 4.

HOJE MENDIGO NA RUA, Avelino Laurentino da Silva Paulista-PB, não publicado, novembro de 1963

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político**. Petrópolis: Vozes, 1981.

MEDEIROS, Leonilde Sérvolo de. **História dos movimentos sociais no campo** / Leonilde Sérvolo de Medeiros. — Rio de Janeiro FASE, 1989.

MEDEIROS, Hadoock Ezequiel Araújo de. **De calça curta e chinela: A poesia de Antônio Francisco na sala de aula**. Campina Grande, 2014.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

MELO, Rosilene Alves de. **Literatura de cordel: historiografia, práticas, arquivos**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30., 2019, Recife. Anais [...]. Recife: UFPE, 2019.

O COMUNISTA SOU EU, Avelino Laurentino da Silva, não publicado, Paulista – PB, 1979.

O QUE EU CONTO DO SERTÃO É ISSO, Beto Novaes, [S.L.], 1 vídeo, (35 min), Disponível em: <https://youtu.be/M2L3iUeW0LA>, Acesso em 19/07/2023.

PAULILO, Maria. **A parceria no sertão paraibano**, in: *Temas Rurais: migrações relações de trabalho*, Rede Nacional de Informações Sobre o Campo Do Nordeste- Vol. 2, nº 5, 1989.

PARAÍBA, lei nº 11.126, de 17 de maio de 2018. Reconhece os municípios de Pombal e Paulista, no sertão da Paraíba, como Patrimônios Culturais do Cordel a partir do centenário da morte de Leandro Gomes de Barros. Diário Oficial do Estado, João Pessoa, 17 de maio de 2018. Disponível em: <http://static.paraiba.pb.gov.br/2018/05/Diario-Oficial-18-05-2018.pdf>. Acesso em: 19/07/2023

SANTANA, Marco A. **Trabalhadores em movimento**: o sindicalismo brasileiro nos anos 1980-1990. In: Ferreira, Jorge; Delgado, Lucila. (orgs.). *O Brasil Republicano. O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 4

SEIXAS, Wilson Nobrega. **O velho arraial de piranhas**. 2. ed. João Pessoa: Grassed, 2004

SILVA, Avelino L. **A LUTA DOS TRABALHADORES E A CONCLAT** Aos trabalhadores e ao povo brasileiro, Encontro Intersindical da Paraíba, Promoção: Comissão Executiva Pró-Unidade Sindical, João Pessoa-PB, 8 e 9 de março de 1982.

SINDICATO dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Paulista-PB, 22/11/77 ofício N°30/77

SINDICATO dos Trabalhadores Rurais de Paulista-PB, documento de 27/06/77.

SINDICATO dos trabalhadores rurais de Paulista-PB. Ofício 17/78. Paulista-PB 05/06/78

SINDICATO dos Trabalhadores Rurais de Paulista-PB, do Presidente do STR de Paulista Pb Ao Sr Presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais do Brasil Paulista Pb, 15.12.1979 Ofício nº 50/79

SINDICATO dos Trabalhadores Rurais de Paulista-PB, Ofício N° 24/85 do presidente do STR de Paulista-PB, ao Exm° Sr Secretário de Agricultura do E. da Paraíba. Paulista-PB, 11/07/85

SOUSA, Verneck Abrantes de. **Nossa história, nossa gente**: a cruz da menina de Pombal. Campina Grande: Gráfica Martins, 2010.

SOUSA, Joice Ribeiro de. **Cantando o sertão em A Inspiração nordestina**: a poesia de cordel de Patativa do Assaré. 2021. Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2021.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VASCONCELOS, Sandra Maria Costa Lia Fook. **A reforma agrária por um fio**: Análise de Discursos na Literatura de Cordel. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 2000.

## ANEXOS

Anexo A—Ofício 17/78 do STR de Paulista-PB

COM SEDE NA RUA JOÃO DANTAS DE ASSIS, 82 DEZEMBRO DE 1976

Paulista, 05/06/78.

Of. 17/78.

Do Presidente do STR de Paulista/PB.  
Aos Diretores da CONTAG de Brasília DF.

Companheiro Presidente da CONTAG.

Primeiramente rogo a Deus tão poderoso que nos ajude na, nossa campanha justa e honrosa, pois nós estamos precisando'' de mais justiça e mais união.

Em virtude de algumas consequências, eu resolvi escrever de minha autoria, o mais humilde ABC, intitulado, ABC do agricultor. E ao mesmo tempo enviar a esta Repartição CONTAG. Solicitando se possível a publicação do mesmo, só porque nós aqui não temos condições para o que solicito. Ao mesmo instante quero que todos fiquem cientes af, que os nossos companheiros do Nordeste continuam cada vez mais prejudicados. Pois este ano, além dos mais anos os Proprietários proibiram os Trabalhadores palantarem feijão e milho nas terras tratorizadas. Duma vez que só quem teve o direito de tratorizar terra foram os maiores proprietários. Os mesmos; o plano agora é plantar capim, além de só consentir plantar semente de algodão, o que acarretou para o pobre situação mais difícil. No entanto está tudo agora sem ganho e sem legume. E o melhor proprietário é o que deu a vez do pobre plantar algodão, porque vai haver safra, para o mesmo comprar o algodão antes da colheita, com a obrigação de ser todo junto no Armazém do patrão. E se não vender na folha o algodão é levado para a firma ou Cooperativa dos políticos, e tão cedo ninguém faz conta, além de ser descontado 500 gramas de cada saco, que feita a experiência os sacos pesa um quilo. E o pior castigo que aflige tudo é a praga da meia, reclamar é asneira, porque diz o proprietário: Eu não interesso morador, o que eu quero é criar boi, morador pode se lascar. Um quilo de carne custa 40,00 CR\$, e um morador não vale 40 centavos! Aqui a CIDAGRO vende mais carne aos agricultores do que o mercado comum, a SUDENE só presta serviço a benefício dela, a terra é com ela mesma. O POLO NORDESTE só trata de estradas, e algum posto médico pelo cam-  
... TER só consulta quem tem as coisas. Fa-  
... ba de matar o pobre.

Fonte: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paulista

## Anexo B—Ofício 30/77 do STR de Paulista-PB

RECONHECIDO EM 29 DE DEZEMBRO DE 1975  
COM SEDE NA RUA JOÃO DANTAS DE ASSIS, 82

Paulista, 22/11/77.

ofício Nº 30/77

do Presidente do STR de Paulista Pb

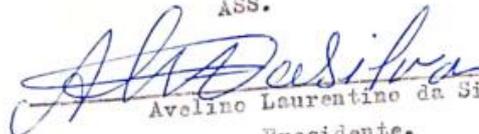
aos Senhores; Edne Tó, Edne Arlindo, Nel Tite e José Nonato Carneiro.

Em virtude do Sr. Joaquim José de Sousa, 59 anos, trabalhador Rural a dois anos na Propriedade do Sr. Mancel Luciano de Sousa, na serra denominada Serra do Moleque, neste município,

O mesmo veio reclamar uma destruição feita na Roça dele pelo gado dos senhores. Em virtude também duma compra de pasto dos senhores José Tó, José Lopes e demais herdeiros. Tendo sido o gado posto na área sem aviso ao prejudicado por parte dos senhores. O qual afirma o gado ter dado prejuízo em algodão para (15) quinze arrôbas milho para cem cuias, e fava para (100) cem litros.

Por me caber tomar conhecimento do fato segundo resa o art. 23 do Estatuto Social, conforme letra a, solicito as presenças dos senhores citados na Sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Gericó, sexta-feira, dia 25 deste, das 11 às 12 horas do dia para se providenciar o prejuízo causado pelo dito gado na roça do citado reclamante. Caso contrário levaremos o caso ao Poder Judiciário com testemunhas conscientes. Muito embora que já se conta hoje com (19) dezenove dias, porém conta-se com pessoas que verificaram de perto a destruição. Saliento ainda que em Gericó torna-se mais favorável, <sup>DEVIDO REDUÇÃO de DESPESAS,</sup> Contando com a boa compreensão dos Senhores aproveite o momento para as minhas considerações em apreço.

ASS.

  
Avelino Laurentino da Silva.

Presidente.

Avelino Laurentino da Silva  
— PRESIDENTE —  
Rua João Dantas de Assis, 82  
C.E.P. 58.860  
Paulista — Paraíba

## Anexo C—Carta do presidente do STR de Paulista-PB sobre a Reforma Agrária

**SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE PAULISTA — PARAÍBA**  
 FUNDADO EM 26 DE JANEIRO DE 1975  
 RECONHECIDO EM 29 DE DEZEMBRO DE 1976  
 COM SEDE NA RUA JOÃO DANTAS DE ASSIS, 82

Paulista, 27/06/77.

Como admirador que sou do boletim Reforma Agrária, pelo esforço e a instrução que faculta a nós, que trabalhamos e lutamos pela Paz Social deste tão querido Brasil, e encontramos muitas vezes tantas dificuldades. Como por exemplo a observância as leis, que facultam o direito de permanecer na Terra. E o que estamos sentindo hoje é a Terra sendo cada vez mais ocupada por aqueles que já dispõem de grande quantidade dela, e haver denuncia contra o S.T.R. Porque o mesmo acôrdo com a Lei, que diz após (10) dez anos de moradia o T.R. não pode ser despejado, e quando acontecer tal desrespeito à lei, se diz que o S.T.R. não pode deixar de ser despejado que permaneça na Terra. Ignoramos este ponto de vista, duma vez que; as autoridades competentes não deram confeccionar uma gravação que se ouviu e se ouve ainda, plante mais que o Governo garante. Eu gostaria que alguém me mostrasse fora da Terra onde o T.R. planta, e sem plantar o que é que o Governo garante para manutenção desta grande Nação.

Aproveito o momento para elevar os nossos protestos de estima e considerações de apreço, a esta digna Diretoria ABRA.

  
 ASS.  
 Avelino Laurentino da Silva.  
 Presidente.

Digitalizado com CamScanner

Fonte: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paulista-PB

Anexo D—Ofício nº 50/79 do STR de Paulista

RECONHECIDO EM 29 DE DEZEMBRO DE 1976  
COM SEDE NA RUA JOÃO DANTAS DE ASSIS, 82

GGC 0920494/0001-10

Paulista Pb, 15.12.1979  
Ofício nº 50/79  
Do Presidente do STR de Paulista Pb  
Ao Sr. Presidente da Confederação Nacional  
dos Trabalhadores Rurais do Brasil.

Companheiro Presidente.

Ainda bastante perturbado com toda família e T. Rurais da região, aproveitamos a oportunidade para comunicar o absurdo e a invasão provocado na Sede deste STR, no dia 09 do mês em curso, por um proprietário de nome José Campos Filho, do Sítio 'Conceição desta município, pelas 8:00 horas da manhã com todo tipo de palavrões e ameaça de morte contra o presidente, AVELINO LAURENTINO DA SILVA, o qual á disposição de todos que lhe procurasse no termo de trabalhos úteis.

Sendo o agressor tratado com bon-humor por parte do Presidente, o que não valeu, para ser ameaçado como ficou dito, insistiu para não sair da Sede, o que fez, após, prometendo de agir na bala contra quem aparecesse a favor do Sindicato ou diretores, inclusive a polícia se tomasse parte. Como fez uma saída voltou a tarde, protestados seus atos na reunião. O mesmo, Sr. José Campos Filho, retornou às 2:00 horas da tarde, quando o Presidente se encontrava conversando de par com a esposa. Quando foi avisado que o citado Sr. vinha de revólver C. 38 em punho para ofensa ao presidente, o mesmo recebendo nefastos desafios revidou algumas palavras pedindo calma, quando houve os primeiros disparos. E em seguida serrou um tiroteio em via pública, não havendo vítimas de morte. Dia 10 do mesmo mês o Presidente pediu providencias as autoridades competentes vindo a polícia garantir a tranqüilidade.

Aproveitamo-nos do mesmo para nossas saudações sindicais.

A \_ DIRETORIA

*Avellino Laurentino da Silva*  
Presidente

Digitizado com CamScanner

Fonte: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paulista-PB

Anexo E—Ofício 07/79, do então presidente da FETAG-PB ao pres. do STR de Paulista-PB Comunicado do 3º Congresso nacional de trabalhadores rurais

João Pessoa, 25 / 04 / 79.

Do Presidente da FETAG/PB

Ao Sr. Presidente do STR DE Paulista

Assunto: III CONGRESSO NACIONAL DE TRABALHADORES RURAIS.  
OFÍCIO CIRCULAR Nº 07/79.

Companheiro Presidente:

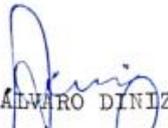
Para participar do III CONGRESSO NACIONAL DE TRABALHADORES RURAIS a realizar-se, nos dias 21 a 25 de maio do corrente ano, em Brasília-DF.; Esse Sindicato deverá contribuir com a importância de Cr\$ 700,00 (SETECENTOS CRUZEIROS), para com a passagem de ônibus, e ficando ainda na sua responsabilidade com as despesas do seu representante no percurso da viagem durante a ida e volta, como ficou acertado no Encontro realizado nesta Federação.

O participante deverá se apresentar nesta Federação, pela manhã do dia 17 de maio para embarque às 20 horas do mesmo dia. As despesas poderão ser feitas pelas verbas das Rendas Próprias ou da Contribuição Sindical.

Reúna a Diretoria e o Conselho Fiscal para decidir qual a renda a ser empregada.

Esse Sindicato, por sua representação, participará da Comissão constante da relação anexa.

C O R D I A L M E N T E:

  
ALVARO DINIZ  
PRESIDENTE

  
ANTONIO F. DE MACEDO  
SECRETÁRIO-GERAL

## Anexo F-Ata de Assembleia Geral do STR de Paulista-PB

**SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE PAULISTA - PARAIBA**

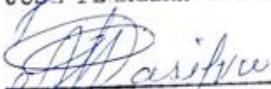
FUNDADO EM 26 DE JANEIRO DE 1975  
 RECONHECIDO EM 29 DE DEZEMBRO DE 1976  
 COM SEDE NA RUA JOÃO DANTAS DE ASSIS, 82  
 C. G. C. 09.264.494 / 0001 - 10

**ATA DE ASSEMBLÉIA GERAL**

Aos dezoito dias do mês de Setembro do ano de mil novecentos e oitenta e oito, às dez horas na sede provisória do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paulista - PB, na Rua Juvêncio Ferreira da Costa, S/N Paulista-PB, foi realizada uma reunião em Assembleia Geral, aonde foram discutidos os problemas da renúncia do ex-presidente JOAQUIM DE MEDEIROS NETO e demais consequências de importâncias sindicais, para através delas se decidir quem assumiria a vaga de Presidente até os quinze dias de maio de mil novecentos e oitenta e nove. Após os debates, os presentes chegaram a um entendimento e de comum acordo, foi escolhido o Sr JOSÉ FERREIRA CAVALCANTE para Presidente, o Sr AVELINO LAURENTINO DA SILVA para continuar como Secretário e o Sr ANTÔNIO ELIAS PEREIRA para Tesoureiro, ficando como suplentes: CORNÉLIO PEREIRA DA SILVA, PEDRO BATISTA DE OLIVEIRA E JOSÉ DA SILVA MORAIS. DELEGADO: JOSÉ FERREIRA CAVALCANTE, AVELINO LAURENTINO DA SILVA E ANTÔNIO ELIAS PEREIRA.

Em virtude da aceitação de bom humor dos presentes, não houve alteração no Conselho Fiscal, continua: ANTÔNIO CÂNDIDO DO NASCIMENTO, CEZÁRIO FERREIRA DA SILVA e BENEDITO FRANCISCO CAVALCANTE, em virtude também de JOÃO JOSÉ DA SILVA ter falecido dias atrás e por estar tudo normal como devia, fizemos a presente ATA que foi feita após todos participarem do evento que realizou-se em paz, o Presidente da Assembleia convidou a Diretoria para assinar a presente ATA.

  
 \_\_\_\_\_  
 JOSÉ FERREIRA CAVALCANTE-Presidente

  
 \_\_\_\_\_  
 AVELINO LAURENTINO DA SILVA-Secretário

  
 \_\_\_\_\_  
 ANTÔNIO ELIAS PEREIRA -Tesoureiro.

Anexo G—Certificado de capacitação sócio sindical de Avelino Laurentino da Silva emitido pela CONTAG



CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA

**CERTIFICADO**

emitido a

\_\_\_\_\_  
AVELINO LAURENTINO DA SILVA

por ter participado do TREINAMENTO DE CAPACITAÇÃO SÓCIO-SINDICAL  
realizado no período de 25/10 a 15/11/77

\_\_\_\_\_  
no CENTRO DE ESTUDOS SINDICAIS RURAIS - CESIR .

Brasília (DF), 15 de novembro de 1977.

\_\_\_\_\_  
JOSÉ FRANCISCO DA SILVA  
PRESIDENTE

Digitizado com CamScanner

Fonte: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paulista-PB

Anexo H—Carta do deputado Wilson Braga ao presidente do Sindicato rural de Paulista, Avelino Laurentino



CÂMARA DOS DEPUTADOS  
Primeira Secretaria

Brasília, 3 de maio de 1979

Meu caro AVELINO LAURENTINO

Ao encaminhar à Comissão de Trabalho e Legislação Social, da Câmara dos Deputados, o anteprojeto de atualização da Consolidação das Leis do Trabalho, o Ministro Murilo Macedo procurou sintetizar o objetivo do Governo em uma curta frase, que a mim pareceu franca e espontânea: "Uma demonstração da prática da democracia".

E acrescentava o Ministro do Trabalho, para nós, parlamentares: "É necessário o regime de participação ao debate nacional".

Por isso mesmo, como a democracia é feita com o debate, a participação de todos, envio-lhe uma cópia da matéria governamental, para que seu Sindicato reúna-se e promova um amplo debate. Sugira alterações, aponte falhas.

E para mim, que sempre procurei corresponder às reais aspirações das classes trabalhadoras, terei a satisfação de defender suas posições, aqui em Brasília, como parlamentar.

Espero, portanto, sua colaboração.

Com um abraço,

  
Deputado WILSON BRAGA  
Primeiro Secretário

Anexo I-Ofício nº 24/85

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE PAULISTA - PARAIIBA

FUNDADO EM 28 DE JANEIRO DE 1975  
 RECONHECIDO EM 29 DE DEZEMBRO DE 1976  
 COM SEDE NA RUA JOÃO DANTAS DE ASSIS, 82  
 C. G. C. 09.264.434/0001-18

Ofício Nº 24/85  
 do Presidente do STR de Paulista-PB,  
 ao Exmº Sr Secretário da Agricultura de E.da Paraíba.

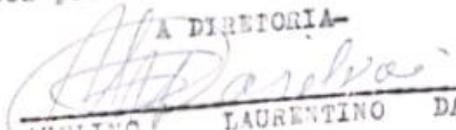
Paulista-PB, 11/07/85

Mestre Sr Secretário,

Através deste vizes em nome de todos Trabalhadores Rurais deste município pedir que seja encaminhada a EMERAPA por Vossa Exª a nossa reivindicação, de que a mesma proceda uma análise de estudo ou pesquisa sobre as nossas áreas de plantações, inclusive melões, e mais breve possível para que tenhamos condições de promover uma nova cultura, visto que a praga do Bicuê neste município torna-se incontornável. Haja visto este ano e próximo é incalculável e os produtores não poderão saldar seus débitos no Banco e muito menos esperar por um estudo prolongado, quando a necessidade de preparo do solo se faz necessária antes de mês de janeiro de próximo ano de 1986. Esta é uma reivindicação de todos Trabalhadores Rurais que participaram de uma reunião no dia 07 de mês recente em número de 54, para a qual haviamos formulado convite a própria Secretaria de Agricultura do Estado segundo Ofício Nº 20/85 da STR de Paulista e não tivemos esta virtude para mostrar ao vivo a triste situação de 80% da cultura algodoeira, e que sem uma providência seria não poderemos mais fazê-la, porque os Trabalhadores poderão conviver com o Bicuê, mas o algodão não pode. Nas nossas sugestões dentro da cultura que conhecemos, no caso de não haver controle do Bicuê já temos em vista outras culturas que havendo uma política agrícola e investimente poderemos optar como por exemplo: mamona, feijão, gergilim e que mais produz em grande parte deste município, fora disso seria útil irrigação para todos fora das margens dos rios devido as inundações, ou para melhor interesse haja diálogo com os STRs, os órgãos de governo com os Trabalhadores antes que seja tarde demais. Aguardamos algumas sugestões para soluções.

Com os nossos protestos da mais alta e estima Cordiais Saudações.

A DIRETORIA-

  
 LAURENTINO DA SILVA

Anexo J—Carta do então presidente do STR de Paulista ao Assessor do ministro do trabalho

Ao Exmo. Sr. Dr. ~~Dr.~~ Toscano, Paulista/PB.  
Assessor do Sr. Ministro do M.T.B,  
de Brasília — DF.

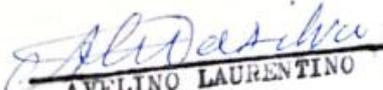
Exmo. Sr. Dr. ~~Dr.~~ Toscano,  
meu cordial abraço!

Em primeiro lugar quero dizer aos Dirigentes do M.T.B, que, como sempre fomos muito felizes no simpósio deste ano aí em Brasília. Com a nossa volta para o campo trouxemos as mensagens do novo Ministério para os nossos companheiros, que receberam-nos com muita alegria. Isso porque, sentiram que os nossos encontros geram entre os demais frutos indestrutíveis, entre o homem do campo e as autoridades competentes.

Outro assunto, como eu disse a V. Exã. Em todo Sindicato que chego ou me encontro, sempre me é cobrado o folheto que escrevi sobre o encontro de dirigentes sindicais em agosto do ano passado, 1977. Então como não foi possível a impressão do mesmo até o nosso encontro este ano 1978, solicito de V. Exã, se não for possível a impressão aí em Brasília e o Ministério do Trabalho quizer me dar uma ajuda para a impressão do mesmo, ficarei ternamente grato, se não, peço por gentileza a devolução do original, porque quero apresentá-lo aos que me cobram, para cumprir o que prometi. Porém aguardo confiante a ajuda. Contanto que tudo ande e continue como antes, cresça mais o nosso entendimento e as amizades se multipliquem, e o nosso Brasil vibre no amor, na prosperidade e na paz social.

Sendo o que nos aferesia para o momento, renovamos as nossas considerações em apreço e saudações sindicais.

Ass.

  
\_\_\_\_\_  
AVELINO LAURENTINO DA SILVA.

Anexo K—Carta do presidente do STR de Paulista a José Carlos Arcoverde Nóbrega

**SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE PAULISTA — PARAÍBA**

FUNDADO EM 26 DE JANEIRO DE 1975  
RECONHECIDO EM 29 DE DEZEMBRO DE 1976  
COM SEDE NA RUA JOÃO DANTAS DE ASSIS, 82

Paulista Pb, 01/10/1977.

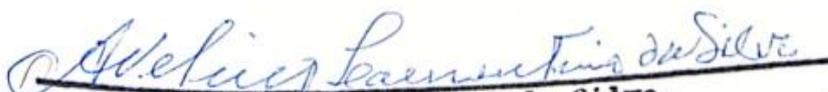
Exmo. Dr.

José Carlos Arcoverde Nóbrega, meu amplexo.

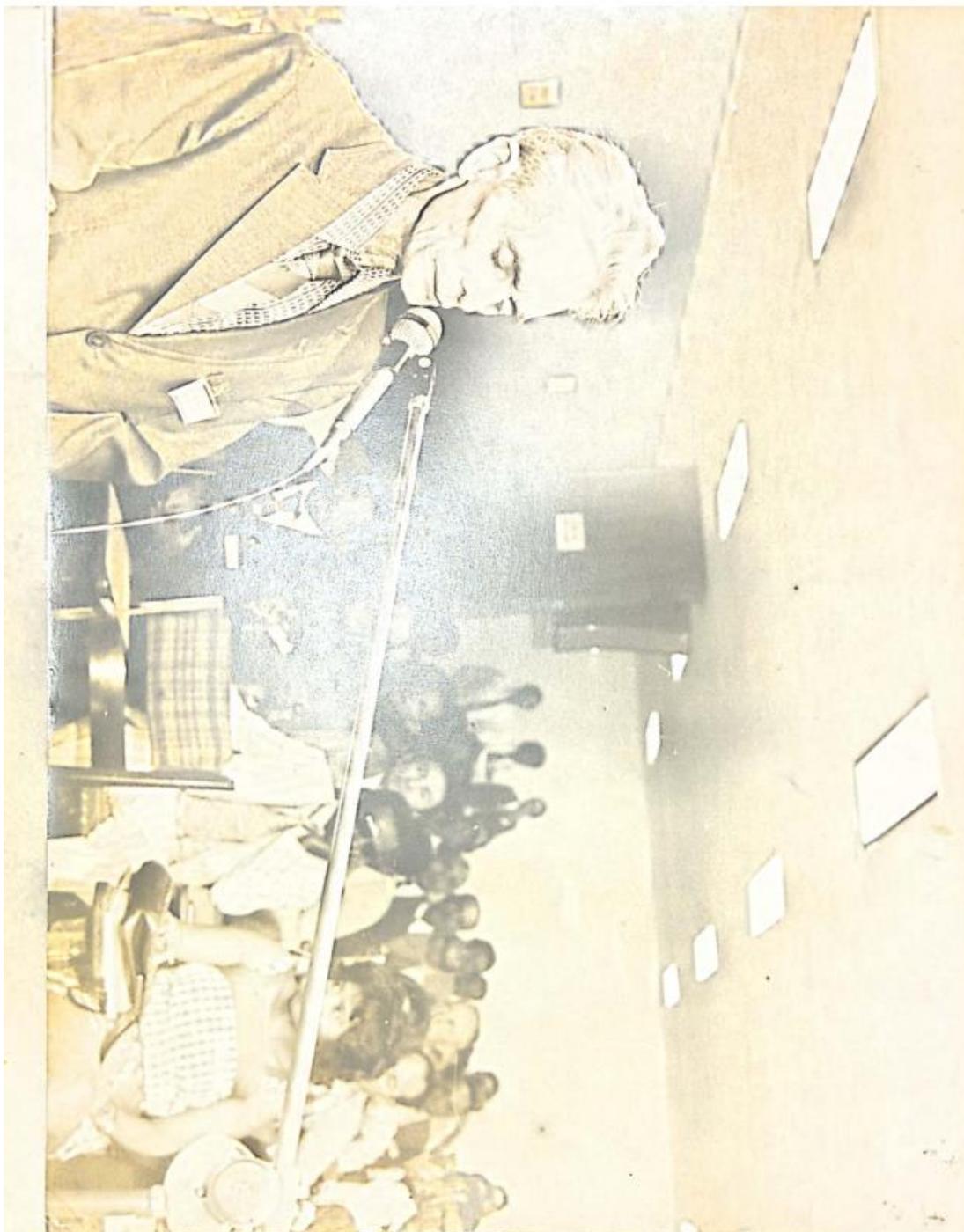
Semente hoje é que me foi possível chegar com o meu compromisso. Aqui está a tipo do folheto para ser impresso, segundo ficamos certos. Não de fato uma obra privilegiada composta de expressões e português, somente existe nela é aquilo que se viu sentiu e se achou conveniente em caso de acontecimento, principalmente a tom de brincadeiras com algumas alterações por parte do autor, porque sempre se faz necessário quando se quer que se entenda ao acontecido. Como o poeta tem direito as rimas que a Natureza lhe faculta, ele faz uso delas mesmo sem conhecer as letras. Então foi o que aconteceu com seu humilde poeta, que confiante em Vossa Ex<sup>cia</sup>, vem solicitar que seja impresso o citado folheto para melhor se reviver a ida e volta a Brasília. Faço saber também a V. Ex<sup>cia</sup> que por motivo superior foi a demora do trabalho, e também não é possível ir até aí, mas envie também o modelo da capa, que será feita em papel de cor, pode ser; verde, amarelo, azul etc. Creio que a tipografia vai dizer que só imprime de mil acima. Estarei aí aos 17/10/ próximo.

Saudações de apreço a V. Ex<sup>cia</sup>

Ass. Seu servo.

  
Avelino Laurentino da Silva.

Anexo L–Fotografia do poeta Avelino Laurentino em discurso aos trabalhadores rurais



Digitalizado com CamScanner

Fonte: acervo particular da família do poeta Avelino Laurentino da Silva

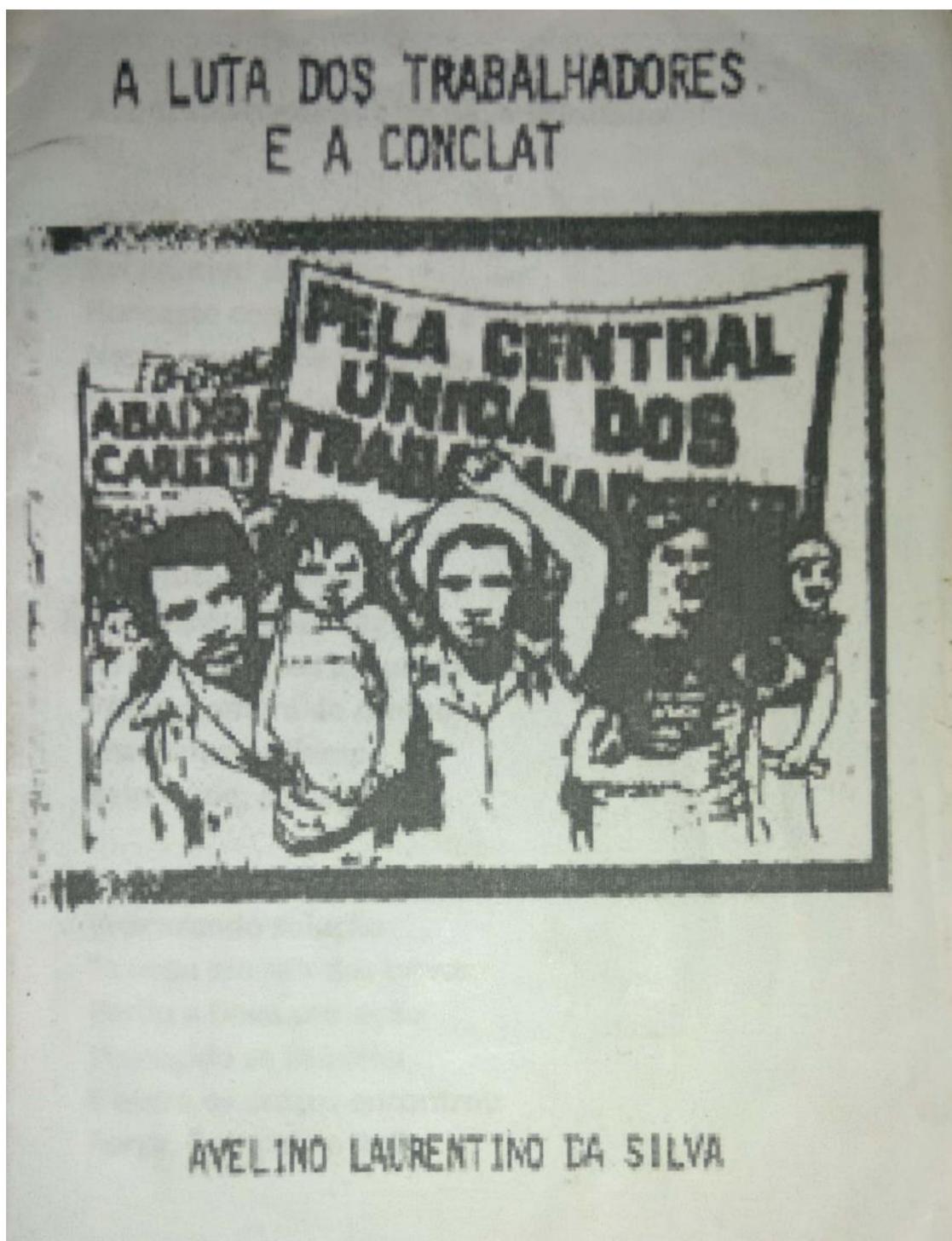
## Anexo M—Carta da autora Maria Ignez S. Paullilo ao poeta Avelino Laurentino

Florianópolis, 01 de março de 1990

Em 1978, quando fiz uma pesquisa mista  
trigiza, seu Laurentino me deu algumas poesias  
de presente. Parte de uma delas está publicada  
na p. 23. Como era muito comprida, me  
pedimos publicá-la toda

Um abraço  
Maria Ignez S. Paullilo

Anexo N—Capa do Cordel “A LUTA DOS TRABALHADORES RURAIS E A CONCLAT” de autoria do poeta Avelino Laurentino da Silva



Fonte: Domínio público

Anexo O—Poesia “Hoje mendigo na rua” de autoria do poeta Avelino Laurentino da Silva

### HOJE MENDIGO NA RUA

Sou obrigado a contar Uma história contra o gosto Porque vejo alguém lançar Algum benefício em rosto O meu passado eu contemplo E para servir de exemplo Minha vida contarei Tão forte e tão resistente No tempo de antigamente E a que ponto cheguei.	Assim o tempo foi indo No pesado eu me acabando Era eu diminuindo E meu patrão aumentando A família no estudo E para transportar tudo Tinha Ford e Chevrolet E eu sofrendo destroço Muitas vezes sem almoço Ia pra feira de pé.	Bonita propriedade Onde tanto trabalhei A onde a necessidade Maior do mundo eu passei Lá sepultei saúde Só fui bom enquanto pude Trabalhar e dar produto Pra outros foi a reserva Pobre é semelhante a erva Só presta enquanto dá fruto.
Por não ter onde morar Fui morador alugado Disposto a trabalhar Na pá enxada e machado Na marreta era um perigo E pra competir comigo Só se fosse um cabra forte Não sendo não tinha gosto Me deram um título composto Braço de Leão do Norte.	Fruta, pão, banana e pinha Bolo, bolacha e salada Lá tudo meu patrão tinha E eu cá não tinha nada Bebida na geladeira Ele tinha de primeira Para quem o visitava Todo mês fazia festa Porém uma farra desta Para mim nunca chegava	Quando uma festa havia Na casa do meu patrão Eu, como pobre não ia Pra rica reunião A falta de roupa e trato A diversão era o mato Passando a noite e o dia Sem coisa alguma gozar Pois não sendo pra forçar Meu patrão não me queria.
E assim me dediquei Trabalhando sem cansaço Muita coisa edifiquei Com a força do meu braço Cercando casa e curral Por dentro de matagal Que cabra mole não ia Como cabra destemido Atrás de gado sumido Na mais feia serrania.	Na família do patrão Tem capitão e tenente Bacharel de anelão Na Câmara tem Presidente Padre, Bispo e Professor No rádio tem locutor Do suor que derramei Fazem que nunca me viram Na classe um terço subiram E mais dum rosário eu baixei.	– Se a doença me atacava Eu queixa alguma fazia Porque ele não gostava Quando a notícia ocorria Para ele era um tormento Doutor e medicamentos Pra tratar de morador Nem sequer ia me ver E dizia pra ofender Tudo é preguiça esta dor.
Em tempo de sequidão A própria vida arriscava Procurando pra ração Gado que ali faltava Um bezerro que morria Tirando o couro eu trazia Como por obrigação O salário quase nada Além da roupa rasgada Descalço e de pés no chão.	Na casa de moradia Tem rádio e televisor Água encanada e fria Vitrola e ventilador Um jardim arborizado Um Palacete, um Sobrado Pintura de multicores Neste edifício bonito Todo dia eu vejo escrito Retrato das minhas dores.	E nesta situação Minha saúde acabou-se Talento e disposição Tudo de mim ausentou-se Doente numa cabana Feita de palha de cana Mas foi preciso arribar Pois nesta propriedade Homem desta qualidade Não pode nela morar.

Tudo na vida se foi  
 Coragem, força e saúde  
 Hoje recebo perdoe  
 E não se alega uma virtude  
 Sobre tantas condições  
 Rete para muitos milhões  
 Eu dei de ida e de volta  
 Mas aqui está a verdade  
 Dor, queixa, mágoa e saudade  
 Só com a morte se finda.

De dinheiro paguei juro  
 De lavoura paguei meia  
 Cinquenta anos dei duro  
 E saí por cabra de peia  
 Com o nome de vagabundo  
 Olhando pra todo mundo  
 Mas por usar um bastão  
 Devido a grande miséria  
 Quem mais sugou-me a matéria  
 Me chama até de ladrão.

Se a um vou implorar  
 Daqueles mesmos senhores  
 Que sofri para lhes dá  
 O valor dos seus labores  
 Na hora que estão bebendo  
 Parece que estão vendo  
 Perto um suíno ou um cão  
 Contra mim todos se atiram  
 Fazem que nunca me viram  
 E cada um dá-me um bicão.

Um me manda trabalhar  
 Outro diz uma piada  
 Outro manda eu desabar  
 Com perdoe, liso e sem nada  
 Um puxa em minha sacola  
 Outro diz quem pede esmola  
 Devia ser exilado  
 Além de negar-me o pão  
 Nega a parte de irmão  
 Deste Cristo angustiado

Meu Jesus onipotente  
 Tu que és grande e não tens falha  
 Dai-nos um bom presidente  
 Que proteja a quem trabalha  
 Tu também sofreste sede  
 Sem casa, sem pão, sem rede  
 Como eu na tirania  
 Também foste massacrado  
 Porém formaste um reinado  
 Só de paz e alegria.

Trabalhei pra meu País  
 O Estado, O Município  
 Alguém goza e é feliz  
 Porque foi belo o princípio  
 Eu como máquina corria  
 Doente a carne ou sadia  
 Minha sentença era crua  
 Má, descalço e censurado  
 Dos mais felizes odiado  
 “HOJE MENDIGO NA RUA”.

*Avelino Laurentino da Silva*  
*Paulista -PB, Novembro de 1963*

Fonte: Acervo particular da família de Avelino Laurentino da Silva

Anexo P–Poesia “Faz pena o Brasil tão rico e viver comendo de esmola” de autoria do poeta Avelino Laurentino da Silva

---

**FAZ PENA O BRASIL TÃO RICO  
E VIVER COMENDO DE ESMOLA**

Brasil dum povo tão bravo  
de esforço, trabalho e luta  
de minério e mata bruta  
que o mundo o tem como alvo  
prá muitos serve de escravo  
de cangalha e rabichola  
o menor é quem se atola  
alguém faz dele um burrico  
*Faz pena um Brasil tão rico  
e viver comendo de esmola.*

Em riquezas naturais  
no solo e subsolo  
imita o Céu de Apolo  
em pedras, extrato e metais  
manganês, ouro e outros mais  
borracha, rezina e cola  
água térmica e castanhola  
se falar diz que é fuxico  
*Faz pena um Brasil tão rico  
e viver comendo de esmola.*

Só é mal distribuída  
no Brasil sua riqueza  
apesar que a natureza  
deu tudo pra nossa vida  
devia ser protegida  
esta Pátria que se enrola  
mas os grandes nos enrola  
comem tudo e dão um tico  
*Faz pena um Brasil tão rico  
e viver comendo de esmola.*

Brasil de Pedro Cabral  
Brasil de Pedro Primeiro  
Brasil que encheu de dinheiro  
os cofres de Portugal  
é Brasil que o pessoal  
de longe é que nos enrola  
devido essa corriola  
aqui ninguém abre o bico  
*Faz pena um Brasil tão rico  
e viver comendo de esmola.*

Desde dos tempos dos reis  
que nosso povo é sujeito  
neste Brasil não tem jeito  
nem com projetos nem leis  
somente os mandões têm vez  
colhem flor, ramo e corola  
pro resto existe é pistola  
e palmatória de angico  
*Faz pena um Brasil tão rico  
e viver comendo de esmola.*

PRÓ-TERRA nada criou  
SUDENE e POLONORDESTE  
pesquisa, projeto e teste  
ao povo sacrificou  
quem tinha mais encanou  
PROVALE prendeu a bola  
a cabola que era mola  
a China gritou eu fico  
*Faz pena um Brasil tão rico  
e viver comendo de esmola.*

Quede o projeto jari?  
e a serra dos carajás?  
terra, floresta e metais  
foi a maior que eu já vi  
a serra pelada em si  
faz ouro que dá gandola  
breve o petróleo controla  
toda espécie de fabrico  
*Faz pena um Brasil tão rico  
e viver comendo de esmola.*

Tanta terra sem plantios  
tanta criança sem rede  
tanta da gente com sede  
sobrando água nos rios  
e os grandes desafios  
pra técnica, indústria e escola  
quede a verdadeira mola?  
de governo a quem critico?  
*Faz pena um Brasil tão rico  
e viver comendo de esmola.*

Oh Deus! daí inspiração  
ao povo governante  
para acordar o gigante  
a bem da nossa Nação  
não o deixe dormir mais não  
se não o tempo o acrisola  
e o gigante se atola  
e até eu me prejudico  
*Faz pena um Brasil tão rico  
e viver comendo de esmola.*

Deputados, senadores  
governante general  
convoque o povo em geral  
contra tantos corruptores  
protejam os trabalhadores  
que plantam a quem são a mola  
confiem o campo e a bola  
que haverá melhor fabrico  
*Faz pena um Brasil tão rico  
e viver comendo de esmola.*

*Avelino Laurentino da Silva  
Paulista – PB, 20/10/1980*

Anexo Q: Poema “O comunista sou eu” de autoria do poeta Avelino Laurentino da Silva

### O COMUNISTA SOU EU

Baseado numa lei  
que me orienta e irmana  
visto que é soberana  
meus direitos confiei  
seus artigos consultei  
me senti todo apoiado  
sem pensar ser censurado  
como um justo agricultor  
por agente do terror  
quase era metralhado.

Por viver da plantação  
empregando a força bruta  
com cinquenta anos de luta  
forçando e ganhando o pão  
por mim e toda nação  
daqui e de mais além  
mando muito e pouco vem  
vendo dez e compro um til  
até ração pro redil  
se eu não fizer ninguém tem.

Por defender o que é meu  
sou mal visto e mal tratado  
sou preso sou processado  
ninguém sofre como eu  
tanto homem que aprendeu  
as coisas duma nação  
não sabe que nosso pão  
é de sangue e de suor  
embora o prato melhor  
é pra quem faz opressão.

Sou tratado como um réu  
porque sou um morador  
na terra do meu senhor  
nem tenho terra nem céu  
sou um pobre tabaréu  
perseguido e odiado  
analfabeto rasgado  
o patrão não me respeita  
antes do fim da colheita  
invade a roça com gado.

Não sei porque tanta intriga  
tanto ódio e tanto orgulho  
se a matéria é um vasculho  
terra não enche barriga  
o rico é como formiga  
por terra é do mesmo jeito  
deixa o pobre num estreito  
por baixio gruta e aba  
tem terra que não acaba  
e só come se encontrar feito.

Tem poder absoluto  
só ele é quem é exato  
pega a lei joga no mato  
repudia o estatuto  
da terra, diz que eu sou bruto  
queima casa e mata gente  
marginaliza inocente  
prende gado e mata bode  
só ele manda ele pode  
ninguém toma sua frente.

Onde a lei é soberana  
o rico é rei coroado  
Sindicato é torturado  
ano mês dia é semana  
pela classe desumana  
grupo fortemente armado  
tenente argente soldado  
criminoso e pistoleiros  
protegendo aos grileiros  
e matando advogado.

São contra a religião  
perseguem nosso pastor  
sequestram causam pavor  
tomam terra atrasa o pão  
diante a decepção  
a justiça não figura  
três coisas faz a mistura  
poder, dinheiro e política  
diante o medo e a crítica  
se elimina a agricultura.

O rico sempre se sai  
parece até um desprezo  
o pobre mata e vai preso  
o rico mata e não vai  
se na justiça ele cai  
se abala vila e cidade  
fica com guarda a vontade  
ali ninguém abre o bico  
melhor a prisão do rico  
do que o pobre em liberdade.

Porque quero trabalhar  
sou contra o ócio e o crime  
o latifúndio me oprime  
e jura de me matar  
se de um consigo escapar  
o outro está de espia  
troco a noite pelo dia  
sem Ter direito a sossego  
até pareço morcego  
distante da moradia.

Por lutar por liberdade  
por maior independência  
alguém por inconsciência  
me fere a dignidade  
por ter amor a verdade  
alguém me chama de ateu  
por honra que Deus me deu  
detestar a corrupção  
e defender meu irmão  
O COMUNISTA SOU EU.

*Avelino Laurentino da Silva*  
*Paulista – PB, 1979*

Fonte: Acervo particular da família do poeta Avelino Laurentino da Silva

Anexo R–Poema “Belarmino não morreu” de autoria do poeta Avelino Laurentino da Silva

## BELARMINO NÃO MORREU

Aos vinte dias do mês  
de março de oitenta e dois  
Jesus chamou Belarmino  
nova vida lhe propôs  
ele aceitou o convite  
e a obedecer se dispôs.

Voou nas asas de Deus  
buscando a santa mansão  
levando lindos poemas  
ricos de rimas e expressão  
para decantar no céu  
as belezas do sertão.

Talvez devido a saudade,  
de sua esposa tão bela  
que a setenta e sete dias  
estava pensando nela  
fez um poema de amor  
e foi dar de presente a ela.

Os oitenta e sete anos  
não foram suficiente  
para frustrar seu pudor  
nem torná-lo inconsciente  
seu eu de honestidade  
deu exemplo a muita gente.

Como poeta e cantor  
o mundo lhe aplaudia  
prudente, mas generoso  
um gênio na poesia  
cantava ao som da viola  
tudo que a natura cria.

Geografia e ciência,  
português e matemática  
céu, terra, mar e planetas  
pela a consciência e prática,  
professor de rima viva  
enciclopédia didática.

Exímio, bom, respeitoso  
expressão na caridade  
depósito de crença em Deus  
servo da paz e bondade  
defensor dos mais humildes  
de Deus e da cristandade.

Apesar de camponês,  
pouca coisa ignorava  
sabia se colocar  
a onde alguém ordenava  
conforme fosse o assunto  
Belarmino cooperava.

Conhecia a escritura  
e valorizava a cruz  
era muitas vezes mais  
do que, o que eu já compuz  
fez de Solon um ministro  
e deu de presente a Jesus.

Era um Jacó lutador  
só ao erro ele temia  
pensador como Aristóteles  
forte como a energia  
valorizador da honra  
e despido da covardia.

Sua palestra sadia  
entre sábio e camponês  
valia a pena se ouvir  
pela sua polidez  
gramático por natureza  
profundo no português.

Poeta como ninguém  
prudente, enérgico e viril  
encantável em seus poemas  
cheios de belezas mil  
inteligente e o maior  
glosador do meu Brasil.

Finalmente Belarmino,  
de tudo tinha noção  
nato, impoluto e fecundo  
imortal desta nação  
o Brasil vai venerá-lo  
no fundo do coração.

Entre riso, dor e pranto  
seu braço nunca torceu  
a confiança era em Cristo  
por isto sempre venceu  
e esta é a prova que  
Belarmino não morreu.

**Vale como homenagem  
ao inesquecível amigo e  
compadre Belarmino de  
França.**

*Avelino Laurentino da Silva  
Paulista – PB, 21/03/82*

Fonte: Acervo particular da família do poeta Avelino Laurentino da Silva